

ELIANE GONÇALVES DE LIMA

**A PEDAGOGIA TERENA E A CRIANÇA DO PIN NIOAQUE:
AS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, COMUNIDADE E ESCOLA**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE - MS
2008**

ELIANE GONÇALVES DE LIMA

**A PEDAGOGIA TERENA E A CRIANÇA DO PIN NIOAQUE:
AS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, COMUNIDADE E ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Defendida no dia 01 de abril de 2008, considerada aprovada pela banca examinadora que atribuiu nota máxima com louvor e recomendação para publicação futura de acordo com a ata de defesa lavrada na ocasião.

Linha de Pesquisa 3: Diversidade Cultural e Educação Indígena.

Orientadora: Adir Casaro Nascimento



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CAMPO GRANDE - MS
FEVEREIRO - 2008**

**A PEDAGOGIA TERENA E A CRIANÇA DO PIN NIOAQUE:
AS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIA, COMUNIDADE E ESCOLA**

ELIANE GONÇALVES DE LIMA

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Ribamar Bessa Freire

Prof. Dr. Antônio Jacó Brand

Prof^ª. Dr.^a. Adir Casaro Nascimento
(orientadora)

Dedico este trabalho aos meus pais, que me ensinaram a viver nesta sociedade não-índia, sem me esquecer da minha identidade indígena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por designar duas pessoas especiais, Pedro e Célia, para guiarem meu caminho e dos meus irmãos.

Aos anciãos do PIN Nioaque nas pessoas de: João Barriga, Zé Canela, Tia Francisca, Dona Astrogilda, que com seus ensinamentos contribuíram para a descrição da pedagogia Terena.

Aos professores indígenas do PIN Nioaque, nas pessoas de Hamilton Gonçalves, Nedir Marques, Pedro Vitorino, Lucinei Cotócio, Crispim do Carmo, Valdelirio Marques, e aos alunos da Escola 31 de Março e suas extensões: Leôncio Marques (aldeia Cabeceira), Capitão Vitorino (aldeia Água Branca) e Cipriano da Silva (aldeia Taboquinha), que contribuíram diretamente para elaboração e realização deste trabalho.

A minha orientadora Adir Casaro Nascimento, pela paciência e dedicação.

Ao meu esposo e aos meus filhos, que souberam me incentivar e compreender minha ausência.

A CAPES, pela concessão da bolsa de estudo, pois sem ela este trabalho não se realizaria.

Aos meus colegas de estudo, com quem convivi neste período e que compartilharam comigo: alegrias, tristezas, dúvidas, sonhos, esperanças e diferenças.

*Quando a terra mãe era nosso alimento,
Quando a noite escura formava o nosso teto,
Quando o céu e a lua eram nossos pais,
Quando todos éramos irmãos e irmãs,
Quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
Quando a justiça dirigia a lei e sua execução,
Aí outras civilizações chegaram!
Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as riquezas,
Trazendo numa mão a cruz e na outra a espada,
Sem conhecer ou querer aprender os costumes de nossos povos,
nos classificaram abaixo de animais, roubaram nossas terras
e nos levaram para longe delas,
transformando em escravos os filhos do sol.
Entretanto não puderam nos eliminar,
nem nos fazer esquecer o que somos...
E mesmo que nosso universo inteiro seja destruído,
nós sobreviveremos por mais tempo que o império da morte!*

(Declaração Solene dos Povos Indígenas,
escrita em 1975)

LIMA, Eliane Gonçalves. **A pedagogia terena e as crianças do PIN Nioaque:** as relações entre família, comunidade e escola. Campo Grande, 2006. 173p. Dissertação (Mestrado) em Educação - Universidade Católica Dom Bosco.

RESUMO

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena do Mestrado em Educação - UCDB e tem como objetivo observar, registrar e estudar os processos próprios de aprendizagem no contexto da pedagogia Terena, bem como os fatores que contribuem para a construção dessa pedagogia nos espaços em que a criança circula, como o núcleo familiar, o contexto da comunidade e o espaço escolar. A pesquisa foi realizada no Posto Indígena (PIN) Nioaque, localizado no município de Nioaque/MS, e o procedimento metodológico realizado em quatro fases: 1) revisão bibliográfica sobre a temática (cultura e história Terena, criança e criança indígena); 2) observação etnográfica das relações estabelecidas na Aldeia; 3) coleta de relatos orais dos anciãos; 4) categorização e interpretação dos dados coletados. Pode-se afirmar que a pedagogia Terena vem, ao longo de muitos anos, contribuindo para o processo de construção da identidade das crianças deste PIN, não deixando de lado seus saberes tradicionais, o que é responsabilidade da comunidade indígena como um todo, tornando-se símbolo de resistência, pois, ao mesmo tempo em que mantém seus eixos norteadores - a tradição oral, o valor do exemplo e o valor da ação como princípios epistemológicos e pedagógicos - , ressignifica seus valores para a construção da identidade das crianças indígenas e seus membros, dialogando em um contexto intra e intercultural (negociações, articulações e alianças).

Palavras-chaves: Pedagogia indígena. Criança Terena. Processos próprios de aprendizagem.

LIMA, Eliane Gonçalves. **The Terena pedagogy and the PIN from Nioaque**: relationship among family, community and school. Campo Grande, 2006. 173p. Dissertation (Master) in Education - Dom Bosco Catholic University

ABSTRACT

This research in the Cultural Diversity and Indigenous Education of Education Master – UCDB and aims observe, register and study the learning process in the *Terena* pedagogic environment, as the factors that contribute to the development of this pedagogy in the places where the children are living, as the family, the community and the school. The research was carried on in the Indigenous place (PIN) Nioaque, located in Nioaque city state of M.S. and the methodological process done in four stages: 1) bibliography review about the theme (Terena culture and history, child and Indigenous child); 2) ethnographic observation of the established relations in the village; 3) collection of oral reports from ancient people; 4) collected data categorization and interpretation. We can state that Terena pedagogy, across the years, has contributed to the these children from this PIN identity building process without leaving their traditional knowledge, becoming a resistance symbol, while keeps their origins – the oral tradition, example value and action value as epistemological and pedagogical principles- redefine their values to build the Indigenous children identity and their members, speaking in a intra and intercultural context (negotiations, articulations and alliances).

Key-words: Indian Pedagogy. Terena Child. Learning process.

SIGLA E ABREVIACÕES

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação e do Desporto

RFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

RCNEI - Referencial Nacional Curricular para as Escolas Indígenas

PIN - Posto Indígena

SPI - Serviço de Proteção aos Índios

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa de localização do Posto Indígena Nioaque - Município de Nioaque/MS	23
FIGURA 2 - Residência Terena/Aldeia Cabeceira/PIN - Nioaque/MS.....	35
FIGURA 3 - Pedido para que o temporal passe logo	47
FIGURA 4 - Minha mãe, Célia Gonçalves com os netos	60
FIGURA 5 - Mulheres da aldeia Água Bonita/ Campo Grande/MS	63
FIGURA 6 - Crianças Terena da aldeia Cabeceira	73
FIGURA 7 - Mãe e criança Terena da Aldeia Água Branca	73
FIGURA 8 - Crianças Terena da aldeia Água Branca	74
FIGURA 9 - Homens trabalhando na roça	77
FIGURA 10 - Crianças Terena na Aldeia Cabeceira	79
FIGURA 11 - Crianças Terena se preparando para apresentação da Dança do Bate Pau e do Putu-Putu	87
FIGURA 12 - Crianças Terena na extensão Capitão Vitorino/Água Branca/PIN Nioaque/MS.	94
FIGURA 13 - Criança indígena Terena	96
FIGURA 14 - Crianças Terenas/Aldeia Cabeceira	96
FIGURA 15 - Crianças Terena na extensão Capitão Vitorino/Aldeia Água Branca.....	99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1	
AS COMPLEXIDADES CONTEMPORÂNEAS DA ALDEIA	23
1.1 A CHEGADA DOS TERENA E A CONSTITUIÇÃO DO PIN NIOAQUE.....	25
1.2 AS NOVAS CRENÇAS E AS CRENÇAS TRADICIONAIS	40
1.3 A LÍNGUA.....	47
1.4 OS VALORES ÉTNICOS: RELAÇÃO DE PARENTESCO, MITOS, CASAMENTOS, REGRAS, CONSELHOS E OS PRINCÍPIOS PARA UMA PEDAGOGIA INDÍGENA.....	52
CAPÍTULO 2	
PEDAGOGIA TERENA: TRADIÇÃO - TRADUÇÃO E AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA, A COMUNIDADE E A ESCOLA	62
2.1 A PEDAGOGIA TERENA NAS RELAÇÕES FAMÍLIA E COMUNIDADE.....	67
2.2 PEDAGOGIA TERENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110
ANEXO	114

INTRODUÇÃO

Falar da comunidade indígena Terena, em especial a da região de Nioaque, proporciona para mim muitas recordações e saudades de pessoas que contribuíram para o que sou hoje e não estão mais aqui. De tudo isso, trago marcas localizadas e distribuídas em todo o meu ser, de contribuições para ser quem sou hoje, da maneira como vejo o mundo, de resolver problemas.

Da comunidade indígena, trago a ascendência, que se demonstra na maneira de ser, embora compreenda que vivo uma identidade multirreferenciada, pois sou filha de indígenas, esposa de um marido não-índio, que dialoga comigo diante dos seus processos de ex-seminarista, filósofo, educador e pai. Sou mãe de dois meninos, (que brincam na aldeia e moram na cidade), professora de escola não-indígena da rede pública de ensino.

Esse lugar de que falo, é hoje muito diferente de tempos atrás quando a água era de cacimba¹, não existia energia elétrica e o acesso era muito difícil, visto por muitos como um lugar sem significado, “vazio” (BAUMAN, 2003).

Nas idas e vindas que hoje realizo até a aldeia para ver parentes, em especial meu irmão, percebo que, mesmo distantes do território indígena, estamos ligados pela “dobras” em que fomos criados e em que perpetuamos em nossos filhos, a herança de nossos antepassados, a qual se manifesta em nós pelas nossas ações e atitudes.

Sempre morei na cidade e vivo nesta ambigüidade, nesta diáspora², desde que me entendo por gente. Estudei em escolas públicas e particulares com bolsa de estudo fornecida pela RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), empresa a que meus pais

¹ Na região do Posto Indígena (PIN) de Nioaque/MS diz que cacimba é o local onde se dá (brota) água da terra, diferente de poço possui uma profundidade muito maior, sendo a qualidade da água superior.

² As comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização” e da *différance* em sua própria constituição. Sua integração vertical a suas tradições de origem coexistem como vínculos laterais estabelecidos com outras “comunidades” de interesse, prática e aspirações, reais ou simbólicos (HALL, 2006, p. 79).

dedicaram trinta e cinco anos de suas vidas. Por não trabalhar fora de casa, era minha mãe quem dava suporte para que tudo ocorresse na mais perfeita harmonia.

Na minha vida escolar, vivenciei muitos processos de discriminação por parte de colegas e alguns professores. Tenho marcas desse processo que me caracterizava como aluna de média seis. Isso talvez explique a minha resistência em escrever, porque traduzir os elementos que são próprios da minha natureza caracteriza, embora inconsciente, a própria “tradução como o elemento de resistência no processo de transformação, aquele elemento que não se presta a ser traduzido.” (BHABHA, 2005, p. 308).

Nas considerações sobre meus procedimentos, é bem provável que isso não correspondia às expectativas dos meus professores, que com certeza nunca me viram como indígena, diferentemente do estereótipo que eles e outras pessoas tinham ou têm sobre os índios: aqueles que vivem na aldeia, pelados, com arco e flecha na mão, bêbados, maltrapilhos, e até mesmo preguiçosos. Devido a ser nosso tempo “um pouco” lento, é comum nos atribuírem esta última característica, a qual também recebo em certos momentos da minha vida. Não se trata de preguiça, mas sim do modo de ser da nossa gente.

Como Terena e estudante, percebo que vivi em diáspora que:

[...] o processo ensino aprendizagem não estabelece um diálogo entre o conhecimento ensinado e a cultura de origem dos alunos, deixando de considerar as diferenças de sexo, idade, origem social e outras, para pensá-los homogeneamente como se, como alunos, aí estejam somente para aprender conteúdos para fazer prova e passar de ano (GUSMÃO, 2003, p. 100).

À população indígena Terena atribuem uma série de imagens, carregadas de estereótipos e chavões pejorativos que a marginalizam, e, para exemplificar a dimensão das marcas, quero fazer minhas as palavras de Marcos Terena, dando voz a tantos sentimentos que nunca tinha racionalizado, mas que vivi e senti na pele:

[...] durante muito tempo de minha vida, eu comecei a ter vergonha de mim mesmo, de minha origem, das minhas tradições, do meu povo, até mesmo de meus pais. Mas depois eu aprendi que sem eles, eu nunca seria nada, eu nunca seria um branco, porque nasci índio Terena e morrerei Terena (TERENA *apud* COSTA, 2000, p. 39).

Por ter aprendido a valorizar, é que trago em minhas referências que doutor não é aquele que possui a maior escolarização, e sim aquele que, com seu jeito simples, usa o conhecimento para o bem comum, entendendo que o processo ensino e aprendizagem (mesmo

que não compreenda que tal atitude é uma ação pedagógica muito bem elaborada) se faz comunitariamente, independente de ser criança ou adulto.

Outra realidade que gerava conflito era o local onde residíamos, por causa do nosso jeito Terena de viver, ter criações, plantas que minha mãe utilizava como remédio ou até mesmo árvore frutífera. Era o quintal o espaço a que minha mãe dedicava boa parte do seu tempo, e isto causava na vizinhança muito espanto, admiração e até posso dizer que certo desconforto, pois algumas criações, pelo pouco espaço entre as casas, causavam odores desagradáveis, sendo que se tornou rotina meu pai ser chamado na administração da rede ferroviária para solucionar o “problema”.

Afinal a visão que se tem de uma casa, localizada no centro de Campo Grande, perpassa por uma organização muito própria, cultural de pessoas que moram na cidade; em muitas residências com quintais como o nosso, era este todo cimentado, com plantas ornamentais, e algumas nem tinham mais quintal: transformaram este espaço em mais um cômodo da casa ou uma área de lazer. Mas para nós o quintal tinha outro significado, ele era o espaço mais que estendido da casa, já que não temos receio de colocar o pé na terra, que não tem significado de sujeira e deva ser encoberta, mas sim, exposta, viva.

Por tais motivos, já tive vontade de ser de outra maneira, ter outra cor, outro cabelo, não parecer o que realmente sou, pois, no contexto duplo em que vivia, os conceitos que as pessoas apresentavam sobre indígenas eram sempre se reportando à condição de “miserabilidade” em que vivem e, para justificar tal situação, a preguiça: “afinal terras eles têm muito só não sabem aproveitar”. As pessoas com sua cultura hegemônica têm visões de mundo diferente, dão importância a pessoas e espaços que levam a refletir e criar conceito sobre nós, historicamente concebidos ao longo dos anos. Os conceitos de limpeza, organização, são atribuídos a nós sempre numa posição inferior, carregados de muito preconceito.

Mas, por outro lado, quando chegava à aldeia, a liberdade era plena, não havia restrições de amizades, podia-se brincar com quem quisesse e na hora que desejasse. O jeito Terena de viver não era uma realidade só da minha casa, mas de um conjunto de pessoas, tínhamos prazer em estar lá e conviver com as pessoas, que não riam nem fugiam de nós.

Minha curiosidade em estudar sobre a minha própria realidade nasceu da curiosidade de ver coisas escritas sobre a beleza que as comunidades indígenas têm e poucos conhecem,

de divulgar, fazer conhecer uma realidade mal lida que para muitos retrata a miséria, a desinformação, “a falta de cultura”.

Uma delas transformou-se em projeto: deixava-me curiosa o fato de o meu contexto familiar possuir características marcantes que meus pais, mesmo em contato com esta outra sociedade, mantiveram. Para exemplificar, quando se casaram, dois de meus irmãos residiam em nossa casa, éramos sete inicialmente e, com os casamentos, nos tornamos nove, depois onze. Para os que não nos compreendem ainda não cortamos o cordão umbilical, estamos ligados aos nossos pais, estamos sempre juntos e sempre nos aconselhamos com eles, que são os troncos da nossa família. Não consideramos esta atitude dependência, e os nossos pais nos olham como crianças que precisam aprender com a nova situação.

A partir de então percebi diferenças, características próprias como: paciência, os conselhos, o aprender fazendo, em que muitas vezes vi meus pais cuidando dos netos, simplesmente demonstrando para nós como devemos proceder. Esse aprendizado não termina, sempre existe uma situação com a qual aprendemos, em situações do cotidiano que propiciam essa relação de ensinar e aprender: seja quando uma criança está doente, quando aconselhamos um filho, seja com um preparo de alimento, estamos sempre aplicando o nosso jeito Terena de viver. E, ao contrário do que muitos pensam, a comunidade indígena não é uma comunidade em decadência, mas uma comunidade que se relaciona com o mundo que a circunda; ela dialoga de maneira que lhes é própria, como, por exemplo, a relação com o dinheiro e com a terra.

Esse “diálogo” não aconteceu por desejo nosso, mas por uma imposição de uma cultura que trazia em seu bojo “etnologias comparativas” (BHABHA, 2005, p. 63) e que proporciona a discriminação, a diferença, a supremacia cultural, não dando espaço à diversidade que trazemos embutida em nós. Como Terena, sei da trajetória histórica do meu povo, que sofreu e sofre pelo processo de discriminação de uma sociedade que se utiliza da escrita como registro de confiança, deixando de lado a oralidade, a palavra como verdade. Dialogar a partir dessa realidade proporcionou, mesmo que de maneira inconsciente, o processo de tradução, hibridização que os Terena vivenciam elucidando as etapas de luta, de resistência, pois nos momentos da dominação souberam, como nenhum outro povo, utilizar-se de estratégias, de articulação, de negociação, de deslocamentos, para manter-se vivo.

E é por isso que considero a comunidade Terena como “diaspórica”. Os Terena vivem processos de ambivalência, migram e fixam residências nas cidades, em busca de

melhores condições de vida. Nesse sentido, o ir e o vir para centros urbanos aumentam as possibilidades e as contradições. Os deslocamentos, a articulação com outros grupos, desenvolve um despertar de memórias e questionamento, provocando uma profunda tensão (FERREIRA, 2002, p. 11).

Nesse ambiente novo, hibridizado, onde a “tradução é a abertura de um outro lugar cultural” (BHABHA, 2005, p. 62), os Terena chamam pouca atenção de alguns pesquisadores por vivenciar este processo ambíguo (aldeia e cidade), pois um constante ir e vir exige deles um olhar atento, observador, desconstruído para compreender esse espaço, a que talvez possa chamar de um “terceiro espaço” (BHABHA, 2005, p. 66-67, 298, 300), que o introduz, localiza nessa estrutura de ambivalência. O Terena traduz, ressignifica seu jeito de ser, mas não o abandona. Isso é mais forte que ele, está impregnado, marcado na alma, dando vazão às negociações e às existências fronteiriças. O fator que espanta causa em mim um fascínio, porque, para caracterizar um Terena, é preciso conhecê-lo, localizá-lo nesse terceiro espaço, com o qual ele dialoga simultaneamente.

Investigar, descrever, mesmo que minimamente, os processos próprios de aprendizagem da etnia Terena do PIN Nioaque, das crianças residentes neste PIN, identificar os principais elementos que dão sustentação a esta pedagogia, perpetuada pelos seus descendentes, pela tradição oral, pelo respeito mútuo, ou pela influência do meio familiar, comunitário e escolar, principalmente no que se refere à socialização primária, é o intuito com que realizo este trabalho.

Considerando que existem trabalhos que já estudam a etnia Terena, é importante salientar que, até o momento, não foi localizada nenhuma pesquisa sobre os processos próprios de aprendizagem, a que chamarei de Pedagogia Terena.

Os trabalhos encontrados estudam a socialização da criança indígena, a participação dos Terena na Guerra do Paraguai, os Terena e o processo de escolarização, formação de professores indígenas Terena e, por não encontrar pesquisa similar à temática que me propus a estudar, fez com que minha tarefa se tornasse árdua e, ao mesmo tempo, prazerosa e desafiadora.

Reunir e lembrar histórias ouvidas há muitos anos sobre o meu povo, localizar aspectos que, até então, eram deixados de lado por se tratar de um povo “aculturado”, levou-me a meu principal desafio: (des)construir a própria visão que tinha de mim mesma pois a

“questão da desconstrução, é também, de um lado a outro, a questão da tradução” (DERRIDA *apud* OTTONI, 2005).

Os teóricos que deram sustentação para o meu trabalho nos aspectos culturais dos Terena foram: Cardoso de Oliveira (1959; 1966), que contribui nos seus relatos sobre a história do povo Terena, provocando uma reflexão sobre os termos utilizados por ele, como aculturação e assimilação; em contraponto com esse autor, utilizei Ferreira (2002), que traz uma abordagem respaldada nos estudos de antropologia; Ladeira e Bittencourt (2000); Azanha (2001); e Miranda (2006), que contribuíram para melhor compreensão da história do povo Terena em vários tempos, como a da participação na Guerra do Paraguai, na RFFSA, da importância sobre o território. E, por fim, Bergman e Luckman (1987), que elucidaram os processos de socialização na comunidade indígena.

Para falar de criança indígena, o material pesquisado foi de Cohn (2005), Silva (1988; 2002), Nascimento (2004), pois as pesquisas com crianças indígenas encontram-se, de certa forma, em processo embrionário, despontam-se ainda muito timidamente.

No estudo sobre língua, recorri a Rodrigues (2007) e Freire (2004), que contribuíram nesta jornada de compreender a realidade em que hoje vivem os Terena, neste processo de reaprender, de valorizar e dar novos significados, pois a língua foi e é um poderoso instrumento de exploração e dominação.

Para os valores étnicos, dialoguei com os anciãos da aldeia, que descreveram, em seus depoimentos, a cosmologia, o deslocamento; para a análise e interpretação da pedagogia Terena, farei uso de Baumam (2001 e 2003), Bhabha (2005) e Hall (2004 e 2006).

Na pesquisa etnográfica, fiz uso de três técnicas para a coleta de dados: observação, entrevista e caderno de campo. Por se tratar de um olhar de dentro, selecionei entrevistas com as pessoas mais antigas da aldeia. Minha mãe foi fator primordial nesta etapa. Sempre disposta a caminhar comigo pela aldeia, ela presenciou e participou das entrevistas não estruturadas. Optei por esta modalidade por ser conhecida dos informantes, com quem mantenho um imenso vínculo afetivo e parental. Assim, foi possível a coleta de dados relevantes para a pesquisa em ambiente que mais se parecia com uma grande roda de conversa, um grupo focal, que me proporcionou uma riqueza imensa de detalhes. Para essas conversas longas, regada a mate ou tereré, utilizei o gravador.

Nessas conversas, não houve necessidade de agendamento, tendo em vista ser eu bastante próxima dos informantes e conhecedora da dinâmica local, o que também causava curiosidade por parte deles. Afinal, sabem que cresci ouvindo essas histórias, e sempre me perguntavam espantados o motivo de tais indagações. Em nenhum momento, consegui caracterizar as rodas de conversa como entrevista, pois nos lugares a que chegávamos, elas se transformavam em gostosas lembranças, e a fita acabava tendo eu que recorrer às anotações no diário de campo.

No diário de campo, foram anotadas todas as minhas observações, sentimentos, dúvidas de tudo que vivenciei neste período. Esse instrumento esteve comigo em todos os espaços da aldeia: no baile, no jogo de futebol, no engenho, no rio e em casa, sendo aproveitado em todos os momentos, para que não se perdesse nenhuma informação.

E, por se tratar de pesquisas com crianças, se faz necessário um arquivo com fotos para melhor ilustrar o meu olhar sobre o Posto Indígena (PIN), procurando variar os espaços em que a criança circula, aproveitando todos os ambientes de aprendizagem, pois na pedagogia Terena não existe uma pessoa pré-determinada: quem deve educar e em que espaços devem educar. Mas todos esses são constituídos de espaços de aprender: se aprende com as crianças na goiabeira, no rio, deixando claro que não existe uma pessoa ou autoridade determinada para esta ação.

O trabalho resultante das pesquisas nessa comunidade foi, então, organizado em dois capítulos, com várias abrangências:

Capítulo 1 - As complexidades contemporâneas da aldeia:

No primeiro capítulo, está descrito o processo histórico do povo Terena do Mato Grosso do Sul a partir da Guerra do Paraguai, que se tornou um marco na nossa história, pois a realidade dos Terena hoje não pode ser compreendida se não for analisada a partir de um contexto histórico. Foi a partir da guerra que vivenciamos a perda dos territórios, o esparramo. Aprendemos a conviver com esta sociedade, tivemos que traduzir nossa cultura, valores, atitudes, e lhe dar novo significado.

Quando a guerra chegou ao fim, em 1870,

[...] muitas aldeias haviam sido completamente aniquiladas e nunca mais foram reconstruídas ou recuperadas. O antigo território das aldeias já era disputado por novos “proprietários”, em geral oficiais desmobilizados do

exército brasileiro e comerciante que lucravam com a guerra e que permaneciam na região (BITTENCOURT, 2000, p. 76).

É importante frisar que os Terena entraram na guerra para garantir seu território e foram ludibriados pelo governo brasileiro, que implementou uma política para ocupar as áreas que eram tradicionais com plantações de soja e criação de gado, no então estado do Mato Grosso, na intenção de “guardar as fronteiras com gados e plantações” (BITTENCOURT, 2000, p. 76). Cada vez mais nos víamos cercados por fazendas, tendo as roças invadidas por gado. Sem alternativa, nossos antepassados foram obrigados a se empregar em fazendas.

A Guerra ocasionou profundas marcas em nós, no sentido mais amplo da palavra, pois ela não existiu somente em termos de luta armada, conflito corpo a corpo, com morte física e amputações de partes do corpo, mas morte também de esperança, da língua, de amputar e ter que negociar o contato com a sociedade não-índia, que deixou de herança os chavões, a vergonha de falar na língua étnica, as manifestações culturais. Após este período experimentamos o que é viver em diáspora.

1.1 A chegada dos Terena e a constituição do PIN Nioaque: nesta parte será descrita a chegada dos Terena, relatada pelos informantes: Zé Canela, Francisca Gonçalves e Zé Barriga, dialogando com Miranda (2006), Vargas (2003), Oliveira (1969 e 1966), Bittencourt (2000), Azanha (2001) e Bhabha (2005). Através de uma ação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI)³, comandada por Marechal Rondon, que buscava resgatar os indígenas residentes em fazendas para terras demarcadas, denominadas “reservas indígenas”, que constituíam geralmente lotes de terras muito inferiores aos ocupados pelos nossos antepassados, ocasionando uma mudança no modo de viver e ser terena.

1.2 As novas crenças e as crenças tradicionais: a população indígena há muito tempo se relaciona com o cosmo por meio de elementos que compõem a natureza: a lua, a terra, os animais, a chuva, fazendo com que demonstre sua religiosidade de maneira singular. Mas a inserção das igrejas católica e evangélica na comunidade indígena Terena propõe uma mudança de comportamento, exigindo de seus membros uma rigorosa conduta que nem sempre é seguida. O depoimento obtido de uma anciã e bezendeira fortalecem ainda o princípio da educação indígena. Em seu depoimento, ela deixou claro que nos deslocamentos

³ Criado pelo governo em 1910 com o intuito de pacificar, educar, proteger e demarcar as Terras Indígenas (T.I).

feitos para que a educação tradicional permaneça, mesmo quando novos elementos são introduzidos dentro da comunidade, os princípios transmitidos permanecem inabaláveis.

1.3 A língua: os povos indígena, desde a invasão do nosso país, já possuíam práticas culturais, uma delas era a língua, que chegou às aldeias imposta pelo colonizador, como verdade absoluta. Considerando que a comunidade indígena não se encontra alheia aos processos históricos, mas vivencia plenamente a dura realidade de possuir poucos falantes da língua étnica, esta tem na escola uma importante parceira na constante busca do reaprender. Estes estudos estão respaldados em Freire (2001), Rodrigues (2007) e Ladeira (1999).

1.4 Os valores étnicos (relação de parentesco, mitos, casamentos, regras, conselhos): neste item, serão relatados pelos informantes Zé Canela, Francisca Gonçalves, Zé Barriga, Astrogilda Marques, entre outros, aspectos que norteiam o jeito de ser Terena cuja base é o respeito aos anciãos que possuem sua sabedoria para ser comunicada e transmitida através de mitos e conselhos, pois é perpetuada através da oralidade e na relação de profundo respeito mútuo.

Capítulo 2 - Pedagogia Terena: tradição – tradução e as relações com a família, a comunidade e a escola.

A comunidade indígena, desde os primórdios, estabelece um processo de educação que lhe é própria, valores que são repassados oralmente de pai para filho ou de mãe para filha, que não conheciam a instituição escolar, mas produziam saberes que lhes deram condições de existir e resistir a esse processo, pois:

[...] haviam desenvolvido, no entanto, formas próprias de reproduzir saberes, através da tradição oral, transmitida em seus idiomas – mais de 1.000 línguas diferentes, todas sem escrita alfabética (FREIRE, 2001, p. 4).

Essa educação é responsabilidade da comunidade como um todo e repassada através da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural, solidificada em valores que norteiam a educação indígena, como valor da tradição oral, da ação e do exemplo.

A ação pedagógica - Pedagogia Terena - permitiu aos povos indígenas que resistissem, por um período de quinhentos anos, aos processos de dominação, à escravidão, à imposição de uma língua nacional, de um currículo e professores não indígenas, no intuito

transformá-los, pois “o diferente precisa ser feito igual para melhor ser dominado” (GUSMÃO, 2003, p. 89).

As políticas implantadas pelo governo, como o SPI, tinham como objetivo integrar o índio à sociedade nacional e educá-los no intuito de deixarem de ser “índios bravos” e tornarem trabalhadores nacionais (BITTENCOURT, 2000, p. 95).

Diante do processo histórico vivido, a comunidade indígena Terena vem se utilizando de estratégias, negociações, ressignificações para manter-se viva e constante. Mesmo diante de processo de deslocamento e interação com a sociedade não-índia, ela jamais deixou de vivenciar, mesmo que timidamente, sua identidade étnica. Segundo Cardoso,

[...] grosso modo, poder-se-ia dizer que Aldeinha (como sua própria denominação sugere) é a Aldeia/Reserva na Cidade: do ponto de vista da organização dos grupos familiares, praticamente não há diferenças significativas entre o que se observa em relação a esses índios suburbanos e aos da Reserva Cachoeirinha, por exemplo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 153).

Para melhor descrever esses processos de ressignificação, tradução, hibridação, diáspora e negociação, dialogamos entre a cidade e aldeia, mas com processos marcados em nossa alma, como nossa relação de parentesco, a maneira como respeitamos nossos velhos, os valores que nos são ensinados através da oralidade, o respeito mútuo. Esses são conceitos trabalhados no capítulo II, que está subdividido em:

2.1 A pedagogia Terena nas relações família e comunidade: neste item, fiz descrições sobre as relações que a família e a comunidade indígena estabelecem para a formação da identidade da criança indígena e dos seus membros. O conceito de família extensa não favorece que uma pesquisadora multirreferenciada trabalhe essas duas categorias separadamente. Por ser ao mesmo tempo pesquisadora e participante da pesquisa, observei que família e comunidade possuem um elo muito forte, de certa maneira estreito, não sendo possível separar os conceitos de família e comunidade.

Serão descritos os elementos que compõem a pedagogia Terena, dando ênfase a autores terena, no caso os mais velhos, demonstrando que esta educação indígena é resistente e muito atual, pois consegue manter seus vínculos de parentescos próximos, fortalecidos ao mesmo tempo em atitudes que respeita, corrige e ensina. Para descrever essas atitudes, farei

uso dos relatos dos anciãos, moradores da aldeia, e de minhas experiências pessoais, que vivo nesta ambigüidade de pensamento.

Os processos próprios de aprendizagem têm início no primeiro contato da criança indígena com sua família toda, nas várias gerações que formam esta família enquanto comunidade. É ela que introduz todo o aprendizado, e neste espaço é que a criança aprende o significado da benção, o respeito mútuo, os princípios de solidariedade étnica e, sobretudo, o jeito de viver e ser Terena.

O grupo familiar ocupa uma posição de fundamental importância para os Terena, tendo em vista que ele é o primeiro espaço – socialização primária - que a criança indígena vivencia dentro da aldeia.

A comunidade é o segundo espaço de análise da pedagogia Terena, no qual a criança circula ‘livremente’. A partir dele se constituem as tradições, traduções, negociações, ambivalências, que a criança irá realizar e fazer simultaneamente enquanto aprende, pois a comunidade é também um espaço de aprendizado, de luta, de resistência.

2.2 A Pedagogia Terena e a Educação Escolar: a educação escolar tem em seu processo histórico, as páginas marcadas pela dominação, exclusão, discriminação em muitas sociedades, que o colonizador utiliza para manipular, desconstruir, aniquilar o colonizado de forma lenta e dolorosa. E com as comunidade Terena não foi diferente. Neste item irei descrever, mesmo que timidamente, a trajetória da educação escolar indígena que teve um marco importante, pois ela mudou seus pressupostos legalmente com a Constituição de 1988. E como a pedagogia Terena dialoga, ressignifica, traduz conceitos que lhes são próprios, na comunidade a que faço referência, a maioria dos professores são indígenas.

No primeiro momento, dediquei-me a colher detalhadamente informações sobre a chegada dos Terena ao PIN, sobre a língua e os valores étnicos e, muitas vezes, foram necessários vários retornos à aldeia. As perguntas surgiram com uma certa naturalidade, e era quase impossível haver interrupções após os anciãos iniciarem seus relatos, já que é preciso escutar com muita atenção uma pessoa mais velha quando fala e é um desrespeito interrompê-la, o que impediu muitas vezes de seguir o roteiro proposto.

Num segundo momento, os trabalhos aconteceram com um grupo de professores indígenas que ministram aulas na aldeia. O relato do primeiro professor indígena do PIN, Pedro Vitorino, trouxe grandes contribuições sobre a realidade da educação indígena no

espaço escolar, em meados de 1958. Partindo desses encontros, foi possível traçar aspectos importantes da educação indígena e um paralelo entre a escola introduzida na aldeia e a escola que estão propondo a partir da realidade que vivenciam.

Pela falas dos professores indígenas, suas identidades foram marcadas pelas negociações, ambivalências, resultados dos processos de diásporas que vêm sofrendo ao longo dos anos. Estas identidades foram subjulgadas durante todo o seu processo de escolarização, quando tiveram que suportar, muitas vezes, indagações externas e as inquietações internas.

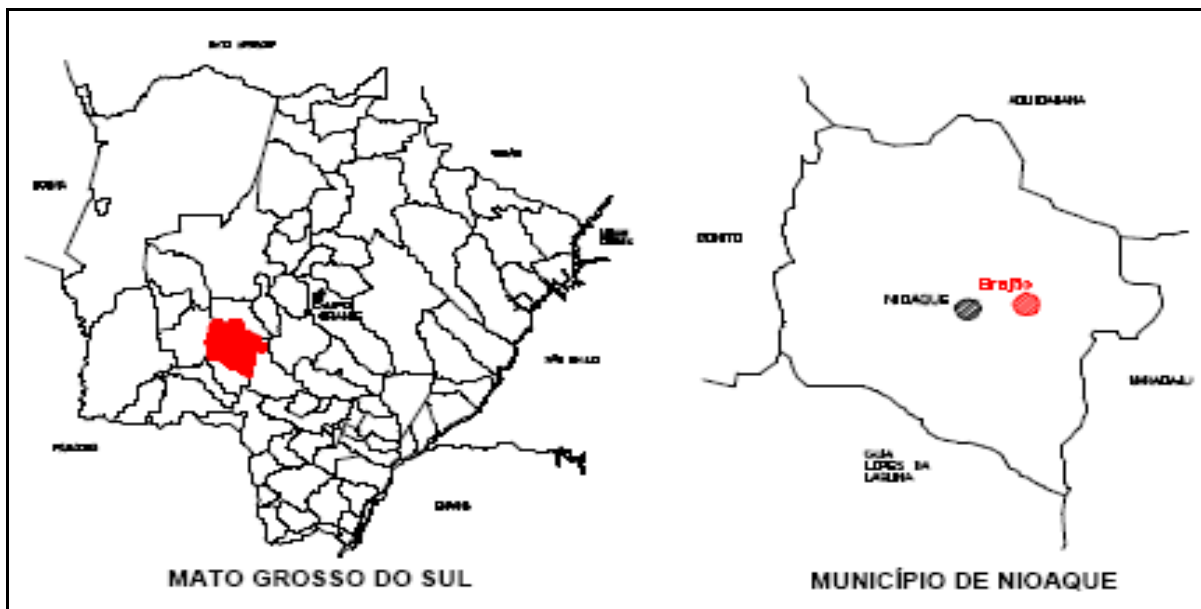
CAPÍTULO 1

AS COMPLEXIDADES CONTEMPORÂNEAS DA ALDEIA

Cousa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei, e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente (Pero de Magalhães Gândavo)⁴.

Este capítulo descreve como os indígenas Terena da região do município de Nioaque/MS dialogam e ressignificam suas tradições, em sua relação com a comunidade indígena e com o entorno, haja vista que este PIN possui uma distância de aproximadamente 20 quilômetros do referido município.

Figura 1 - Mapa de localização do Posto Indígena Nioaque - município de Nioaque/MS.



Fonte: SMANIOTTO, Celso Rubens, 2007. (Disponível em: www.neppi.org. Acesso em: 28.10.07).

⁴ “No início, os colonizadores consideravam as línguas indígenas – que eles desconheciam- inferiores à língua portuguesa. Pero de Magalhães Gândavo, em sua crônica, afirma que o idioma Tupinambá não tinha as letras F, L e R”, criando um preconceito etnocêntrico (FREIRE, 1997, p. 9).

A comunidade indígena do Posto Indígena Nioaque totaliza 1300 pessoas, distribuídas em uma área de 1500 hectares de terras homologadas e reconhecidas como Terra Indígena, desde 1925. No princípio de sua fundação, existiam duas aldeias: Brejão e Água Branca, e, mais recentemente, Taboquinha e Cabeceira. Cada uma dessas aldeias possui um conjunto de residências e suas respectivas roças, e cada aldeia possui um cacique, que divide suas responsabilidades com o presidente da associação de moradores, figura esta criada atualmente para fins políticos.

Uma outra categoria da qual faremos análise é a da religiosidade dos Terena, que antes do esparramo, viviam sua religiosidade livremente, em contato com os seres da natureza e através dela explicavam todas as suas alegrias, como em nascimento, casamento, e também seus males, como em caso de doença, morte, colheita ruim. No período pós-guerra, muitas famílias da aldeia se dividiram em grupos religiosos: protestantes, católicos e os não-convertidos.

Em dois desses grupos (protestantes e católicos), existem alguns deslocamentos que são realizados com a prática da chamada religiosidade/cultura tradicional do Terena a que quase não se fazem referências nos textos de pesquisadores. Estes deslocamentos caracterizam o surgimento de hibridização ou a ressignificação de práticas religiosas na comunidade, que perpassam principalmente pela educação indígena.

A comunidade Terena da região de Nioaque possui uma pequena parcela de falantes da língua étnica. Esses membros possuem idade acima de 40 anos, sendo alguns bastante idosos. A escola tem sido uma importante parceira na busca de reaprender e fortalecer a língua indígena na/com a comunidade.

O último item a ser analisado, neste capítulo, será a lógica que os Terena utilizam para manter seus princípios de educação indígena seja no cultivo da agricultura, na pesca, seja na maneira como dialogam com estes elementos: regras, conselhos, casamentos, relação de parentesco, que proporcionam a manutenção da educação indígena entre seus membros. Trarei como principais teóricos os anciãos da aldeia que, através de seus relatos, nos nortearão para que compreendamos os princípios da pedagogia Terena. Partindo da fala deles, farei a interpretação dos fatos por meio da história do povo Terena, da desterritorialização e da sua cosmovisão.

1.1 A CHEGADA DOS TERENA E A CONSTITUIÇÃO DO PIN NIOAQUE

Os Terena são da família Guaná, de língua Aruak, possuem um número bastante significativo de membros espalhados pelo país. Em Mato Grosso do Sul, vivem cerca de 18.000⁵ indígenas nas cidades de: Miranda, Aquidauana, Nioaque, Anastácio, Dourados, e um número bastante significativo na capital do estado – Campo Grande, onde possuem duas aldeias (Água Bonita e Marçal de Souza), localizadas nos bairros Nova Lima e Tiradentes, na periferia da cidade, e uma terceira, em construção, no Jardim Noroeste. Por manterem este contato com a população local, trabalhando como empregadas domésticas, trabalhadores braçais, vendendo produtos, como milho, mandioca, palmito, pequi e artesanatos, ganharam o termo “aculturado” e “assimilado⁶”.

No entanto a atitude de se deslocar para buscar produtos que possam ser comercializados demonstra que estamos ligados às nossas origens, pois o deslocamento até aldeia, este ir e vir reaviva as memórias, mantém laços.

E, por herança, a sociedade não-índia nos confina a lugares específicos para manifestar nossa cultura. É comum acumular falas de pessoas sobre esse assunto: “é na aldeia que vivem os índios”, “aqui é muito mais difícil para *eles* sobreviver do que na aldeia”. Esta intenção deixa claro que ainda somos “sujeito imaginado” (HALL, 2006, p. 26), pois conscientemente não é possível delimitar as fronteiras, onde ela começa ou termina. Mas acredito que continuamos ligados às origens na luta pela sobrevivência de nossos costumes, de nossa língua, do jeito de ser e viver como Terena, não importando em que local estejamos. Jamais deixaremos de ser Terena.

Para melhor compreensão da realidade em que vive atualmente o povo Terena, farei uma retrospectiva desta história contada por anciãos do PIN, apoiada em pesquisadores desta temática que é pouco divulgada pelos livros didáticos e pelos historiados do nosso estado.

Os Terena habitavam uma região conhecida como *Êxiva*⁷, que era próxima de minas de metais preciosos, disputados inicialmente pelos europeus. Os grupos que falavam a língua Aruák receberam o nome de Guaná, que no idioma Chané significa muita gente, e se

⁵ Fonte: Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<http://www.sociambiental.org>> Acesso em: 9 set. 2007.

⁶ Cardoso de Oliveira (1966): categorias apresentadas por este estudioso nas décadas de 50 e 60 para explicar o processo de inserção da população Terena no contexto urbano.

⁷ Lugar conhecido pelos não índios como Chaco, que é uma região que se caracteriza por muitos ecossistemas e climas distintos que compreende parte dos territórios paraguaio, boliviano, argentino e brasileiro.

subdividiam em Etelenoé ou Etelena, Echoaladi, Quinquinau (Equinquinau) e Laiana. As pessoas mais velhas relatam que ouviam de seus avós histórias que contam sobre este tempo, como nos relata Azanha (2001, p. 1):

[...] estavam separados – e se distinguiam entre si nos subgrupos Terena (Etelenoé), Echoaladi, Quinquinau (Equinquinau) e Laiana. Os índios mais velhos, ainda hoje reconhecem os etnônimos Etelenoé, Laiana e Quinquinau. Contudo, todos hoje se descentes do antigo Guaná – Txané os Terena contemporâneo falam um dialeto da família Aruaque. Os Guaná (termo utilizado pelos tupi-guarani com os quais os primeiros cronistas identificavam estes povos) até pouco tempo depois da guerra do Paraguai (1856) reconhecem como ‘Terena’.

O conflito pelas riquezas do lugar trouxe os espanhóis, e logo, os portugueses. A guerra foi uma consequência inevitável, e muitas aldeias indígenas se uniram para tentar defender seu povo. A saída dos indígenas deste lugar – *Êxiva* - se deu pelo conflito com os colonizadores que, em busca de riquezas, entravam pelo rio Paraguai em grandes expedições.

Consequentemente migraram para Mato Grosso do Sul, no século XVIII, na região de Miranda que era desabitada. Dedicaram-se a plantações, fizeram alianças com outras nações como os Guaikuru e portugueses cuja chegada se motivou depois da descoberta de ouro na região de Mato Grosso e em Cuiabá (BITTENCOURT, 2000, p. 41). As alianças eram necessárias para que pudessem manter sua sobrevivência.

Um outro momento da história do povo Terena é a Guerra do Paraguai, pois antes desta os Terena ocupavam a região de Miranda e Aquidauana:

[...] antes da Guerra do Paraguai já habitavam na região de Miranda e mantinham relações com o povoado de Miranda. Quando as aldeias foram invadidas, as aldeias que estavam situadas nesta região também foram atacadas (BITTENCOURT, 2000, p. 64).

Os Terena tiveram uma grande participação na Guerra do Paraguai (1864 a 1870), destacados pelo conhecimento da região, contribuindo para manutenção de alimentos e informações dos soldados brasileiros. Eram excelentes guias, pois conheciam o território como nenhum outro não índio. No entanto a dedicação dos Terena ao exército brasileiro tinha como intenção requerer antigos territórios tradicionais que antes da guerra ocupavam. Essas terras localizavam-se entre os municípios de Miranda e Aquidauana, atualmente, as aldeias Cachoeirinha e Ipegue, com uma população de quatro mil indivíduos (VARGAS, 2003).

Viviam em comunidade, mantinham seus sistemas de trocas como base econômica, cultivavam suas roças.

Com o término da Guerra, ao retornarem não encontraram mais suas aldeias, que tinham sido ocupadas por fazendeiros da região, e estes, conhecedores da habilidade dos Terena na agricultura e na lida de gado, não perderam a “oportunidade” de lhes “oferecer” um trabalho em fazendas que antes eram sua aldeia.

Terminado o conflito, o retorno maciço das populações indígenas não se deu evidentemente para as suas aldeias de origem, pois muitas delas tinham sido destruídas totalmente, queimadas pelo inimigo. A população dispersa vinculou-se ao trabalho nas fazendas que começavam a se espalhar, quer nos vales e nos campos, quer nos altos das mesmas serras para onde haviam evadido (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 42).

Fora de seu território tradicional, os Terena se viram obrigados numa atitude de sobrevivência a aprender viver em diáspora, a ressignificar seus hábitos e costumes. A condição de subordinados propiciou a traduzir, a partir de elementos apresentados a eles pela cultura dominante. Não posso deixar de mencionar que esta hibridização proporcionou, tanto aos colonizadores quanto a nós colonizados, uma interação das práticas semelhantes que não se consegue distinguir. Essas semelhanças estão presentes na população local em hábitos alimentares, na agricultura, em plantas medicinais. É comum por parte dos não-índios revelarem costumes que se relacionem aos “tempos de fazenda”. Nessas narrativas, não apresentam os indígenas como outros personagens, pois contam sua história de acordo com as circunstâncias políticas e sociais e a registram como “verdade”.

Mas o povo Terena tem sua história para ser contada. Uma delas é a origem deste povo. Um desses relatos foi coletado pelo antropólogo Herbert Baldus, em 1947, em visita aos Terena de São Paulo, e nos transcreveu assim:

[...] diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi, vítuka, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos Orekajuvakái que eram dois homens e estes tiraram a gente do buraco. Antigamente, Orekajuvakái era um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois Orekajuvakái não queria ir junto com ela à roça, foi à roça, tirou foice e cortou com ela Orekajuvakái em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade também. Antes de tirara a gente do buraco, Orekajuvakái mandaram tirar fogo, iuku. Pensaram quem vai tirar o fogo. Foi o tico-tico, xavokóg. Ele foi e não achou fogo. Depois foi o coelho, kanóu, e tomou o fogo dos seus donos, os Tokeóre. O kanóu chegou onde estavam os Orekajuvakái e foram fazendo grande fogueira. Gente levantou os braços e Orekajuvakái tirou do buraco. Toda a gente era nua e tinha frio e

Orekajuvakái chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda a raça. Orekajuvakái sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. Orekajuvakái chamaram lobinho, okué, pra fazer rir a gente. Lobinho fez macacada, mordeu no próprio rabo, mas não consegui fazer rir. Orekajuvakái chamaram sapinho, aquele vermelho, kalaláke. Este andou como sempre nada e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vezes. Ai a gente começou a falar e dar risada. Orekajuvakái ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Ai separou cada um a um lado. Eram gente de toda a raça. Como o mundo era pequeno, Orekajuvakái aumentou o mundo para o pessoal caber. Orekajuvakái deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar (LADEIRA; BITTENCOURT, 2000, p. 23).

Esses relatos não são ensinados a partir de livros, mas cotidianamente através da oralidade com riquezas de detalhes. Foi esse relato coletado no Estado de São Paulo e possui alguns aspectos semelhantes com os relatos feitos pelos professores de Cachoeirinha/MS, que, em alguns momentos, se perdem no tempo ou ganham novas versões mais regionalizadas que se limitam a ficar nas aldeias.

A Guerra representou um marco importante na passagem da sociedade tradicional para a que está posta nos dias atuais, pois, devido à dispersão das aldeias, causou grandes dobras nas nossas estruturas, acarretando uma alteração drástica no nosso modo de viver e ser Terena. O contato com a população não-índia provocou uma relação simétrica ou dialética. (BHABHA 2005)⁸.

A perda de seus territórios, que passaram a ser ocupados por fazendeiros, por um incentivo do governo para a construção de um estado que pudesse se fortalecer e entrar no mercado nacional com a venda de gado e o plantio de soja, significou para nós - povo Terena - um contato intenso com a sociedade em seu entorno, numa relação de constante ambivalência. É comum encontrarmos propriedades rurais que contratem trabalhadores Terena para serviços de instalação de cercas, corte de poste, roçar as pastagens e na lida com o gado.

Na busca por formas de se manter nesta nova realidade, residindo na periferia de Campo Grande e Aquidauana, os Terena contribuíram com o trabalho braçal na construção da antiga e extinta Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (RFFSA) e também no comércio em

⁸ Os termos que este autor utiliza referem-se aos “sujeitos [que] são sempre colocados de forma desproporcional em oposição ou dominação através do descentramento simbólicos das múltiplas relações de poder, como o de alvo ou de adversário” (BHABHA, 2005, p. 113).

serviços subalternos. A herança de estereótipos, como preguiçoso, bugre, bêbado, sujo, esse povo carrega até hoje, pois em nenhum momento se observou dentro da comunidade a importância e o valor que os Terena dão ao tempo. O espaço de tempo para eles não tem o mesmo significado que para a sociedade ocidental. Mesmo tendo um envolvimento com a sociedade não-índia, o tempo da comunidade, principalmente para os antigos, não se mede com o relógio, mas com a temporalidade, com a natureza. A posição do sol, a observação dos elementos da natureza principalmente o vento, a chuva, a lua e o sol, são elementos que dialogam em nosso dia-a-dia, seja na roça quanto ao momento adequado para plantar, quanto ao nascimento de uma criança, seja para colher uma taquara para construção de uma casa.

Neste novo ambiente nossos antepassados deixaram de demonstrar seu jeito de ser Terena, calaram-se e isto fez com que deixassem de manifestar alguns sinais diacríticos dentro desta sociedade. Um deles é a língua, uma herança que nos constrange expressar por receio da forma de receptividade pelo caminho e que, conseqüentemente, deixou de ser falada, fortalecida e bem consolidada entre as gerações mais novas, às quais a língua é ensinada de forma tímida.

A dura realidade que assola os Terena no período de pós-guerra está dividida, segundo meu patrício, o índio Terena Claudionor do Carmo Miranda⁹, assim: o tempo antigo, a etapa de servidão, etapa de aldeamentos de Rondon e o tempo de despertar, em que Miranda (2006) faz uma linha histórica da vida dos antigos até os dias de hoje.

Segundo Miranda, o tempo antigo se caracterizava por dois eventos marcantes na vida deste povo: a saída dos Terena do *Êxiva*, lugar conhecido pelos não índios, e como tal se deu pela pressão dos colonizadores europeus atraídos por riquezas de minas de ouro e prata. A presença desta população provocou alterações na região e modo de vida dos indígenas, bem como a luta para defender o território.

As várias tribos da região foram envolvidas por essas lutas. Para defender seu povo e suas terras, os Guaná¹⁰, procuravam fazer alianças com os portugueses. Durante essas guerras muitas aldeias foram destruídas. Os Guaná vieram se deslocando acompanhando os seus aliados Mbayá-Guaicuru para o Mato Grosso do Sul no século XVIII. Os Terena, os kinikinau, os Laiana reconstruíram suas aldeias perto do forte Coimbra e das

⁹ Índio Terena da região de Nioaque, atualmente administrador da FUNAI Campo Grande. Defendeu sua dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Local/UCDB - 2006, intitulada "Territorialidade e Práticas Agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena".

¹⁰ Nação guaná, nome que engloba todos os subgrupos, que usam nomes para se distinguirem entre si: kadiwéu, terena, kinikinau, laiana entre outros (Sanchez Labrador, 1767).

vilas das Serras do Alburquerque, entre os rios Miranda e Paraguai. (LADEIRA; BITTENCOURT, 2000, p. 39).

E o segundo evento foi a Guerra do Paraguai que deixou marcas profundas na organização social, política e econômica dos Terena, sendo “obrigados a construir uma nova sociedade” (MIRANDA, 2006, p. 30), traduzida, ressignificada, fluída para que continuassem sobrevivendo mesmo fora de seus territórios tradicionais, pois sofreram ataques por parte dos paraguaios, buscando refúgio nas Serras de Maracaju e Bodoquena (LADEIRA; BITTENCOURT, 2000).

O período caracterizado como tempo de servidão é o momento em que o povo Terena, após a Guerra do Paraguai, retorna em vão para os seus territórios. Muitas aldeias haviam sido completamente destruídas durante a guerra e o antigo território foi disputado por civis e oficiais desmobilizados do exército. Eram incentivados pelo governo brasileiro para que pudessem controlar melhor a região, guardando a fronteira com fazendas de gado e plantações.

Não vendo alternativa para sobreviver próximo às fazendas, não sendo difícil imaginar o conflito e as relações de poder existente, a vida ficou insustentável para os Terena que se viram então obrigados a se empregarem como trabalhadores. Por este motivo é que muitos de nossos troncos¹¹ são nascidos e moradores de fazendas – “nós viemos de Maracajú. Nós moremo na fazenda Santo Antônio. Aí de lá nós viemo pra cá. Criado já, meus irmãos tudo moço. É fazenda pra gente aprende fazê lavoura, essas coisas, lá eles trabalham com gado, é só criação” (Zé Canela, 78 anos)¹².

Enquanto o povo Terena vivenciava a etapa de servidão, o país passava por reformas políticas, deixando de ser monarquia para tornar-se república. Os republicanos tinham outros ideais de desenvolvimento para o país. Introduziram então um plano que propunha a construção da estrada de ferro e de linhas telegráficas para melhorar a comunicação e transporte entre o litoral e o interior do país e ampliar seu controle sobre o território brasileiro:

[...] em 1900 foi organizada uma Comissão para ligar o trecho do telégrafo de Cuiabá até a fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Essa Comissão foi liderada por Cândido Mariano da Silva Rondon, que já havia participado de outros trabalhos, de construção da linha telegráfica. A construção desse ramal do telegrafo exigia muita mão de obra e Rondon passou a convencer

¹¹ Os terena chamam de tronco as pessoas que dão origem à família, são nossos antepassados, avós, pais.

¹² José Marques, morador da aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS.

os índios para ajudar nos trabalhos de instalação da linha (BITTENCOURT, 2000, p. 80).

Pressionado principalmente por notícias, o governo republicano se vê obrigado a dar atenção aos problemas dos povos indígenas, que não aceitavam ser escravos, atuar como “Bugreiros”, que eram os próprios índios contratados por fazendeiros, os quais pretendiam exterminar os *bugres* nos conflitos de terra. Estes conflitos começaram a ser vinculados na imprensa nacional e internacional, chamando a atenção de intelectuais, políticos e religiosos.

Diante disso, o governo republicano precisava criar uma política que resolvesse o problema indígena, mas a dificuldade era satisfazer a vários grupos de pessoas que representavam diferentes instituições no poder. As discordâncias eram intermináveis, e o governo tinha como principal dificuldade determinar o direito que tínhamos sobre o território.

Ficou estabelecido que teríamos o direito às terras, mas que estas seriam controladas e delimitadas por funcionários do governo. A implementação desta política se deu a partir de 1910, com a criação do SPI. Rondon foi delegado para administrar o novo órgão pelo seu trabalho nas linhas telegráficas e por estabelecer aos indígenas uma relação não violenta. Propôs um plano de atuação, no qual os indígenas se tornassem:

[...] pacificados não precisariam mais correr de um lado para o outro e educados saíam da condição de índio bravo para a de trabalhadores nacionais e para tanto deveriam ser protegidos e assistidos em suas doenças. (MIRANDA, 2006, p. 33).

Os Terena que foram convencidos a trabalhar na instalação das linhas telegráficas, propuseram através da pessoa de Rondon que o governo republicano garantisse a posse de suas terras que ilegalmente estavam sendo ocupadas por fazendeiros. Através de acordos, Rondon conseguiu que o governo de Mato Grosso destinasse, por meio de decretos, pedaços de terras aos indígenas.

A formação das áreas ocasionou inúmeras mudanças na organização do povo Terena, devido à extensão proposta pelo SPI, a qual era muito inferior em relação ao território ocupado por nossos antepassados antes da Guerra do Paraguai.

Consequentemente, com a maneira de organizar o espaço das moradias, as roças, as cerimônias, os grupos familiares sofreram um profundo processo de “tradução”, de hibridização. Acredito que essa tradução não aconteceu serenamente. As lembranças, o desejo

de retornar, emergiam na tentativa de impossibilitar a hibridização, o encontro de algo “novo”, pois o novo encontra-se no limiar de sonhos, de forma icônica, entre o passado e o presente, entretanto

[...] sonhar não com o passado ou o presente, e nem com o presente contínuo, não é o sonho nostálgico da tradição nem um sonho utópico do progresso moderno; é o sonho da tradução, como *sur-vivre*, como sobrevivência. O ato de viver nas fronteiras (BHABHA, 2005, p. 311).

Nesse novo momento fronteiro, as dobras dessa cultura persistentemente fluíam no intuito de manter-se como elo temporal, como algo que protege e ao mesmo tempo dá significado. As negociações entre os elementos culturais que trazíamos com os que nos eram apresentadas pelo outro, propiciavam um “diálogo” que impositivamente dava a idéia de solução, não a sonhada pelos nossos antepassados, de ter o território de volta, plantar, colher frutos, caçar, mas a de sair da condição de conflito em que viviam, pois:

[...] naquela época, esse povo antigo, nossa geração, nosso tronco, eles não foram aldeado não. Foram criado trabalhando. O que era de primeiro, os fazendeiro de Chapada, Itaguassu, o Mimoso, ali a [...] Paulicéia, Boa Vista tudo tinha índio trabalhando nessas fazendas. Não era só um não, não era só um não. Era cheio casa de índio pelo fundo das fazenda aí, trabalhava tudo. Ia ficando pião da roça, pião de farinha, pião de fazê rapadura. Eu falo isso aí, falo porque eu atravessei por essa parte aí. Eu tenho certeza como que era. Um era domado. Olha: trabalhava com índios, índio só. Aquela época tinha muito índio (João Barriga, 80 anos¹³).

[...] naquela época, os Terena se encontravam fora de sua aldeia, trabalhando em fazenda em condições de quase escravidão. Trabalhando quase sem remuneração e muitas vezes os fazendeiros simulavam acerto de contas e diziam, aproveitando-se dos índios: ‘você ainda está devendo, portanto tem que trabalhar, mais um ano’. E a cada acerto de contas, eles repetiam o mesmo (GENÉSIO FARIAS *apud* BITTENCOURT, 2000, p. 78).

O SPI com o objetivo de implementar sua política¹⁴ de proteção aos índios, instalou na aldeia Cachoeirinha um posto em 1918, que tinha como encarregado um não índio que passou a interferir no cotidiano dos Terena, resultando na perda da autonomia política e direito dos Terena. Rondon criou a figura do capitão, que era um índio Terena encarregado de representar seu grupo em assuntos fora da aldeia.

¹³ João Marques, morador da aldeia Água Branca, filho de um dos fundadores, Leôncio Marques.

¹⁴ [...] de um jeito ou de outro, ‘o povo’ é freqüentemente objeto da ‘reforma’: geralmente, para o seu próprio bem, é lógico e na melhor das intenções (HALL, 2006, p. 232).

A constante “participação” do encarregado do posto na escolha do capitão da aldeia ocasionou divisões entre os grupos familiares e, para não haver desordem, o SPI criou a “guarda indígena” que constantemente demonstrava que os indígenas viviam em terras concedidas pelo governo “como se fosse um favor” (BITTENCOURT, 2000, p. 97).

Outro fator que possibilitou conflito na política de Rondon foi a falta de critérios utilizados para a formação de uma nova área, já que muitos indígenas viviam espalhados por fazendas próximas aos municípios de Maracaju e Sidrolândia, e outros viviam em cidade. A diversidade de grupos Terena que se encontravam espalhados da sua irmandade, os conflitos familiares nas aldeias eram inevitáveis.

No entanto este serviço do SPI trouxe vários índios Terena de diferentes regiões do estado. Neste período, em meados de 1919, é que “um grupo do Capitão Vitorino [que] ocupava uma área a duas léguas da cidade de Nioaque e apresentava uma população de cerca de 200 indivíduos, dispersos em 11 ranchos” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1969, p. 90), fundou a aldeia Brejão:

[...] foi assim que, em 14 de dezembro de 1922, criava-se a Reserva Capitão Vitorino, pelo decreto nº 611, do Presidente do Estado, por iniciativa do Coronel Horta Barbosa, então inspetor do Serviço de Proteção aos Índios em Mato Grosso. Abrangia essa reserva de 2800 hectares do município de Nioaque, que passava assim ao Patrimônio Indígena. O decreto não fazia senão reconhecer o direito desses índios à área que habitavam provavelmente desde o fim do século passado, pois já em 1904, - informa que a crônica oral do Terena, - de nome Vitorino mudava-se com sua família da aldeia Laranjal para o lugar chamado Brejão, sítio em que se instalariam anos depois o Posto Indígena Capitão Vitorino (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 45).

Mas o PIN foi regulamentado somente em 1925, pelo Coronel Nicolau Horta Barbosa¹⁵, que, com o auxílio do General Cândido Rondon, recrutava indígenas das fazendas e municípios próximos os quais, no período pós-guerra, desejassem fazer o retorno para suas origens.

Segundo as histórias contadas na aldeia e que já me foram relatadas muitas e muitas vezes, em longas conversas na roda de mate, catando pequi, fazendo pamonha, no rio, as

¹⁵ Dados de Roberto Cardoso de Oliveira: nasceu em 1928, cursou filosofia na USP, a convite de Darcy Ribeiro ocupou cargo de Antropólogo a serviço do SPI, sendo depois membro CNPI e do Conselho Diretor da FUNAI. Escreveu vários artigos e livros sobre a etnia Terena, entre eles: O processo de Assimilação dos Terena, publicado em 1960, pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro e Urbanização e Tribalismo - a integração dos índios Terena numa sociedade de classes, monografia de Doutorado/USP publicada em 1968, pela Zahar Editores.

famílias que deram origem ao PIN Nioaque vieram na esperança de ter uma terra que oferecesse sustento aos seus.

O local da moradia tinha de necessariamente oferecer característica de sustentabilidade, com mata extensa e com local para a agricultura. A terra tinha de ser fértil. Por isso o Brejão fora bem visto pelos recém-chegados, já que a aldeia fica próxima ao rio Urumbeva. A impressão que tiveram quando chegaram ao local e avistaram um brejo, com uma lama de cor escura e barrenta, deu origem ao nome da aldeia. Inicialmente, uma área de 3029 hectares, distribuídas por duas aldeias: Água Branca e Brejão, que possui a sede do Posto Indígena e da Escola Municipal Indígena 31 de Março. As demais aldeias, Taboquinha e Cabeceira, foram criadas recentemente e todas possuem escolas pólos, totalizando 1782 pessoas.

As famílias se instalaram no Brejão como nos conta Zé Canela:

Quando nois chegemo aqui tinha dois moradores, só que não tinha estrada, não tinha nada, era trieiro, só trieiro, quem fez estas estradas foi o finado meu pai, de lado do Brejão inté ali no mata-burro, lá que era uma porteira, aí nois moramos seis meses no Brejão, meu pai tinha um barricado, lá era só mato, só uma vazantinha, um aguado onde nois morava, nesses seis meses ele tentou anda nesse mato, era um matão, um serradão um tabocal, aí ele veio e saiu aqui, aqui era um campestresinho, aqui o pessoal vinha do Brejão por aqui, aqui era um trieiro, passava um Jaraguá lá em cima e sai lá por trás [...] e aí meu pai puxou um campestrezinho: vamo faze uma picada.

Com a instalação das famílias, a exploração do local era uma etapa que viria com o tempo. Os *triestros* dentro da região demonstravam a exploração do local que ficava cada vez mais longe, e assim foram descobrindo outros lugares dentro do PIN, também considerados apropriados para fazer morada.

Figura 2 - Residência Terena/Aldeia Cabeceira/PIN - Nioaque/MS.



Fonte: Acervo da autora (2007).

Uma das características do Terena é deixar o espaço propício ao uso da agricultura, adaptar, melhorar o ambiente para que a família possa desenvolver e permanecer, entrar em profundo diálogo com o meio com a natureza, e que se retire somente o necessário da mata, do cerrado. Num relato, o senhor João Barriga descreve detalhadamente, através da sua pedagogia Terena, como procedia para fazer uma roça:

Pra abri a mata, pra abri assim pra gente fazer a roça abria na enxada ou fazia queimada? Hoje [...] era pau e machado, tinha que vendê o machado depois. Desgalhá ai esperá uns vinte cinco a trinta dias pra metê o fogo. Pra plantá, plantá o milho, plantava o milho paraquá. Paraquá é um pau, é um ponto aqui, põe no chão ali oh, joga a semente ali e tampa. O arroz, o feijão, eles plantava de enxada, um ia covando na frente e o outro ia plantando, plantando. Tinha umas três, quatro pessoas. Só pra queimá aquela roça, às vezes ele escapava e fazia sucesso [...] se o acero fosse meio verde e estreito e o vento na hora [...] porque o vento chama, o fogo chama vento né. Pode num tá ventando não, mas se pôr fogo aí oh, o fogo levantô a lavareda. Pode ver que vem um vento pra soprá ele. Tem perigo. Tem que caprichá no acero pro fogo não saí do outro lado. Acero é limpa bem. Marca as roças pra queimá. Bem limpinho pra não passá pro outro lado da roça, do mato (João Barriga, 80 anos).

O desafio que os Terena tiveram ao chegar, fazer seus *triestros*, fazer as *picadas*, sem tirar da natureza o desnecessário, demonstra que esta atitude de (des)construção é tão significativa, que todos os descendentes carregam para onde quer que estejam. Na ânsia de uma vida melhor, se arriscam a viver diaspóricamente.

Nesse desejo de melhorar a vida, muitas famílias vieram principalmente de municípios próximos a Nioaque, onde trabalhavam em fazendas como peões de gado e lavradores. Alguns Terena ficavam em fazendas próximas à aldeia o que permitia um constante contato entre os grupos familiares. À medida que um grupo de família chegava, contava para um outro parente como era a vida na aldeia, a terra, o espaço de pesca e caça. Assim chegavam mais e foram formando vários grupos e, com a saída dos Terena do seu território tradicional, eles se casaram com outros grupos étnico-raciais.

A modalidade mais freqüente de amasiamento parece ser aquela que envolve indivíduos Terena e não Terena sejam estes regionais, mestiços ou índios Kinikináo, Layano, Guaikurú, etc. São as uniões interétnicas e intertribais, pois é bom esclarecer que o amasiamento como forma de união não deve representar mais que 1/3 do total das uniões (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 96).

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir de onde algo começa a se fazer presente em um movimento não “escondido”, porém não articulado coletivamente, mas ambulante, ambivalente (BHABHA, 2005). Nesses deslocamentos, as fronteiras se confundem, tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora. A necessidade de se refazer, de traduzir, de ressignificar, de viver em fronteiras, delimitadas e cercadas por cidades e fazendas, obrigou os Terena, desde o princípio, ao exercício das negociações¹⁶ para que pudéssemos nos manter vivos como comunidade indígena.

[...] o serviço dele [referindo-se ao pai] era conversado, ele era caprichoso no serviço dele e [...] ele foi pra uma fazenda [...] pra ele [...] o patrão chamô ele, pra trazê ele pra uma fazenda [...] ali nessa fazenda, ele trabalhou três anos de agregado. Plantava roça, vendia pra fazenda. Lá ele criava as vaca dele [...] lá ele criava porco, [...] pagava pião, ele resolvia tudo, quando ele queria vendê as vez, o patrão comprava, quando ele queria vendê a safra da lavoura que ele colhia o patrão comprava [...] ele tirava a parte da casa, tirava as despesas da casa, o resto a fazenda comprava tudo. [...] O dia que ele queria carniá ele carniava um dia, a hora que ele queria. Depois só apresentava o fim do mês pro patrão, teve uma vez aí que ele trabalhou

¹⁶ Negociação: “uma demanda que surge no interior de uma cultura específica se expande, e seu elo com a cultura de origem se transforma ao ser obrigada a negociar seus significados com outras tradições dentro de um ‘horizonte’ mais amplo e agora inclui ambas” (HALL, 2006, p. 82).

quinze anos, quinze anos e de gerente na fazenda. [...] aí ele falou pro patrão, então o senhor resolve porque eu vou saí. Procura outra pessoa porque eu vou sair[...] meus filhos não pode ficá desse jeito, igual eu, sem estudo, sem nada. E ele dava conta do recado. Como que ele era um homem de confiança daqueles fazendeiro, acabou ele saindo de lá [...] e saiu. O patrão entregou pra ele um lote, e ainda jogou mais umas vaca no lote dele [...] e ele veio embora, veio embora. [...] Aí nós metemos a foice aí nessa estrada. Foice e machado. Foice e machado. Eu e ele [...] (João Barriga, 80 anos).

A vida na aldeia ficava cada vez mais próxima à cidade, possuía/possui seu grau de dificuldade bastante elevado, tendo em vista que os Terena que ali residiam conheciam bem a vida fora da aldeia, não por desejo, mas imposição. Este contato muitas vezes proporcionou certo intimidamento por parte deles, deixando de manifestar sua forma natural de ser, seu jeito Terena de pensar e resolver coisas, em busca da sobrevivência, dos limites da sociedade não-índia, gerando o que é chamado de tradução:

[...] dentro dos [seus] limites em que é possível, em que pelo menos nos parece possível, a tradução pratica a diferença entre significado e significante. Mas, se essa diferença nunca é pura, a tradução também não o é, e temos de substituir a noção de tradução por uma noção de transformação: transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro (DERRIDA *apud* OTTONI, 2005, p. 19).

Mas, para traduzir, necessita-se de tempo. Tempo para conhecer a linguagem, entender os códigos, para poder dar significados. Assim se “põe o original em funcionamento para canonizá-lo, dando-lhe o movimento de fragmentação, um perambular de errância, uma espécie de exílio permanente” (BHABHA, 2005, p. 313).

É por isso que os relatos de tempos bons são carregados de saudades de um tempo que tinha fartura de peixe, de caça e de uma terra muito boa, onde tudo que se plantava colhia:

[...] aquela época o povo comia bucho de vaca misturado com mandioca. O povo comia umas besteira de gado com mandioca, primeiro o pessoal comia cabeça, também do mesmo jeito, do mesmo jeito, com mandioca né. Mandioca, o arroz, a comida é [...]. [...] comia pipoca. E a gente foi e lutou [...] eu graças a Deus eu criei, tá tudo criado. Quis casar agora [...] eu minha família graças a Deus fui muito bem. [...] Então vocês nem faz idéia. Antigamente tinha canjica, a canjica tudo era socado no pilão. [...] arroz era socado no pilão. Antigamente era tudo socado no pilão... Eu tenho arroz no ano atrasado ainda (João Barriga, 80 anos).

Nesse tempo, a alimentação se baseava em peixes, mandioca, milho, batata-doce, caça como: tatu, anta, cateto, veado. As adversidades também são lembradas cheias de saudades, uma delas é contada por Zé Canela sobre uma peste no rio Urumbeva:

[...] tinha muito, peixe era com fartura, tinha demais, demais mesmo, depois disso bateu uma peste, mais ou menos [... em] 70, aí você vê o tanto de peixe que morreu, que na borda do corgo ficou amarelo de peixe, tinha dourado, pintado, tinha de tudo peixe depois sumiu cabou, morreu muito peixe. É depois da peste, era muito difícil.

A sobrevivência da comunidade só foi possível através da solidariedade. É, com certeza, o que dá “combustível” para a sobrevivência dos Terena, até os dias atuais, seja na aldeia, seja nas cidades, pois dificilmente saem das aldeias sem um parente por perto. Aqueles que se aventuram a sair sozinhos, caso sejam bem sucedidos no local escolhido, retornam à aldeia contando muitas histórias e levam outros; mas, quando o processo é ao contrário, são os patrícios que os acolhem na aldeia.

Diante da dificuldade, a comunidade se une para solucionar. A prática do mutirão na aldeia é comum para construir casas, preparar um lote para plantar, construir um chiqueiro, para fazer festa. As pessoas vão chegando ao local do evento e já se dispõem para ajudar. Essa atitude de cuidado com o outro, de solidariedade é prática constante, pois nos relatos é comum encontrarmos exemplo de ajuda mútua, como nos conta Zé Canela quando necessitava levar um doente para a cidade:

[...] aí em Nioaque nem hospital não tinha. Tinha Posto de Saúde bem fraquinho. E o que nós fazia, se não pudesse ir a pé, armava a rede num pau e levava eles na rede. Levemo um monte de gente pra Nioaque, na rede. Cada um pegava um lado, até chegá (Zé Canela, 78 anos).

Mesmo com um contingente maior de pessoas, a comunidade permanece realizando o mutirão, que tradicionalmente começa bem cedo, e é responsabilidade do dono da casa oferecer o tira jejum. Sem dúvida, a aldeia está crescendo, mas, por outro lado, quanto maior a quantidade de pessoas, mais terras é necessário, a subsistência da comunidade depende dela. Sendo a terra menor, os espaços destinados para as roças ficam delimitados. É comum encontrarmos relatos de anciãos na aldeia relembrando dos tempos antigos, cheios de saudade:

[...] tenho saudade do jeito que a gente passava né. Tenho saudade. Era bom. Bom mesmo. Não faltava nada pra gente. Pouca gente ainda. Agora ta tomado de gente. [...] Agora não tem mais onde a gente plantá. Ta tomado já. Só lá pra cima. Lá pra cima ainda tem. Tem morador ainda, aqui tá cheio morador já. (Francisca Gonçalves, 93 anos).

O espaço onde residem os Terena da região de Nioaque é o mesmo desde os tempos da fundação das aldeias Brejão e Água Branca. Nos anos entre 1925 e os dias atuais, houve

um grande aumento de famílias, o que conseqüentemente trouxe para a aldeia uma nova preocupação: o espaço destinado para as roças.

Atualmente o PIN está dividido em quatro aldeias, Brejão, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira, e a população cresceu desproporcionalmente à quantidade de terra, ocasionando um ciclo vicioso: para comprar alimento, necessita de dinheiro, para o que logo se necessita de trabalho, que gera mão de obra para usinas e fazendas. A lógica do capitalismo.

Sabe-se que a população Terena não vive somente de suas lavouras, mas boa parte de sua alimentação e jeito de ser Terena depende da terra, existe um vínculo com ela “[...] lá tem um trecho lá pra planta. Plantar enquanto Deus quer. Enquanto ele está me dando saúde eu estou no serviço” (João Barriga, 80 anos).

As habilidades com o manejo da terra, permanecem em famílias que, mesmo diante das facilidades para armazenar, de comprar seu alimento já preparado para o consumo, persistem em manter processo tradicional, conforme aprenderam:

[...] nós fazia roça, nós não tinha [...] não tinha sacaria, tinha tuia pra guardá o arroz. Tuia é uma caixa de madeira. É uma caixa de madeira, às vezes fazia ela no chão, às vezes fazia ela no alto. Com madeira. Pega pau, corta árvore [...] Pega, corta e vai pregando, pregando. Depois de tudo pregadinho [...] de primeiro o forro dela ela de esterco de gado. Barreado tudo em roda, por dentro e por fora. Fazia um barro daquilo lá né, molhava e fazia um barro meio grosso daquilo ali [...] pra guardá um feijão, [quando] matava um porco, às vezes fazia turrão¹⁷. Não tinha sacaria, era difícil. Guardava, passava um ano pro outro aquilo ali. Não estragava. Hoje, colhia arroz de cachinho, era pouco, colhia de cachinho, punha a secá, pisava nele, pisava ou amassava com purungo. Assim: batendo, batendo pra dibuíá. Dibuíá tudo, punha no sol secá, no terreiro também com esterco de gado. Fazia aquela latada de esterco de gado e jogava no chão ai oh, metia a vassoura por tudo aí, tinha um terrerão grande aí (João Barriga, 80 anos).

Nos relatos de anciãos se percebe o gosto pela tradição, o orgulho, o desejo de vê-la sobreviver no meio de tantas possibilidades de ser aniquilada. Mas pensar que:

[...] a tradução não implica em algo fixo. É antes do caráter encarnado de todo o discurso. É um tipo especial de conceito discursivo, na medida em que se desempenha uma tarefa distinta; busca compor oficialmente, dentro da estrutura de sua narrativa, uma relação entre o passado, a comunidade e a identidade. Ela depende do conflito e da controvérsia. É um lugar de disputa e também de consenso, de discurso e de acordo (HALL, 2006, p. 89).

¹⁷ Conhecido também como torresmo.

Existe um espaço entre o tradicional e o moderno, uma fronteira, que delimita, mas não elimina o espaço entre um e outro. Esse espaço hibridizado, traduzido marca o encontro entre eles. Independente do espaço geográfico, os Terena responderam que são Terena, mesmo que diante de olhares duvidosos, não se vê nada de tradição em nós, que nos vêem como “civilizado”, ainda assim responderemos que somos Terena, diaspORIZADO.

Mas as dificuldades estão sendo vencidas, pois faz parte do jeito de ser Terena o compartilhar, que podemos aqui chamar de “solidariedade étnica”, reciprocidade e respeito mútuos (AZANHA, 2001). São características que se mantêm em ambientes fora da aldeia, com certeza elemento importante para manutenção e preservação da identidade indígena.

1.2 AS NOVAS CRENÇAS E AS CRENÇAS TRADICIONAIS

Os povos indígenas, durante muitos anos, foram vistos como um grande impasse para a sociedade, como um entrave para o progresso nacional. Muitas políticas acreditavam que eles deveriam ser incorporados, que necessitavam ser “civilizados, que deveriam ser salvos como indivíduos, mas aniquilados como povos culturalmente diversificados”. (GRUPIONI, 2004, p. 33).

Historicamente os povos indígenas foram classificados como um povo que não tem cultura nem religião e por isso deveriam tornar-se convertidos à fé cristã, para serem vistos como pessoas, seres que tinham alma. No entanto nunca deram importância a nosso modo de viver esta religiosidade ficando sempre camuflada nos mais variados projetos de evangelização.

Nas relações negociadas com a comunidade não-índia, acumulam-se ressignificações que só é possível observar, sob a mira de um olhar atento, destituído de preconceitos. Isso porque nós indígenas, de uma maneira muito particular, manifestamos a religiosidade de muitas formas, principalmente com a natureza e os elementos que dela fazem parte, como as plantas, os animais, a lua e, para melhor compreensão do leitor, apresentamos descrições desde os tempos antigos.

Relatos coletados por Ladeira e Bittencourt (2000, p. 22) demonstram que a criação do povo Terena, segundo os professores da aldeia Cachoeirinha¹⁸, foi assim:

A criação do povo Terena: havia um homem chamado Oreka Yuvakae. Este homem ninguém sabia da origem, não tinha nem pai e nem mãe era um homem que não era conhecido de ninguém. Ele andava caminhando no mundo. Andando num caminho, ouvi grito de passarinho ilhando como que com medo para o chão. Este passarinho era o bem-te-vi. Este homem, por curiosidade, começou a chegar perto, viu um feiche de capim, e embaixo era um buraco e nele havia uma multidão, eram os povos terenas. Estes homens não se comunicavam e ficavam trêmulos. Ai Oreka Yuvakae, segurando em suas mãos, tirou eles do buraco. Oreka Yuvakae, preocupado, queria comunicar-se com eles e ele não conhecia. Pensando, ele resolveu convocar os animais para tentar fazer estas pessoas falarem e não conseguia. Finalmente ele convidou o sapo para fazer apresentação na sua frente, o sapo teve sucesso, pois todos esses povos deram gargalhadas, a partir daí eles começaram a se comunicar e falaram para o Oreka Yuvakae que estavam com muito frio (Professores Indígenas de Cachoeirinha/1995).

Muitas dessas histórias se perderam no tempo e hoje precisam ser reaprendidas, ressignificadas no cotidiano da aldeia. Há muitas semelhanças neste relato com a aldeia dos Terena de São Paulo, como os elementos bem-te-vi, que dá avisos com o seu canto, o sapo, que, de todos os animais, foi o único que fez o povo Terena dar risadas. A lembrança que se tem das pajelanças ficaram restritas a curandeiros, feiticeiros e a algumas práticas que as famílias Terena ainda costumam manter, como o benzimento para as crianças, a utilização de remédios para os banhos de crianças recém-nascidas.

Com a saída de seus territórios, os Terena se viram obrigados a colocar de lado suas práticas de xamanismo, vivenciando um deslocamento, no sentido mais amplo da palavra, aquilo que tira do centro, o que não significa abandonar, mesmo que historicamente

[...] a ciência, os saberes e os conhecimentos acumulados coletivamente pelos índios durante muitos séculos foram discriminados, desprezados e inferiorizados, perdendo-se parte expressiva deles, da mesma forma que a literatura oral, a língua, a música, a cerâmica e a arte indígena (FREIRE; MALHEIROS, 1997, p. 53).

A educação cristã tinha como pano de fundo a obediência e a disciplina e, para alcançá-la, foram utilizadas muitas estratégias: oferecer “presentes”, guerras, mantê-los como escravos e utilizar-se de pessoas do mesmo grupo para catequizar. As conseqüências desse

¹⁸ A aldeia Cachoeirinha é da etnia Terena, localiza-se no município de Miranda/MS. Teve suas terras demarcadas em 1905 e mais tarde, em 1911, foram reconhecidas pelo SPI (LADEIRA; BITTECOURT; 2000, p. 96).

processo nós sentimos na pele: perdemos nossa língua, nossa cultura, nossa terra, parte da nossa identidade¹⁹ e

[...] é evidente que a atividade dos mais diversos setores envolvidos na evangelização dos índios, desde a conquista, não foi capaz de subjugar a diversidade das filosofias indígenas, nem o movimento desses povos em afirmar sua identidade utilizando, justamente, o instrumento colocado a seu dispor pelo impedimento da catequese e civilização, ‘a escrita’ (GALLOIS, 2001, p. 74).

A escrita foi um instrumento poderoso na dominação, apresentada como verdade absoluta para nós, pois se utilizavam dela para difundir a ‘palavra de Deus’ e reduziam à superstição a religiosidade indígena.

Nos tempos antigos, os Terena buscavam diferentes formas de manifestar sua religiosidade, utilizavam-se de elementos da natureza para se comunicar com o ser supremo. Para uma noção disso, descrevemos um breve histórico de como os Terena vivenciavam esta religiosidade nos tempos antigos:

Para darmos um perfil de religião dos Guaná, os cronistas nos oferecem dados extremamente precários. Informações que datam meados do século passado, indicam que os Guaná ‘acreditavam na existência de um grande espírito encarregado de mover o sol’, e por ele demonstravam um certo respeito. Mas bem maior ainda era o respeito que manifestavam pela ‘pequena constelação que chamavam de sete estrelas e cuja aparição em determinados pontos do céu era motivo de uma festa anual’. Essas cerimônias que parecem entremeadas em rituais religiosos e profanos como o Oheokti que tem como personagem central o Koixomuneti ou médico feiticeiro que com um chocalho invoca espíritos mortos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1969, p. 51).

Os relatos de escritores sobre a religiosidade indígena descrevem que eles cantavam o tempo todo e pelos mais variados motivos: “cantavam para as colheitas, para a chuva parar, para a chuva cair, para o milho pendoar. Cantavam a noite inteira, fazendo previsões e conversando com o macauã”²⁰ (BITTENCORT, 2000, p. 60). Em histórias ouvidas na aldeia, o feiticeiro ou rezador passava a madrugada cantando e rezando. Quando parava, de longe se escutava o canto do pássaro, e o feiticeiro respondia. Depois de longas horas “conversando” com o pássaro, o feiticeiro fazia suas previsões. Muitas pessoas se assustavam com as coisas que ele dizia:

¹⁹ [...] a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica (HALL, 2006, p. 30).

²⁰ Pássaro conhecido pelos antigos também como “cuãm”. Contam os antigos que quem conversasse com ele era feiticeiro.

[...] cuidado com os *purutuyé*²¹. Não somos seus escravos. Eles são nossos iguais e não senhores. Nesta terra não deve haver duas espécie de gente: uma que mande e outra que trabalhe. Todos devem receber a paga justa do seu trabalho (BITTENCOURT, 2000, p. 62).

Mas, diante do contexto a que foram expostos, logo depois da guerra, nosso povo indígena não encontrou mais um ambiente propício para manter e manifestar suas crenças. Segundo Cardoso de Oliveira (1969, p. 50): “[...] com a Guerra do Paraguai, destruídas essas aldeias e seus habitantes espalhados pelas fazendas que começaram a surgir em grande quantidade, a antiga estrutura não encontrou mais condições para sua sobrevivência”.

Dentro da tradição Terena, os relatos trazem uma figura importante que cuidava dos doentes na aldeia, o feiticeiro. Era ele quem receitava chás, benzia, fazia orações e entendia de cura. Muitos relatam que fazia o bem:

É que esses tempo esses velhos não tomava remédio, só medicamento mesmo né? Num tomava remédio de farmácia nada. Às vezes morria e não tomava remédio né? É só do mato mesmo. Não eles era [...] era feiticeiro assim, as pessoas falava, quem é feiticeiro vira onça, vira tudo quanto é bicho. Levava pra eles benzê que sarava (Zé Canela).
[...] não existia médico, não existia enfermeiro, não existia professor, essas coisas não tinha. Nosso remédio era a folha do mato, quando nós ficava com febre, dava pra nós tomar folha do mato, raiz (Astrogilda Marques²²).

A pessoa ficava doente ele corria num benzedô. Tinha mato aí que o benzedor ia buscar. Buscava e cozinhava aquele mato e dava pro paciente e daqui um pouco ele tava bem. Dava um chá, ou arrumava uma raiz lá do mato [...]às vezes [...] quanto isso aí, quando a pessoa já sentia meio incomodada já chamava já o curandor né. [...] O pai dela era curandor, ele era curandeiro [...] ele tinha mais de cem semente e ele fazia só uma sementizinha. O dia que ele tava meio [...] a gente escutava assobiá naquela cuia ali [...] é o que eu tô falando, tem gente velho que aprendeu de berço as coisas do pai. Tem gente velho que aprendeu de berço (João Barriga).

Não se sabem as orações que estes feiticeiros ou curandeiros faziam. O ritual de benzimento é assim descrito: “as pessoas pegavam uma folha e ia benzê, mas a gente não escutava nada o que eles tava falando. Ficava ali, quietinho e tá pronto” (Zé Canela).

Nessa época, todos os atendimentos feitos pelo curandeiro eram tanto para adultos, quanto para crianças. Ele atuava principalmente na saúde dos membros da comunidade indígena, tendo em vista que os recursos médicos ficavam na cidade e transportar doentes naquela época era quase que uma missão.

²¹ Não índios na língua terena.

²² Astrogilda Marques 75 anos, moradora da Aldeia Cabeceira, benzedeira e evangélica.

Atualmente os benzimentos ainda são realizados, principalmente para as crianças: “benzo só criancinha pequena”. E quando questionada com quem aprendeu a benze, responde: “com benzedor da aldeia”, utilizando “a plantinha pra quebrante, molhado folha do mato [e] folha de arruda” (Astrogilda Marques).

As benzeções são realizadas para curar moleira funda, quebrante, vento virado e outros males que se manifestam no corpo. Quando a criança evacua esverdeado e com diarreia, ela está com quebrante, ou quando está a todo momento bocejando. As características do quebrante são: criança muito enjoada, que não consegue dormir, chora o tempo todo e fica sempre abatida.

Os deslocamentos acontecem quando muitas mulheres (mães e avós) recorrem aos mais velhos em busca de soluções, e estes sempre aconselham para procurarem um benzedor. Os mais velhos exercem sua autoridade tradicional, e os conselhos são seguidos. Para exemplificar: os partos nos dias de hoje são realizados na cidade e, quando a criança e mãe deixam o hospital, recebem muitas orientações dos profissionais. Um deles é sobre os cuidados com o umbigo. Chegando à aldeia, dona Astrogilda, filha de parteira, revela os procedimentos herdados, que são utilizados até hoje, pois são as mulheres mais velhas que cuidam da mãe e da criança.

[...] fazê a cura [referindo-se ao umbigo]. Não sei como... Ela curava, com azeite. Ela amornava, amornava e ponhava no pé do umbigo. Daí ela pegava folha de mamona, folha de santa maria. Ela pegava e torrava bem a santa maria e fazia o pó bem fininho pra pôr no umbigo da criança. Aí colocava faixa. Ela tinha faixa, aqueles tempos. Agora as crianças, essas mulheres nem sabe usar a faixa. Usa só uns dias, uns meses, já joga. Seis meses que ela usava. Enquanto o pano tá aparando a barriga da criança. Quando sarava ela tirava.

O umbigo traz embutido em si muito mistérios e significados. É ele que alimenta o bebê, que faz a ligação entre mãe e filho, é também utilizado para evitar doenças: “antigo já sabe como que é. Muitos falavam que diz que era bom colocá, ponhá, faz uma bolsinha e colocá no pescoço da criança pra evitar doença, para tudo [...]” (Astrogilda Marques).

O conhecimento tradicional dialoga com as religiões de uma maneira quase que natural, quando esta permite que ele se manifeste no cotidiano. Quando a incoerência de normas fala mais alto, o deslocamento das práticas religiosas acontece como um recurso inevitável, pois não deixam de buscar soluções em quem mais confiam. Pensando assim, as

igrejas, principalmente as evangélicas motivaram muitos índios a ministrar cultos no intuito de adquirir mais adeptos.

Com a determinação dos missionários, que apresentam novas regras de convivência grupal, existem pessoas que incorporam esses novos hábitos em seu costume e discurso, mas, com o passar dos tempos, as traduções acontecem causando estranhamento.

Tinha bastante, igual benzia muito. Ninguém tinha conhecimento disso daí. Eu acho que esse negócio de benzê, essas coisas, eu acho que é um crime até, a pessoa enganá. Isso aí é um engano, tem muita gente que engana, vai morrer e foi por isso[reprodução da doutrina da igreja]. Tem gente que se faz de curandeiro. Diz que eles fazia feitiço, fazia tanta coisa. Tinha assim, quando eles fazia trabalho. Só reza e charuto. Aí foi entrando os evangélico. Depois que entrou os evangélico foi acabando, hoje é difícil você achá uma pessoa que sabe sobre sua reza, curandeiro, que faz trabalho. Muito difícil. Antes tinha bastante. Tinha bastante (Zé Canela).

Com o passar dos tempos, as congregações de várias denominações foram chegando e se espalhando por todas as aldeias do PIN: Brejão, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira. A grande maioria é de evangélicos, disputando os fiéis, com apenas duas igrejas católicas localizadas nas aldeias mais antigas: Brejão e Água Branca.

As igrejas evangélicas das aldeias deste PIN orientam seus adeptos por um padrão de conduta bastante rígido que nem sempre é seguido pelo grupo. Um exemplo é uma moradora da aldeia que é evangélica e benzedeira. Quando questionada sobre a atividade que herdou da família, sobre o pastor relata: “ele fica bravo, ele fala que o diabo também cura. Ele não sabe nada. Ele não entende nada. Ele é muito mais criança que eu [...]” (Astrogilda Marques), demonstrando que a pedagogia Terena persiste.

Os pastores das igrejas evangélicas orientam aos membros da sua congregação que evitem práticas esportivas, danças e outras atividades que são tidas como manifestações culturais pelo grupo da região, como: baile, bebidas alcoólicas, roupas que exibem o corpo, a dança do bate-pau e a dança do putu-putu²³. Os adeptos que não respeitam essas regras são punidos e permanecem por algum tempo no “banco”. Este tempo quem determina é o pastor, que diante da “falta” estipula o castigo. Durante o tempo em que permanece no banco, o membro da igreja deve refletir sobre o acontecido e, estando no banco, não participa das celebrações e cantos desse grupo religioso.

²³ Danças tradicionais do povo Terena. A dança do bate pau é dançada somente por homens e é uma preparação para a guerra. Estão simbolicamente divididas em dois grupos: *xumonó* e os *sukirikionó* (vermelho e azul). O putu-putu é a dança das mulheres que celebram a alegria de receber os homens da guerra.

As festividades religiosas, trazidas pelos católicos, também possuem um caráter muito significativo dentro do PIN. São os festejos de São João e São Sebastião, que há muitos anos são comemorados na aldeia pelos seus devotos. Uma das tradições é passar pela brasa.

[...] lá a gente fazia festa de São João Batista, fazia fogueira de São João que o meu tio fazia [...] nós fazia fogueira e nós passava por cima da brasa. Não queima. Ficava preto e apagava. Trazia pano pra passar [...] eu ia e voltava na Brasa (Astrogilda Marques).

A tradição de passar sobre a fogueira de São João é muito conhecida dos mais velhos, que relatam que muitos passavam pela brasa viva e não queimavam o pé, outros que não tinham fé tinham de ser socorridos.

[...] eu não sei dizê o que acontece... sei que somente nos festejos de São João é que passamos na brasa viva. A gente passa naquela brasa vermelhinha e quando chega lá no final olha pra trás só vê as marcas do pé nas cinzas (João Barriga).

Essas festas religiosas, assim como a festa do Dia do Índio, são regadas a churrasco e baile. Onde a festa acontece, a abertura é feita pelo cacique, e é ele que faz os lembretes para que tudo ocorra bem. No salão das festas, não é permitido usar chapéus e bermudas nem provocar desavenças ou brigas.

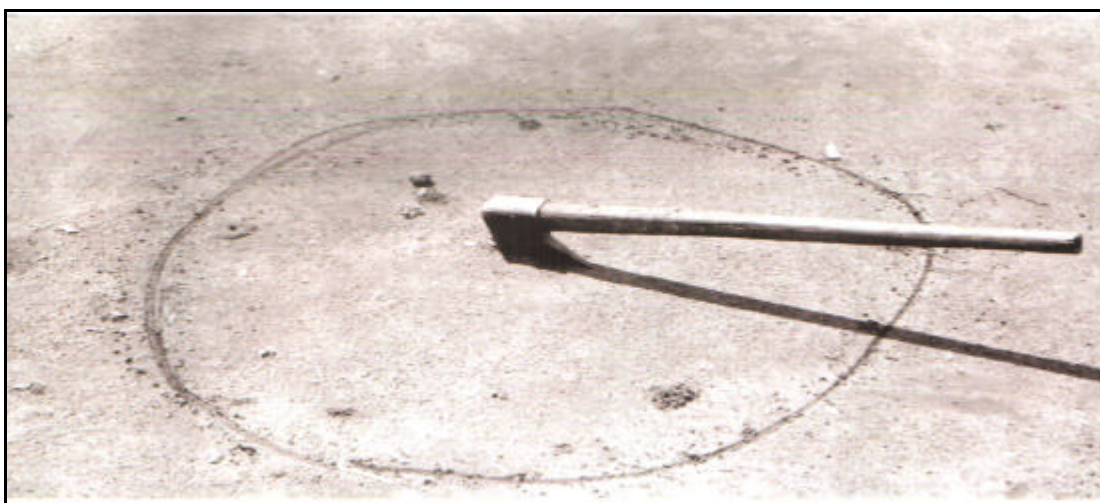
A única festividade em que é possível encontrar os dois grupos, católicos e evangélicos, é no Dia do Índio, sempre comemorado em 19 de abril. A comunidade indígena se prepara para a data, que foi criada em 1943, por um decreto do Presidente da República, tendo em vista o primeiro Congresso Indigenista Interamericano, no México, em 1940. Nessa data comemorativa, muitos indígenas deixam que a tradição fale mais alto e participam das danças e festividades realizadas nas aldeias. Para que a festa não cause divergência, existe um rodízio anual dentro do PIN para que todas as aldeias sejam contempladas.

Um outro dado histórico importante a registrar é que, por longos anos, o SPI não conseguiu instituir o casamento civil, nos postos indígenas dos Terena, “antigamente casava no cartório do Posto, aí se quisesse casá na igreja católica casava” (Zé Canela). A documentação identidade indígena, certidão de nascimento e de casamento, quando expedida pela FUNAI, tem validade apenas em território indígena, não sendo reconhecida pela comunidade não-índia. Mas, as igrejas, ao chegarem dentro da aldeia, impuseram seus conceitos e uma condição diferenciada, delimitando o certo e errado.

Com a instituição do casamento religioso, a comunidade mantém as regras de aconselhamento que é feita pelos anciãos da aldeia, que aconselham o casal, sendo respeitado pelas autoridades religiosas de ambas as congregações.

Os mistérios que envolvem nascimento, morte, a questão da fé, explicados hoje pelas religiões, deixam dúvidas, pois as histórias ouvidas na aldeia e contadas pelos anciãos colocam sempre um ponto positivo para os métodos religiosos de nossos antepassados, como fazer um círculo no meio do quintal com um machado para passar o temporal; retirar a taquara na lua minguante para a construção de casas, se a tirarem na lua nova, ela fica bichada. Esses são alguns aspectos que a comunidade indígena preserva mesmo depois da inserção da religião católica e evangélica, que é crescente dentro da comunidade. (LADEIRA; BITTENCOURT, 2000, p. 153).

Figura 3 - Pedido para que o temporal passe logo.



Fonte: LADEIRA; BITTENCOURT (2000, p. 153).

1.3 A LÍNGUA

A língua é o meio básico de organização da experiência e do conhecimento humanos. Quando se fala em língua, fala-se também em cultura e história de um povo. É também por meio da língua que podemos conhecer o universo cultural, a lógica de pensamento, as manifestações mais íntimas, ou seja, o conjunto de respostas que um povo dá às experiências por ele vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo.

O Brasil é um país muito rico em suas diversidades, tanto culturais como naturais, e no contexto que se refere aos povos indígenas não é diferente. Embora o português seja a língua oficial, no Brasil, estima-se que cerca de 1300²⁴ línguas indígenas eram faladas aqui há 500 anos, mas devido ao processo de massacre que sofreram - e sofremos ainda hoje - muitas delas se perderam, e com os Terena não foi diferente, pois,

[...] a complexidade abrange a questão da identidade brasileira que, imbricada em outras identidades, se revela indiciável e fraturada. Em parentesco a desterro oriundo de exílios e diáspora, ‘o choque da conquista’ gerou entre nós uma natureza de pessoas que extraditadas de sua própria terra, ‘devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas línguas culturais, a traduzir e negociar entre elas’ (FANTINI, 2004, p. 88).

O contexto histórico nos obrigou a aprender a viver nesta diáspora, para que pudéssemos viver mesmo que em partes. Diante disso, nossos antepassados acreditavam que, ao terminar a guerra, nós, os Terena, teríamos os territórios devolvidos, na esperança de viver como nos tempos do Chaco, de manifestar os ritos religiosos, plantar, colher, dançar, aconselhar, falar o idioma.

Mas a realidade posta foi muito diferente da sonhada. Após o período de guerra, os Terena não tinham nem os territórios já conquistados e muito menos os negociados para entrar na Guerra do Paraguai, colocando-os numa situação de diáspora, de negociação, de tradução de conceitos, valores

[...] um texto [ou cultura] só vive se ele sobre-vive, e só sobre-vive se ele é de uma vez traduzível e intraduzível (sempre... “de uma só vez... e”...: ama ao “mesmo” tempo. Totalmente traduzível, desaparece como texto, como escritura, como corpo de língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que acredita ser uma língua, morre imediatamente (DERRIDA *apud* OTTONI, 2005, p. 36).

Numa tentativa de reestruturar as comunidades Terena, o SPI tentou reconstruir os territórios, que mais se pareciam com pequenas “ilhas” cercadas por muitas fazendas. Os Terena se viram numa realidade diferente do sonho, do acordo que haviam feito para entrar na Guerra, sendo necessário uma desconstrução de seus conceitos de território.

Para tal atitude, a alternativa encontrada foi a de procurar trabalho nas fazendas, se deslocar para a cidade e viver, na periferia, do trabalho de doméstica, trabalhadores braçais na

²⁴ Dados FUNAI/Portal do cidadão. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>>. Acesso em: 12 de setembro de 2007.

RFSSA, em usinas de cana de açúcar. Daí dizer-se “[...] o êxodo em direção aos centros urbanos estão na exigüidade das terras das comunidades Terena, pequenas ilhas cercadas por grandes fazendas, incapazes de comportar a grande população desse grupo-étnico” (LADEIRA, 1999, p. 2).

Uma das causas por que se deu esse êxodo foi que, para o Terena, não é possível viver confinado em um pequeno espaço de terra, por ter como característica principal a de ser um povo agricultor. Uma vez que não podia tirar dali a subsistência para todos da sua família, ele sai em busca de outras formas de viver fora da aldeia. Tudo isso permite o contato com outras culturas, em que se inclui a questão da língua utilizada para se comunicar.

As conseqüências de se viver fora da comunidade trouxeram experiências nada agradáveis. As pessoas cheias de atitudes preconceituosas sempre nos classificavam como seres inferiores. Lembro-me que, em uma das muitas viagens para a aldeia para rever parentes, quando eu tinha mais ou menos dez anos de idade, passamos alguns dias na aldeia e fomos comprar algumas coisas na cidade. Chegando próximo a um bar, presenciemos situação de muito constrangimento: já era quase a hora em que os trabalhadores rurais (indígenas e não-indígenas) chegavam e ficavam horas num bar tomando suas pingas, aparentando de certa forma uma normalidade, se não fossem as “gozações” lançadas a todos os indígenas, que tornaram-se, então, motivo de chacotas, recebendo dos presentes adjetivos como: sujós, imundos, pinguços, maltrapilhos, preguiçosos. As risadas eram altas e grandes, o silêncio entre todos nós (indígenas). Obviamente, toda a manifestação era na língua da cidade.

[...] o português circula nas comunidades como língua dos assuntos oficiais e simboliza a sociedade nacional. Goza de um alto prestígio como língua escrita, de ampla difusão e utilidade, enquanto as línguas indígenas são em maior ou menor grau, consideradas como “gírias”, “dialetos ágrafos”, “sem gramática” e sem utilidade comunicativa fora da comunidade, com seu raio de ação cada vez mais limitado (FREIRE, 2001, p. 6).

Situações similares a essa serviram para os velhos Terena justificar o porquê não ensinar a língua indígena às gerações mais novas. Meu avô dizia “[...] não serve para nada, só para envergonhar a gente na frente desse povo” (Vicente José Carlos, morador da aldeia Água Branca).

Daí, nos dias de hoje, se observar na comunidade certo estranhamento, um desconforto nos anciãos quando se faz uma tentativa para valorizar a língua étnica. Marcados

pelo deboche e pelos preconceitos sofridos, pela discriminação vivida, preferem se omitir a ensiná-la aos mais jovens.

[...] Olha, nós não sabe nada do idioma, sabe por quê? É por causa do tronco nosso. O meu pai falava o idioma bastante, minha mãe fala o idioma bastante. Nunca ela falou com nós. Nós aprendimo alguma coisinha assim, com os outros. Eles não, agora quando chega outro índio assim, ninguém fala idioma. Bem male má. Alguma coisinha assim (Zé Canela).

Como a comunidade é composta por vários núcleos familiares de Terena, isso faz com que as variantes do código não sejam as mesmas. Existe diferença na grafia entre a língua Terena falada em Miranda e em Aquidauana. Isso traz para o PIN Nioaque duas variantes do Terena, o que impossibilita o reaprender e, juntando com o processo externo, de vergonha, timidez, inferioridade, torna a língua portuguesa mais conhecida entre os moradores deste PIN.

Não existem dados quantitativos sobre indivíduos monolíngües, bilíngües do PIN, mas é possível perceber uma lacuna entre os falantes: as pessoas mais idosas das aldeias dominam fluentemente o Terena, já as pessoas entre 30 a 60 anos falam algumas palavras e poucas frases. É o famoso “entendem mais não falam”. E as crianças e adolescentes estão no grupo dos que aprenderam na escola. A língua é uma variante que preocupa a todos dentro da aldeia, principalmente o grupo de professores que sabe que:

[...] todos os componentes de uma língua - seu sistema de sons, seu sistema morfológico e sintático e seu vocabulário, assim como suas estratégias de construção do discurso - mudam no curso do tempo, em consequência de reajustes internos desses sistemas e devido a mudanças na cultura e organização social do povo que a fala e a influências de outras línguas com que ela entra em contacto em determinadas circunstâncias. Os resultados dessas mudanças freqüentemente coincidem com fenômenos já existentes em outras línguas, mas às vezes constituem inovações (RODRIGUES, 2007).²⁵

Na tentativa de reverter tal situação, os professores indígenas lutam pela alteração na grade curricular, que hoje propõe apenas uma aula de língua indígena. Preocupados com a situação do PIN, eles propõem ter a mesma quantidade de aulas que a de língua portuguesa para assim a língua de nossas origens ocupar seu verdadeiro espaço dentro da escola. Da maneira como se apresenta a grade curricular, nos possibilita entendê-la como uma língua estrangeira, tal como o inglês e o espanhol.

²⁵ Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras / laboratório de línguas. Disponível em: <www.unb.br>. Acesso em: 28 out. 2007.

A reivindicação começou com a implementação do ensino fundamental, especificamente do 6º ao 9º²⁶, pois as crianças indígenas teriam contato com a língua estrangeira. Tal situação mobilizou o grupo de professores do estado todo e, unidos a parceiros, entraram com ação no Ministério Público e conseguimos introduzir na grade curricular a disciplina língua materna.

Diante da conquista e das exigências burocráticas, a dificuldade dentro da comunidade era conseguir o professor habilitado para a disciplina, sendo necessário convidar professores de outras comunidades de Miranda ou Aquidauana, pois os que possuíam a habilitação para o magistério não dominavam o código lingüístico Terena.

A escola ocupa um lugar de destaque na busca de reaprender a língua. Mesmo porque os Terena possuem uma longa tradição escolar. O PIN Nioaque possui professores indígenas aposentados, como Dona Angelina Vicente, a primeira professora indígena do PIN cujo nome foi dado à escola de ensino médio da aldeia, em uma justa homenagem.

Ladeira (1999, p. 3) destaca:

[...] a educação escolar tem sido um desses mecanismos que mais freqüentemente vem sendo tomado nesse sentido. O estabelecimento de uma grafia, bem possível para a conservação do uso da língua indígena. No interior da escola, dentro da sala de aula, a língua tradicional, em desuso pelo grupo poderia “revitalizar-se” entre os alunos, para assumir novamente, seu papel de veículo da comunicação formal e informal na fala cotidiana da população²⁷.

O direito da inclusão da língua indígena no currículo escolar está garantido na Constituição de 1988, em seu artigo 210, que assegura “o uso de línguas maternas, bem como os processos próprios de aprendizagem”, ficando estabelecido que cabe ao Estado proteger as manifestações das culturas indígenas. No artigo 215, o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às culturas nacionais, bem como a valorização e a manifestação destas culturas: indígenas e afro-brasileiras. No artigo 231, “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, compete à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar os seus bens” (BRASIL, 2001, p. 15).

²⁶ Antigo ensino fundamental que compreendia do primeiro a oitava série e atualmente corresponde de primeiro ao nono ano.

²⁷ LADEIRA, Maria Elisa. Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 1 outubro 2007.

A LDBEN traz de forma explícita, em seu artigo 32, que “o ensino será ministrado em língua portuguesa, mas será assegurado às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (BRASIL, 1996).

O RCNEI sugere que a primeira língua materna deverá ser a língua de instrução oral do currículo, pois chama-se de língua de instrução a língua utilizada na sala de aula para introduzir conceitos, dar explicações (BRASIL, 1998). Em segundo lugar, a língua indígena deverá se tornar a língua de instrução escrita nas situações em que se orientam os conhecimentos étnicos, ou melhor, os conhecimentos culturais. Através da língua de instrução é que o professor indígena poderá introduzir conceitos, dar explicações.

A conservação da língua materna nasce na comunidade em articulação com a escola no intuito de trazer à tona o orgulho de ser Terena, mesmo que ainda não se obtenha um sucesso absoluto, pois a língua é resultado do processo longo de colonização, dominação, desqualificando a língua indígena, chamando-a de dialeto, gíria, idioma, para que pudesse de fato exterminá-la.

Temos consciência de que reaprender significa traduzir, resignificar, deixar de ser prisioneiro, “podemos dizer que traduzo porque deixo de ser prisioneiro de uma língua estrangeira quando a transformo em minha língua materna, pois traduzir, enquanto transformação, é libertar-se, é sair dela e a ela retornar” (OTTONI, 2005, p. 32).

1.4 OS VALORES ÉTNICOS: RELAÇÃO DE PARENTESCO, MITOS, CASAMENTOS, REGRAS, CONSELHOS E OS PRINCÍPIOS PARA UMA PEDAGOGIA INDÍGENA

No seu processo histórico, a comunidade Terena vivenciou etapas que influenciaram significativamente nos seus valores étnicos, na sua relação de parentesco, nos casamentos, no seu jeito de ver e pensar o mundo, enfim, na sua pedagogia. Essas etapas históricas são importantes para compreender o processo atual.

Esta tarefa de vigilância constante é responsabilidade dos mais antigos, dos nossos troncos, que nos ensinam, desde muito cedo, a se lembrar do lugar de onde viemos, dos seus ensinamentos que carregamos conosco. Mas essa responsabilidade é dividida por todos, principalmente pelas famílias extensas, que diante das fronteiras, das cercas que delimitam

territórios, das aldeias, espaços públicos e privados e/ou todos aqueles que freqüentam, vêm-se obrigadas a negociar alguns valores.

Considero importante salientar que nós Terena temos de ter consciência da nossa realidade e reconhecer que a comunidade indígena constitui uma comunidade de resistência e não de decadência:

[...] por diversos motivos a educação indígena teve seus momentos de acanhamento, quase sem coragem de reclamar sua autonomia e seus direitos. A educação indígena não é a mão estendida à espera de uma esmola. É a mão cheia que oferece às sociedades uma alteridade e uma diferença, que nós já perdemos (MELIÁ, 1998, p. 27).

Na comunidade Terena, a criança indígena convive na sua socialização primária²⁸, primeiramente com sua mãe e sua avó materna, principalmente, são elas que cuidam da criança e a introduzem na comunidade indígena. Nos tempos antigos - conta minha mãe - as mulheres contavam 40 luas para saber quando iria nascer a criança. Nas luas minguante e cheia era menino; crescente e nova, menina.

O umbigo da criança deve ser guardado com a matriarca da família e enterrado por ela em uma árvore que seja frutífera, para dar frutos o ano todo e fazer lembrar as suas raízes, ou para demorar a ter outra criança:

[...] o umbigo quando caa da criança era enterrado. Pra guarda, pra não jogar fora. Pra enterrá, pra ficar guardado. É, enterrá no pé do esteio da casa. Aí se queria demorar pra ter outro filho, enterrava longe [...] enterrava longe da criança pra demorar ter outro filho. Enterrava em alguma árvore que dá fruto para não sair de perto da família (Astrogilda Marques).

Além de enterrar o umbigo longe da criança para demorar a ter filhos, as mulheres também se utilizavam do conhecimento tradicional de ervas medicinais. Para evitar filhos usavam “remédio de raiz, que eles chamam fedegoso, erva de santa maria, aí pegava as folhinhas e fervia, fazia chá e tomava. Aquele tempo ninguém sabia nada. Muito difícil comprar remédio” (Astrogilda Marques).

No momento do parto, as parteiras utilizavam procedimentos que auxiliavam as mulheres indígenas que tinha a criança em casa, o relato descrito por Dona Astrogilda descreve de maneira detalhada, os cuidados com o umbigo, realizados pedagogicamente:

²⁸ Entende-se por socialização primária: “a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 175).

[...] tinha um banho quente. Ela mesmo que cortava o umbigo. Com tesoura [...] tinha outra parteira também. Ela socava o umbigo primeiro, aí ela media três dedos, ela amarrava aqui e deixava esse tanto assim, daí o umbigo ela amarrava e cortava. Tem uns que corta bem aqui na raiz né, amarra e corta bem na pontinha. E aí, quando o umbigo vai secando pra cá, não cá direito. O umbigo, se corta muito curtinho, não fica bem não. Tem que deixar um bom tamanho [...] Depois que curava o nenê. Aí ela ia [...] de primeiro quando nascia a criança, ali limpava ela tudo, aí colocava ela na cama aí ela ia atendê o nenê, cortá o umbigo, dá banho. Fazê a cura. Como toquinho do umbigo [...] Quando ela botava o umbigo, ponhava tudo ali junto com a mãe [...] antes dela cortá o umbigo da criança. Ela amarrava o umbigo e cortava. Aí ela curava isso daí e colocava a faixa (Astrogilda Marques).

As mulheres, depois de ganhar as crianças - mesmo que em dias atuais os partos não aconteçam mais em casa com as parteiras da aldeia - continuam mantendo o período de quarentena, como chamam. Nesse período, a mulher não pode tomar banho no rio, comer determinados tipos de alimentos, como pimenta, carne gordurosas, alimentos ácidos como limão, feijão, evitar o sal. Não podem realizar suas atividades de rotina, como cuidar da casa, lavar roupa, varrer, cozinhar, sair de casa somente em casos especiais, como ir ao médico.

Quem cuida dela é a própria mãe e na ausência desta, a irmã ou prima. Também a sogra ou uma mulher mais velha da família cuida da criança e da mulher em quarentena. Os banhos da criança indígena, quando recém nascida, são realizados com muitas ervas, como picão, que evita o amarelão, algodãozinho, carrapichinho, entre outras.

O aleitamento das crianças indígenas somente é interrompido quando a mãe espera por outra criança e, quando isto não acontece, ela mama até entrar na escola quando ocorre a socialização secundária²⁹. A criança indígena mama sem horários estipulados, sempre que tem vontade. Na ausência da mãe é outra parenta que assume a tarefa.

As crianças indígenas, mesmo pequenas, participam de todos os acontecimentos da aldeia não sendo excluídos de nenhum deles. Ela vai ao baile com os pais, ao rio no colo dos adultos ou de outras crianças maiores que ela, à roça com sua família, não há espaços proibidos. A criança indígena está sempre acompanhada ou cuidada por outras crianças, no colo dos pais e da sua família extensa.

É esta família que a acompanha e apresenta a comunidade permitindo que ela vá aos pouco sendo introduzida nos espaços, “o individuo não nasce membro da sociedade

²⁹ Entende-se por socialização secundária “é qualquer processo subsequente que introduz o individuo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 175).

[indígena]. Nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro a sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 173).

É a criança indígena que dá recados, faz troca de alimentos, ocupa-se de pequenas tarefas, como cuidar de pequenas criações, como porco e galinha; é ela que varre o terreiro, cuida da louça, sempre acompanhada de adultos ou outras crianças maiores. Esse processo de aprender a reconhecer as atividades que são aconselhadas para realizar, é um processo de compreensão da realidade em que ela está inserida. Desse modo,

[...] o ponto crucial deste processo é a interiorização, a saber, a apreensão ou a interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dado sentido, isto é, como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim. A interiorização neste sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar, da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido (BERGER e LUCKMANN, 1987, p. 174).

É através da socialização primária que a criança indígena, interioriza, torna-se parte, aprende a viver e a dar importância aos valores que os adultos lhes apresentam. A princípio não por escolha individual, mas por confiar nesses adultos, interioriza esses valores e aplica-os para a sua vida e repassa para seus descendentes.

A criança [indígena] absorve os papéis e as atitudes dos outros significativos [da sua família extensa], isto é interioriza-os, tornando-os seus. Por meio desta identificação com os outros significativos a criança torna-se capaz de se identificar a si mesma, de adquirir uma identidade subjetivamente coerente e plausível (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 177).

Tradicionalmente o casamento Terena seguia o sistema de castas: no topo, os *naati*, que significa chefes e toda sua parentela; em seguida os *waherê*, que eram os homens comuns; e, embaixo, os *kauti* eram os cativos e foram excluídos naturalmente. Segundo Cardoso (1966, p. 21), “como se vê ocorrem duas formas de estratificação: uma étnica e outra social”, pois os *kauti* eram capturados em guerras para ser aproveitados na agricultura. Não era permitido o casamento fora das castas, podendo ser negado por um dos anciãos do grupo.

Posteriormente, as castas subdividem-se ainda em *sukirikionó* (pacífico) e *xumonó* (guerreiro), mas esta organização era utilizada somente para cerimônias religiosas (*oheokoti*), em que as duas partes duelavam e tinham que demonstrar suas características de manso e o outro de provocador. Mas fatores históricos já descritos, como trabalho externo, guerra, disputa de terras, não permitiram que os Terena mantivessem o sistema de castas. Atualmente

os Terena mantêm as regras de conselhos, sendo necessário que o pretendente ao casamento apresente-se para a família do interessado, aguardando o consentimento ou a negação do casamento.

As famílias Terena são bastante numerosas, ajudam-se mutuamente, pois o conceito de família é extenso, abrangente. Não se considera família apenas as pessoas como pai, mãe e irmãos. Quando falamos em família, estamos falando de avós, tios avós, pai, mãe, irmão, primos, que também são considerados irmãos, pela pedagogia em que somos criados.

O novo casal tem uma rede de pessoas que se tornam sua “família de orientação, cuja aceitação – tácita ou não – do genro ou da nora pelos sogros resulta na formulação definitiva da nova união no âmbito da comunidade” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 93). Essas pessoas são responsáveis em aconselhar o novo casal em sua nova realidade, não existe um grau de parentesco para exercer esta responsabilidade, basta que o indivíduo que aconselha seja o mais velho entre todos. Esta pessoa mais anciã do grupo possuía a autoridade de formalizar a união no âmbito da comunidade.

Atualmente as famílias de orientação passam por um processo de ressignificação, os aconselhamentos ficaram restritos aos núcleos familiares menores, pois os mais velhos dessas famílias dedicam-se a orientar os membros mais próximos, não sendo responsáveis pela aldeia toda. A distância entre as aldeias e as influências externas, como religião, cargos públicos ou políticos, ressignificam a tradição.

Não é aconselhável o casamento para primos de primeiro grau, tidos como irmãos, tios, sobrinhos, porque são relações consideradas incestuosas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1966, p. 31).

[...] é que os antigo fala que casá com primo chegado mesmo, o filho sai com defeito, sai [...] Casá pode casá, mas só que pra frente vai sofrer com o próprio filho mesmo. A gente já ouviu falá isso daí. Os antigo falam (Zé Barriga).

A cerimônia civil ou a religiosa trazia consigo uma série de benefícios para os não-índios que desejavam casar com indígenas. Geralmente eram mulheres Terena que casavam com homens não-índios e queriam obter direito de residir e plantar em áreas Terenas, observando que estes descaracterizavam o ambiente da aldeia e construía cercas em suas “propriedades”, transformando-as em pequenos lotes, distanciando sua família da comunidade indígena, que não vê a terra como uma geradora de renda, e não respeitando a ordem local.

Diante disso, foi criada uma regra que se tornou tradicional: nenhuma mulher indígena poderia residir com não-índio ou civilizado dentro da aldeia, regra essa que permanece até os dias atuais:

[...] a questão do casamento era [...] o branco se casasse com uma índia num podia casá aqui, só podia casá no cartório. Isso aí é até agora, vale ainda isso aí (Zé Canela).

As mulheres que casam com não índio têm reconhecidos pela comunidade indígena apenas os filhos deste casamento e, por isso, nem insistem em pedir permissão para viver na aldeia. Ao contrário desta situação, os índios podem levar suas esposas para a comunidade, não observando assim nenhum constrangimento para elas.

Na comunidade Terena, o casamento é visto com muita seriedade, não sendo permitido que adolescentes casem grávidas. O aconselhamento do núcleo familiar as instrui, desde pequenas, para que nada disso aconteça, dialogando sempre.

Existe uma certa liberdade para a construção da casa, o que pode ser feito em qualquer espaço da aldeia, mas geralmente acontece que, por causa deste conceito de família extensa, os grupos permanecem residindo próximo uns dos outros, facilitando a cooperação econômica e/ou partilha de alimentos. A família ou parentela é constituída por grupos domésticos ligados por um laço sanguíneo, centrados no pai ou no irmão mais velho. Existem ainda alguns casos de famílias em que residem duas gerações (pais e filhos), outros em que residem até quatro gerações (pais, avós, filhos e netos).

[...] todo mundo junto. O porquê que acontecia isso daí, por causa com certeza, do amor do filho, em que pai e mãe criou ele. Aí casava pra saí da casa e aí aceitava eles aí, pode morar aqui, mora ali num quarto (Zé Canela).

Na educação comunitária, os Terena utilizam de mitos e lendas para orientar, aconselhar, pois

[...] possuir uma identidade cultural neste sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado, o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2006, p. 29).

O mito reaviva as lembranças, promove o encontro de gerações, e sua narrativa atemporal possibilita o entendimento, que traz embutido em seu discurso um conjunto de descrições que modelam o comportamento social do grupo. Um deles é o rasga-mortalha³⁰: “é que ele diz que a gente vai ficar sabendo que alguém morreu. É o rasga trapo... É, que vai trazer notícia ruim. Isso é o sistema dos antigos né? [...] eles só falavam vai ter morte próxima, o bicho tá berrando [...]” (Zé Canela).

As lendas ou mitos mantêm seu objetivo no PIN, pois nas histórias contadas principalmente para as crianças há orientações sobre os momentos em que a vida pode correr risco. Isto acontece principalmente à noite, pois durante o dia as crianças circulam dentro da aldeia livremente, conhecem os locais que “podem” andar, nadar, brincar.

Para coibir, sem violência, a saída de casa à noite, principalmente em noites de lua cheia, quando as estradas ficam iluminadas pela lua e causam certo deslumbramento, utilizam-se de suas histórias. Uma delas é o come-língua que nos foi contada pelo Zé Canela:

[...] é que uma vez nós tinha um touro... um touro gordo, e o come língua só gosta de gado gordo né? E aí deu um temporal de chuva e aqui era mato ainda né? Aí pra cima tudo era mato ainda, até o (incompreensível). Até era ainda, aí quando foi no outro dia cedo nós foi vê um touro grandão (incompreensível) aí nós fomos vê, ele tava deitado não podia levantar, tava de cabeça baixa assim. Um touro bonito, um touro grande, gordo. E aí... aí o finado meu pai laçou e derrubou ele e olhou, tava sem língua. . Meu pai falou que era o come língua

Um outro mito é o pé de garrafa, contado pelo João Barriga assim relatou:

[...] em longas viagens que fazia para levar gado de um lado a outro, passando por um desbarrancado, escutasse um grito vindo da mata, e tendo que passar por um trieiro bem próximo, e isto era de noite, longe ainda da onde ia deixar o gado, não existia outra jeito. O jeito foi dormir por ali mesmo, então fiz uma fogueira, tomei mate, aí eu ouvia aquele barulho cada vez mais perto, aquele grito, não sabia direito o que era, percebi que os animal tava assustado, aí comecei a reza, consegui dormi graças a Deus tranqüilo. Acordei cedo, tirei as traia e aí quando ia saí, segui meu destino, e foi quando de repente vi uns pé em forma de garrafas na cinza da fogueira e como já tinha escutado meu pai contar pra nós desde de pequeno que é o pé de garrafa, e foi por causa do fogo que descobri que era ele, as marca da garrafa certinho na cinza.

³⁰ Rasga - mortalha ou rasga – trapo é um pássaro de hábitos noturnos que emite um som semelhante a um tecido rasgado.

A educação comunitária persiste e continua a proporcionar a delimitação de atitudes na aldeia. É através dos conselhos que somos orientados, a fala é um importante componente para esta transmissão, sendo completamente desnecessário gritar ou coagir de outra forma. O tom de voz é sempre o mesmo, porque acredito que se vê aprendizagem em todos os momentos da vida, seja ele na hora de aprender a plantar, dar milho para as galinhas, até mesmo para ser chamada a atenção quando se chega tarde de um baile, fora da hora estabelecida.

[...] é só conversar. Explica como é que é. Fala de novo, conversa, explica. Nós aqui, nós já falemos e eles ficam quietinhos sabe e não acontece nada. O que a gente fala pra eles, fica ouvindo ali e vai cumpri o que a gente fala pedindo pra eles (Zé Canela, 78 anos).

A interiorização desses aprendizados só é possível em contato com outros elementos externos à comunidade indígena, o que a princípio torna-se uma ação inconsciente e, somente depois, uma atitude de opção, “a realidade da vida cotidiana é continuamente reafirmada na interação do indivíduo com os outros, [ela] é originariamente interiorizada por um processo social, assim também é mantida na consciência por processos sociais” (BEGER; LUCKMANN, 1987, p. 198). Para exemplificar, tenho dois meninos que brincam livremente quando estão na aldeia, participam desses momentos e tanto minha mãe quanto meu pai, tronco da nossa família, mantém vivo esses mesmos processos, pois

[...] as comunidades [ou famílias] migrantes trazem as marcas da diáspora, da “hibridização e da *differance* em sua própria constituição. Sua integração vertical e suas relações tradições de origem coexistem como vínculos laterais estabelecidos com outras “comunidades” de interesse, de prática e aspiração, reais ou simbólicos (HALL, 2006, p. 79).

Figura 4 - Minha mãe, Célia Gonçalves, com os netos.



Fonte: Acervo da autora, 2003.

O retorno à aldeia, reaviva nossas lembranças para que estas nunca desapareçam e mantenham-se vivas pelas histórias que sempre ouvimos, pois, “sem dúvida, o indivíduo em geral lembra-se das realidades do passado. A maneira de ‘refrescar’ estas lembranças é conversar com aqueles que participam da importância delas” (BERGER; UCKMANN, 1987, p. 206), pois sentimos a necessidade de sermos localizados para pensar “dentro de uma tradição”, para “algum lugar³¹”, neste caso a comunidade indígena Terena de Nioaque.

Nesse lugar, em nenhum momento é possível assistir a uma ordem, a uma imposição, sempre primam pelo conselho tanto para as crianças como para os adultos, todos estão sujeitos a um conselho, porque a base da educação se estabelece através dos mais velhos, é deles a palavra final, sempre o mais velho da casa, que durante uma

[...] conversa reforça seu poder regenerador da realidade, mas a falta de frequência pode às vezes ser recompensada pela intensidade da conversa, quando esta se realiza (BERGER; LUCKMANN, 1987, p. 205).

A observação, o exercício da escuta, o respeito-mútuo, a solidariedade étnica se estendem para os espaços em que este sujeito encontra-se inserido, traduzido, hibridizado, negociado, criando um “terceiro-espaço”, o que aos olhos de outras pessoas é percebido como

³¹ “Todos somos originados e falamos a partir de ‘algum lugar’: somos localizados – e neste sentido até os mais ‘modernos’ carregam traços de uma etnia” (HALL, 2006, p. 80).

características de dependência. Quando nos propomos a pedir um conselho para nossos pais ou outro velho, causa uma estranheza nas pessoas que não partilham conosco esta vivência, este jeito de ser Terena, pois não conseguimos iniciar um projeto sem antes consultá-los.

Os fatores que contribuem para que a família sempre retorne é o cuidado e a confiança estabelecida entre nós, pois a correção acontece verbalmente, sem que seja necessário alterar o tom de voz. Ela acontece sempre que necessário e, para os que convivem pouco conosco e se utilizam de outros recursos para corrigir, parece ser apenas mais uma conversa simples, um alerta, no entanto, dessa forma sem se alterar, é que compreendemos o significado das palavras e o quanto elas também machucam e envergonham. A conversa é repetida pacientemente até que o problema seja solucionado.

Todo este aprendizado é útil para nossa vida em qualquer lugar que nos encontrarmos. A correção é feita geralmente quando ferimos nossos valores e damos importância a outros. Nossos pais sempre se reportam “não é assim que você foi criado”, lembrando-nos sempre que existem valores que não devemos esquecer, mas manter, perpetuar porque

[...] a tradição não implica em algo fixo. È antes um reconhecimento do caráter encarnado de todo o discurso. È um tipo especial de conceito discursivo, na medida em que se desempenha uma tarefa distinta; busca compor oficialmente, dentro de uma estrutura de sua narrativa, uma relação entre o passado, a comunidade e a identidade. Ela depende do conflito, da controvérsia. È um lugar de disputa e também de consenso, de discurso e de acordo (HALL, 2006, p. 89).

CAPÍTULO 2

PEDAGOGIA TERENA: TRADIÇÃO – TRADUÇÃO E AS RELAÇÕES COM A FAMÍLIA, A COMUNIDADE E A ESCOLA

Duas modalidades de trabalho infantil foram flagradas no início deste ano [2008] em Campo Grande por fiscais da Superintendência Regional do Trabalho. Em um dos casos o problema é antigo: crianças carregavam sucatas para vender nas imediações do lixão. No outro extremo da cidade, saída para Cuiabá, um problema novo: crianças indígenas, a partir de quatro anos de idade, descascavam feijão e pequi para os pais, atividade que além de irregular, é considerada de risco. Na aldeia urbana Água Bonita, na saída para Cuiabá, os fiscais encontraram 11 crianças e três adolescentes trabalhando, em casa, descascando feijão e pequi. Além de caracterizar exploração da mão-de-obra infantil, o trabalho é considerado perigoso porque, no caso do pequi exige o uso de faca. No local, a comunidade informou que as 40 crianças que vivem na aldeia urbana acabam se envolvendo no trabalho, com maior ou menor frequência. Elas também descem para o centro da cidade, para acompanhar as mulheres na venda dos produtos. As famílias dizem ter o “apoio” das crianças porque culturalmente sempre foi assim. Hoje a necessidade seria ainda maior, como forma de garantir renda, já que esse tipo de comércio é a única forma de sobrevivência. Silmara Cândido, de 17 anos, relata que em sua casa são oito crianças, com idades entre um e onze anos. Ela confirma que muitas trabalham, mas diz que não são obrigadas. “Fazem para ajudar”. No dia da fiscalização, Silmara e uma menina de oito anos debulhavam feijão de corda e cortavam pequi. “Mas a gente estava de férias”, justifica. Pequi é renda certa para os índios por conta da procura e pelo valor, são R\$ 5 pela garrafa do produto. Sueli Olidório, de 47 anos, comenta que a filha de doze anos também descasca pequi para ajudar. A índia terena mora sozinha com a filha e não vê outra forma de sustentar a casa. “Ela tem de ajudar”, comenta. Para a auditora que coordena o grupo de Combate ao Trabalho Infantil da Superintendência, Regina Rupp, se houvesse mais vagas em creches, o problema seria amenizado na aldeia urbana. Ela garante que já entrou em contato com os diretores da creche que fica no bairro, a Marta Guarani, e solicitou a inclusão das crianças que hoje não são atendidas (MATHIAS; SANTOS, 2008).

Figura 5 - Mulheres da Aldeia Água Bonita/Campo Grande/MS.



Foto: Minamar Junior (2008). Disponível em: <<http://www.campogrande.news.com.br/canais/view/?canal=8&id=220375>>. Acesso em: 17 fev. 2008.

Neste capítulo, descreverei como a pedagogia Terena é resistente³², pois através da oralidade, são comunicados e transmitidos seus conhecimentos tradicionais. A realidade a que foi exposta, a imposição de uma língua nacional e o confinamento em pequenas ilhas, ocasionou a pouca produtividade agrícola do povo Terena e, sendo assim, o trabalho coletivo inexistente e fica impossível sobreviver apenas do que a terra produz.

Obrigados a buscar alternativas de sobrevivência, o Terena se emprega em atividade externa, de baixa remuneração, instável, conhecida também por *changa*³³. O processo histórico vivido por nossos antepassados nos deixou profundas marcas que se tornaram mais uma razão para não desistir da luta

[...] a gente era discriminado né? Por ser índio eles chamavam de bugre né? Que bugre era, a maneira deles dizer, a maneira como [...] então a gente vivia assim meio envergonhado. E nós, por ser índio, na hora que a gente é vai ser desprezado sempre. Então nós temos que procurar buscar, aprender a cultura deles também. Não desprezar a nossa, mas sempre ficar com ela e

³² Quero pensar aqui que resistência na “noção derridariana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismo, fronteiras veladas que não se separam finalmente, mas são como *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo e sem fim. Sempre há um ‘deslize’ inevitável do significado da semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo parece que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2006, p. 33).

³³ Changa: trabalho externo realizado de maneira braçal em curto período de tempo.

permanecer sempre e aprender com eles também. Aprender a conversar com os brancos. [...] pra não ser discriminado (Pedro Vitorino³⁴).

A resistência a esse processo nasce quando aprendemos a não desprezar nossa cultura, e sim ‘sempre ficar com ela e permanecer sempre’, perpetuando nos descendentes o orgulho de ser Terena.

[...] os povos indígenas mantiveram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continuou havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações (MELIÁ, 1998, p. 21).

A alteridade³⁵ nos auxiliou a compreender que, mesmo diante da intervenção histórica, inauguramos um modo novo de ver o mundo, deixando de ser observador para ser autor, não das ações, mas dos elementos que nos era possível traduzir.

Descrever as maneiras, jeitos, a ação pedagógica que nós – Terena – temos de dialogar com o seu entorno faz deste capítulo uma gostosa lembrança. No entanto não posso deixar de mencionar que a manutenção desses processos fora do território de origem delimitou um marco na nossa história, que propiciou vivenciar a diáspora. Sei que herdamos um passado de perdas, que possibilitaram um presente de ressignificações.

Os elementos trazidos da aldeia depois do esparramo, para fazendas e a periferia das cidades, viabilizam a ressignificação e hibridização. Esses elementos estão colocados sempre ao meio, numa luta constante entre o passado e o presente, entre o desejo de permanecer e o de retornar.

O povo Terena, mesmo vivendo nas aldeias, não vive isolado, sem contato com o seu entorno. As aldeias aqui no Estado estão cercadas de vizinhos e a tradução sempre é um recurso necessário para nos lembrar do nosso local, das nossas dobras, acredito que

[...] a tradução é sempre um acontecimento que está sempre entre o intraduzível e o traduzível, e a leitura entre o legível e o ilegível. Estar no “meio”, neste “duplo” papel em que se encontram o tradutor e o leitor [...] Esse “meio” é o lugar do indivíduo, do sujeito que não se separa do objeto, das suas diferenças e nem das impurezas (DERRIDA *apud* OTTONI, 2005, p. 41).

³⁴ Pedro Vitorino é o primeiro professor indígena do PIN Nioaque. Foi vereador e secretário municipal de educação nos anos de 1977 e 1978..

³⁵ “Alteridade: condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser outro” (SILVA, 2000, p. 16).

Mesmo com tantos estímulos a nossa volta, é através da socialização primária que a comunidade indígena “cria na consciência da criança a abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral” (BERGER e LUCKMANN, 1987, p. 178). Por meio das pessoas que têm significado para elas (pai, mãe, avós, tios, primos) é que as crianças aprendem valores e atitudes que são importantes para sua formação. Essas características levam-nas a se reconhecerem e ao mesmo tempo serem reconhecidas como membros desta ou daquela comunidade.

Os valores que aprendemos ficam impregnados na alma, num desejo em voltar para casa e, quando Rondon através do SPI tirou os nossos antepassados da fazenda, a esperança de os Terena viverem em sua própria terra era com certeza o sentimento imperante. A expectativa durou pouco. Com o crescimento da população indígena, a terra, que é seu bem maior, tornou-se insuficiente para as famílias sobreviverem dela. Foi a partir de então que muitas famílias começaram a sair desse espaço para trabalhar novamente em fazenda, no comércio das cidades, em empresas públicas (RFFSA) e na usina canavieira. Descobrimos que

jamais poderemos ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da “floresta de signos” (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (reliquias secularizadas, como Benjamim, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e lhe dar forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos (CHAMBERS *apud* HALL, 2006, p. 27).

Mas como manter a identidade Terena neste processo de diáspora? É possível delimitar onde começam e onde terminam as fronteiras desse processo? Qual a relação que essas pessoas têm com o local de origem? E de que forma podemos pensar o seu pertencimento?

Sob a luz dessas inquietações, neste capítulo, descreverei os processos próprios de aprendizagem divididos em dois momentos:

a) A pedagogia Terena nas relações família e comunidade

Neste item, farei a descrição da pedagogia Terena na formação da criança indígena. É a família que apresenta os primeiros conceitos para que a criança se reconheça e seja reconhecida pela comunidade.

E, impregnada desse princípio, pensei que seria capaz de trabalhar família e comunidade indígena em categorias distintas, descrevendo os processos separadamente; mas, quando comecei a escrever, me dei conta de que os conceitos imbricados em mim são mais fortes. O conceito de família extensa não me favoreceu para descrever os processos como havia planejado, pois ao mesmo tempo em que falava de família, falava também de comunidade.

Nesse propósito descritivo, utilizarei os autores: Cohn (2005), Silva (2002), Hall (2004), Derrida (2005), Bhabha (2005) entre outros para interpretar os processos próprios de aprendizagem da etnia Terena, na qual estou inserida. E para descrever a pedagogia Terena, os autores Terena, anciãos da aldeia, em cujas falas há importantes informações sobre a questão.

b) Pedagogia Terena e a educação escolar

Neste outro item encontra-se a descrição dos processos próprios de aprendizagem na relação escolar. Tem-se em vista que a educação escolar historicamente tenha sido um elemento de catequização e dominação dos povos indígenas; no entanto, atualmente, vem-se tornando um forte elemento de luta e resistência. Um fator importante que diferencia o PIN Nioaque, é que quase todos os professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental são indígenas, que vivenciam e são criados nesse mesmo processo de aprendizagem.

Porém a experiência em escolas fora da aldeia obrigou a traduzir, negociar, articular processos escolares, o que conseqüentemente possibilita reproduzir conceitos de práticas escolares a que foram submetidos, ora como alunos do ensino regular, ora como professores indígenas em formação, propiciando uma atitude de ambivalência, colocando sob rasura³⁶ os processos próprios de aprendizagem da comunidade Terena.

³⁶ “Assim, em se fazer um movimento em direção à maior diversidade cultural no âmago da modernidade deve-se ter cuidado para não se reverter simplesmente a novas formas de fechamento étnico. Deve-se ter em mente que a ‘etnicidade’ e sua relação naturalizada com a ‘comunidade’ é outro termo que opera *sob rasura*. Todos nós nos localizamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais” (HALL, 2006, p. 79).

2.1 A PEDAGOGIA TERENA NAS RELAÇÕES FAMÍLIA E COMUNIDADE

Os ensinamentos de nossos pais lá na aldeia são fortes, foram feitos para sempre, estão impregnados em nossa alma, morreremos com ele (Marcos Terena, 1992)

Racionalizar a pedagogia Terena bem como os processos e elementos que dela fazem parte, torna-se difícil para mim. Não encontro palavras para explicar as etapas em que esta ação acontece, apenas as vivencio sem racionalizá-las, mas farei um imenso esforço para descrever como este processo acontece.

Os ensinamentos que permeiam a pedagogia Terena perpassam principalmente pelo núcleo familiar, já que através deste é que nós somos inseridos dentro da comunidade indígena. É de responsabilidade do grupo familiar a apresentação de valores étnicos, como o respeito mútuo, a solidariedade, o costume de “dar a benção”.

O conceito familiar do Terena é muito extenso, ele considera todos da aldeia como parentes; em alguns casos, até mesmo índios oriundos de outras aldeias ou de outras etnias. Essas situações acontecem pelo vínculo afetivo que estabelece com os outros, muitas vezes solidários pela própria situação em que vive.

A família permanece ligada mesmo com a morte dos troncos, pois o irmão mais velho assume e tem essa responsabilidade de unir, aconselhar e cuidar dos membros, mantendo a família de orientação, de referência aos mais novos. É com os anciãos e principalmente com nossos pais que aprendemos a educar nossos filhos, participando ativamente desse processo, com aconselhamento.

A pedagogia Terena permeia toda a ação da família uma vez que, no contexto familiar, são ensinados os processos de comportamentos, o trabalho com a agricultura. Para exemplificar isso, bem se expressa João Barriga com sua fala sobre como seu pai lhe ensinava a dar recados na fazenda vizinha:

Quando meu cavalo tava arriado, ele falava assim: tá bom, você vai lá e fala lá pro Lauro assim que nós queremos um rodeio e quando eles pode dá um rodeio pra nós. [...] quando eu tava pertinho do cavalo, falava vem cá, onde você vai? Vou lá na fazenda. Qual é fazenda? [...]

Tinha que saber o nome da fazenda?

[...] Na Bocardi. Fazê o que na Bocardi. Vou falá com seu Lauro pra ter um rodeio lá. Antes de eu chegá aqui e falá que ele mandou eu voltá, eu tinha

que tirá o chapéu da cabeça e pôr na mão junto com o reio pra mim chegá na fazenda e falá isso [...] e eu era gago, gago, me dava um nervoso, aí que eu não falava direito. Tinha que ser desse jeito. Desse jeito. Às vezes ele deixava eu muntá a cavalo e saí, e me chamava né. Quando eu ia chegando ali oh, faz de conta que você já chegou lá na fazenda. [...] tinha que fazer de conta que era o seu Lauro e tinha que falar daquele jeito que ele falou pra mim.

As repetições caracterizam que a pedagogia Terena é constituída de muita paciência, tendo como principal característica o aprender fazendo. Através desse ato é que pacientemente o pai ensina o filho como deve proceder, de maneira detalhada, num vai e vem de repetições, explorando do filho o melhor desempenho

[...] não tem uma história de berço? Então você leva desde pequeninho. Minhas crianças saiu assim guapo, saiu algum trabalhador, porque, quando eu ia pro serviço, ele ia comigo, pequeninho. Com a enxadinha pequeninha, cabinho curtinho levava já. Ficava matando mato por lá, daqui a pouco já deitava debaixo do pé de mandioca, já cochilava, dormia por lá né. Eu saía cedo pro serviço, até eu levava o tira jejum, eu ia cedo mesmo. Arrumava meu mate, o dia clareando eu já tava terminando de tomá meu mate e vazava pra minha lavoura, para poder dar conta né. Daqui pouco ela chegava lá, já tinha a enxada dela lá, aí ia carpi, até nove horas (João Barriga).

Na cultura Terena, a comunidade exerce papel fundamental na transmissão de saberes tradicionais, pois “comunidade significa entendimento compartilhado do tipo natural e tácito, ela não pode sobreviver ao momento em que o entendimento se torna autoconsciente” (BAUMAM, 2003, p. 17), demonstrando que a escola não é o único lugar de transmissão de conhecimento, de aprender, mas a comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada e transmitida por seus membros, que contribuem na formação da identidade de todos.

A comunidade do PIN Nioaque, como já citado, se constitui das aldeias Brejão, Taboquinha, Água Branca e Cabeceira. Estas formam uma unidade social que se agrega às demais aldeias quando possuem o desejo de lutar por algo comum, ao mesmo tempo em que se torna independente por ter seu cacique eleito em assembléia, considerado por esta comunidade o membro de maior destaque.

O cacique é, pois, um representante político da aldeia, é ele que tem a responsabilidade de cuidar da ordem, zelar pelo bem comum. Todos os visitantes devem passar na casa dele para comunicar o motivo de sua visita, e quem o convidou é que apresenta ao cacique, que aprova ou não a presença desta ou daquela pessoa. Quando eleito, o cacique compõe seu Conselho com a finalidade de zelar pelos interesses comuns da comunidade.

Nesse momento, torna-se o representante legítimo da aldeia no PIN para lutar por um interesse comum às quatro aldeias, constituindo assim uma autonomia política própria.

As aldeias são compostas por um conjunto de residências situadas dentro dos seus limites geográficos, tendo vários grupos familiares nos quais todos são responsáveis e co-autores da educação de seus membros.

A comunidade indígena Terena há muito tempo vem constituindo um processo de educação sistematizado, em que:

[...] o entendimento não precisa ser procurado, e muito menos construído: esse entendimento já está lá, completo e pronto para ser usado, de tal modo que já entendemos, sem palavras e nunca precisamos perguntar com apreensão, o que você quer dizer. É um sentimento recíproco e vinculante (BAUMAM, 2003, p. 15).

Esse processo educativo se faz comunitariamente, através de mitos, lendas, histórias de nossos antepassados, no intuito de “ensinar, por meio da reinteração sem fim de sua mensagem” (BAUMAM, 2003, p. 14).

A criança indígena Terena da região de Nioaque, nos primeiros anos de vida, possui contato intenso com a mãe e a avó materna que lhes dedicam muita atenção e carinho. Com o passar do tempo, começa a se relacionar com outros membros da comunidade, a participar da rotina da família, dar recados, trocar alimentos, cuidar de animais e da plantação. Esse aprendizado acontece diariamente, pois não está distante dos acontecimentos ao seu redor (casamentos, nascimentos, festas, mortes...), dos quais participa intensamente transformando esses momentos em intensa aprendizagem (SILVA, 2002).

Na aldeia a aprendizagem acontece a todo o momento, em qualquer lugar e em qualquer tipo de relação social. Um bom exemplo é quando um grupo de crianças brinca nos arredores da casa, e os pais, em uma roda de mate, mantêm uma conversa descontraída. Nessa situação, não se percebem descontentamentos por parte das crianças nem mesmo desavenças, pois as crianças que brincam naquele grupo partilham entre si um respeito mútuo, sendo-lhes permitido que umas chamem a atenção das outras, utilizando sempre a mesma hierarquia, do mais velho para o mais novo. Isso faz de qualquer membro um agente da educação indígena, mantendo o princípio de que todos educam todos, “a unidade da comunidade, ou a naturalidade do entendimento comunitário, são feitas do mesmo estofado: da homogeneidade, de mesmidade” (BAUMAM, 2003, p. 18).

Não há um grupo ou uma instituição responsável para a transmissão dos saberes tradicionais nem conhecimento que não possa ser transmitido. Todo conhecimento deve ser compartilhado no momento certo e apropriado, respeitando a idade de cada um, já que “a perda da inocência é um ponto sem volta” (BAUMAM, 2003, p. 15). Assim, na comunidade as meninas costumam saber sobre a menstruação no dia em que esta ocorre, não há relato sobre a menarca entre as meninas, pois a responsabilidade de informar sobre o que ocorre é da mãe ou da avó materna, na ausência dessas, uma parenta mais próxima. Na escola não se menciona esse assunto, pois a primeira menstruação só acontece por volta dos onze ou doze anos, sendo esta tarefa da família e inteiramente feminina, assim como os demais cuidados com a criança principalmente deste sexo.

Essa educação tradicional é responsabilidade da comunidade como um todo e repassada através da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração. Existem três valores que norteiam a educação comunitária, segundo Freire, (2004, p. 15):

- valor da tradição oral: que são os saberes da sociedade, que orientam as ações e decisões dos indivíduos em qualquer circunstância;
- o valor da ação: é quando pessoas adultas da comunidade envolvem crianças e adolescentes em seus afazeres tornando o aprender fazendo;
- o valor do exemplo: são pessoas adultas e sobretudo as anciãs, modelando o comportamento com o intuito de refletir o conteúdo prático das tradições.

Nas sociedades tradicionais

[...] o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é o meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na comunidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (HALL, 2004, p. 15).

Para o indígena a educação acontece coletivamente, e por isso a comunidade possui um espaço garantido e conhecimentos que necessitam ser socializados, pois a comunidade - diferentemente de outros espaços reguladores como o Estado, as leis de mercado e a própria escola - ainda mantém como princípios de relação a participação e a solidariedade, que estão mais próximos dos princípios da emancipação (SANTOS, 2002).

Uma das características dentro de processo educacional é a observação. Na aldeia não são ditas muitas palavras para ensinar ou aprender, “o olhar é a principal manifestação do

amplo código social através do qual acontece o processo educativo dos indivíduos” (NUNES *apud* COHN, 2005, p. 148-153).

Partindo desse pressuposto, é possível afirmar que, na comunidade indígena, existe a Educação Indígena e a Educação Escolar Indígena, pois aquela é o modo próprio que cada comunidade indígena tem de transmitir à criança seus conhecimentos e saberes tradicionais, sem que haja um grupo específico ou uma instituição responsável para isso. Essa educação é responsabilidade da comunidade como um todo e repassada através da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração.

É necessário analisar a importância que essa sociedade indígena dá aos processos de aprendizagem, pois a pedagogia Terena possui sua forma específica e singular de ensinar, corrigir. No PIN não há relatos de crianças que sofram maltratos ou adolescentes grávidas fora do casamento. O relacionamento familiar é constituído de muito respeito por todos os membros da família e todo esse aprendizado favorece a compreensão do sentido que possui o ato de aprender, os instrumentos e mecanismos que utilizam para que essa aprendizagem coletiva tenha sentido e significado.

As contribuições da educação indígena para construir a identidade dos seus membros, como valores e juízos, pautam-se no exemplo dos mais velhos e na oralidade, como principal meio de transmissão de conhecimento, tornando assim a escola um local onde “a educação escolar é valorizada como instrumento extra-aldeia e que pode oferecer o domínio de novos conhecimento e tecnologias específicas de auxílio”³⁷ (SILVA, 2002, p. 57).

O respeito aos mais velhos se estende de casa para a escola, onde o professor possui o papel de organizar e dialogar com os saberes tradicionais e os conhecimentos universais, não se observando nenhum tipo de punição na educação das crianças, tanto na escola quanto em casa, porque na educação indígena a família possui um papel fundamental:

[...] uma *forma* de educação a partir da casa né? Que particularmente cumpre, tem esse direito, todos se casam né? Eu acredito que com o passar do tempo, com o passar dos dias o aluno ele pega isso também. E isso é na própria sala de aula, com os colegas, com o professor e partir do momento que eles casam eles se viram. É claro, eu particularmente, eu nunca dei aula numa sala na cidade, mais pelo o que os colegas me disseram é totalmente diferente deles. Questão assim oh, aqui eles têm o professor no céu, aqui tem aluno que me respeita. Na cidade não, você olhou feio pra um aluno, pode

³⁷ Tenho clareza que as leis que chegam até nós não são produzidas dentro da aldeia, mas fora dela, num mundo que tentamos nos inserir e compreender para trazer melhorias para nosso povo.

esperar. No ginásio, dependendo dos alunos, pode até xingar, bater, e aqui, graças a Deus, não [...] (Professor Crispim³⁸).

A educação indígena é perpetuada por seus membros num ciclo que se repete em atitudes, pois se aprende com o contato e transmite em ações para os espaços de convivência do grupo seja no campo de futebol, na escola, seja no rio.

Como exemplo disso, a minha mãe que reside hoje na cidade, possui treze netos cuja faixa etária varia entre os dezenove e dois anos de idade, e que costumeiramente passam as férias escolares em sua casa. Eles contribuem com todas as atividades da casa e fazem isso coletivamente, um cuidando do outro como se fosse uma grande brincadeira

[...] porque são as brincadeiras, no decorrer do período que corresponde à infância, [que] oferecem às crianças alguns pontos de referência cruciais para a percepção das dimensões espaciais e temporais nas quais seu cotidiano acontece. Uma vez incorporados, esses pontos de referência tornam-se conhecimentos, tanto de domínio individual como de domínio coletivo, conhecimento este que acompanhará o indivíduo ao longo de toda sua vida (NUNES *apud* COHN, 2005, p. 69).

Quando retorno à aldeia, percebo que as crianças circulam livremente (inclusive as minhas) aparentando uma permissividade excessiva; no entanto, por ser uma educação coletiva, existem sempre crianças que acompanham outras crianças, maiores ou menores nas brincadeiras no campo, em uma goiabeira, nas invenções. É importante salientar que nesses momentos é que ela – a criança indígena – consegue delimitar seus “limites”, que são estabelecidos dentro da comunidade indígena. Um deles é o cuidado que se deve ter com os (as) irmãos (as), observando e zelando sempre pelas necessidades da criança menor, pois a mãe pode estar longe e, caso ela necessite de uma atenção mais cautelosa como amamentar a criança que cuida procura um adulto para fazer isso, geralmente um parente próximo como irmã, cunhada, prima.

³⁸ É professor indígena desde de 1977, atua na extensão Capitão Vitorino, aldeia Água Branca/PIN Nioaque.

Figura 6 - Crianças Terena da Aldeia Cabeceira.



Fonte: Acervo da autora, 2007.

Figura 7 - Mãe e criança Terena da Aldeia Água Branca.



Fonte: Acervo do professor Gilson Thiago, 2005.

Figura 8 - Crianças Terena - Aldeia Água Branca.



Fonte: Acervo do professor Gilson Thiago, 2006.

A criança indígena espera pacientemente o momento de ingressar na escola, momento em que terá de se desvincular do primeiro núcleo familiar para constituir um convívio mais extenso, mas nem por isso estranho, pois o docente com que ela terá contato não é para ela um desconhecido, e sim um parente, um tio, tia, primo, prima, pai, alguém com quem possui pleno contato fora do ambiente escolar.

[...] demora um pouquinho mais pra se soltá. Comigo aconteceu. Com o filho, quando o pai tá na frente ele demora um pouquinho mais pra se soltá, ele se solta, como aluno, mas demora um pouquinho mais. Tem assim, essa dificuldade de chegar e em casa tem a cobrança né? Você fez isso na escola, eu vi! Então tem todo esse detalhe, mas ele demora um pouquinho, mas depois que começa, ele fica normal. O que eu quero dizer é assim, é que pelo fato de ser tio ou ser pai, ela não vai se soltar tão fácil, ela não se solta assim como aluno rapidão, ela demora um pouquinho pra assimilar a idéia. Não é como um aluno que [...] mesmo sendo sobrinho, já foi seu aluno no ano passado, mesmo sendo sobrinho, aí nesse ano ele já entra na sala, ele automaticamente fala ‘professor’, ele já sabe como se comportar, já sabe o que você quer, já sabe algumas manias sua, então ele já sabe. Agora quando é seu filho, se a primeira vez que ele está na sala com você que é você, no primeiro momento ele vai analisar você pra ver como você vai se comportar como pai ou como professor, pra depois ele ir se soltando, isto que estou querendo dizer. Então, muitas vezes o sobrinho ele até, muitas vezes se solta mais rápido. Agora, o filho dá um tempo, ele vai avaliar a situação primeiro

pra depois ele se soltar. Também no que você fala tem tomar cuidado (Professor Hamilton Gonçalves³⁹).

Eu dou aula pro meu sobrinho né? E ele, praticamente, ele na hora da aula, em momento nenhum ele fala “oh tio”. Ele fala ‘professor’. Então, e sempre tem o comportamento dele lá em casa ou na rua, mas na sala ele fala professor (Professor Lucinei Marques⁴⁰).

Refletir sobre a importância das trocas de diferentes idades entre membros da comunidade, dos encontros do conselho tribal, do lazer, é momento muito significativo para o processo ensino-aprendizagem que remete, necessariamente, a criar condições para que os educandos se mantenham na sua cultura e, ao mesmo tempo, se tornem cidadãos que pensem e atuem com responsabilidade dentro e fora da aldeia. Acima de tudo, espera-se que sejam cidadãos livres de manipulações externas, consigam ter a capacidade de pensar e examinar criticamente as idéias que lhes forem apresentadas e a realidade social que partilham. Mais do que tudo isto, espera-se que eles sejam ouvidos em suas reivindicações em benefício da sua comunidade.

Para compreendemos melhor, vamos discorrer como os indígenas do PIN/Nioaque se relacionam e se constituem socialmente, o que contribuirá na construção do modelo de aprendizagem local.

A primeira delas é a utilização do território, considerado como uma “Grande Mãe”, pois não o entendem como propriedade, como terras privadas, particulares, que possam ser vendidas ou trocadas, mas reconhecem a “posse” a partir do uso que fazem dela, dos frutos que produz. Essa posse é coletiva, se expressa no momento em que todas as famílias podem utilizar os recursos existentes neste território, como o rio, os peixes, os animais, as aves e os vegetais.

Existem três maneiras de o território ser utilizado pela comunidade indígena:

1. O espaço da aldeia, onde se localizam as residências, mais ou menos fixo e composto por um conjunto de residências familiares, que se agrupam por núcleo, facilitando o cumprimento da responsabilidade da educação coletiva, também chamada de educação indígena. Em relação à construção, existem vários modelos e formas como são dispostas, bem como o número de famílias que nela reside. É importante compreendermos que, na

³⁹ É professor indígena desde 1996, atua nas extensões Leôncio Marques/aldeia Cabeceira e Capitão Vitorino/aldeia Água Branca/PIN Nioaque.

⁴⁰ É professor indígena desde 1996, atua na extensão Capitão Vitorino/aldeia Água Branca/PIN Nioaque.

comunidade indígena, no momento das construções de suas residências, as famílias indígenas não visam simplesmente suprir necessidades elementares e práticas de moradia e conforto, mas suprir as de ordem mística e sobrenatural que implicam condições gerais sobre mundo e espaço que homens, mulheres e crianças ocupam neste mundo.

2. O espaço que circunda a aldeia geralmente abriga as roças familiares. Eles produzem esses espaços fazendo a escolha de um pedaço da mata que é derrubado e queimado. Em seguida retiram os galhos menores que sobram da queimada, deixando no solo grandes troncos carbonizados impossíveis de serem removidos, entre os quais as plantas serão semeadas.

Uma roça sempre pertence à família que nela trabalhou. Os índios reconhecem a cada família a propriedade sobre os produtos de seu trabalho e enquanto em uma antiga roça frutificar o trabalho de uma família, é reconhecido a ela o direito sobre esses produtos. Por isso, entre eles, nenhuma família possui mais do que sua capacidade de trabalhar, e é comum eles darem “presentes” para outras famílias ou trocar produtos entre si, pois reconhecem o verdadeiro sentido de coletividade. O cuidado com as roças é também atribuído às mulheres, relacionando-se o trabalho na terra à capacidade feminina de gestação:

[...] fazer roça, fazer lavoura. Tocava, roçava, queimava, pra plantar. No brejo destocava e agora só na máquina. Tá mais fácil. Agora, aquele tempo tudo custoso, só no braço, até eu trabalha na roça, ajudava o finado [...] roça grande. Eu lembro ali, ó [...] roça aí ó, na[...] perto toco ali,era a nossa capoeira ali, até longe, pra cima lá. Todo dia nós ia pra roça. Almoçava, de tarde vinha embora (Francisca Gonçalves⁴¹).

⁴¹ É uma das fundadoras do PIN, veio da aldeia Chapada juntamente com seu marido Leôncio Marques.

Figura 9 - Homens trabalhando na roça.



Fonte: Acervo do professor Gilson, 2006.

3. O espaço de caça e coleta é de responsabilidade dos homens que entram na mata para a caça, uma atividade que é associada à virilidade masculina. Ao longo do caminho contam muitos casos: “ali meu irmão matou um cateto”; “logo ali caí doente por um feitiço”. As narrativas são geralmente de cunho místico e falam da passagem dos ancestrais da atual comunidade por certos lugares, tornando-os habitáveis. Os relatos sempre são relacionados à coragem de um antepassado, em sucessão à tradição dos Xumonó e os Sukirionó (guerreiros e pacíficos).

Caça? Finado caçava, matava anta, aqui não tinha preguiça de caçá. Tinha anta. Aqui memo ali [...] pra cima do lavadô do (ela não se lembra do nome do local) da Aldeia ó, ele matou uma anta ali ó. Uma baita duma anta (Francisca Gonçalves).

Era muito bom [...] era muito bom aquele tempo antigo que tinha de tudo. Você caía no mato aí achava tatu, pomba, mutum [...] você não perdia uma caça, ia e matava mesmo (Zé Canela).

Caço ainda. Carne de caça é o que nós comia. Como aqui tinha caça! Aquele tempo tinha anta, capivara. Capivara ainda tem. Tatu, a gente saía a caçá tatu nesse mundão aqui ó, eu, o finado meu pai, saía a caçá. A gente arriava o cavalo e saía aí ó. Chegava tardão da noite com cinco ou seis tatu. Tatu preto (João Barriga).

Nessa roda de conversa estavam presentes meus pais, Pedro (P) e Célia (C), e também Dona Antônia (A), esposa do João Barriga, que complementaram dizendo:

C: [...] lembra do tamanduá? Comeu a carne do tamanduá. Ah, meu Deus, lá vai nós obrigado a comer a carne do Tamanduá. [...]

P: É carne boa. É boa. Não. Nós tava na frente da escola né, nós viu o braço assim e falou agora você morre. Mato o bicho. Tirou o coró e [...] eu compadre Eugenio [...]

A: Finada Eulália não tinha preguiça de cozinhar.

A pedagogia Terena merece ser compreendida a partir do modo como a comunidade indígena pensa e reflete sobre educação, pois esta educação vem buscando, há longos anos, um resgate de seus valores e tradições que foram dilacerados, perdendo muitas de suas histórias, sua língua étnica, mas não a sua identidade indígena, porque “na situação de diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com elos que as ligam a uma ilha de origem específica” (HALL, 2006, p. 27).

A pesquisadora Rego (1995, p. 61) cita o pensamento de Vygotsky (1988) que confirma nossa afirmação.

Desde os primeiros dias de desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Ao nascer, a criança indígena vivencia situações que vão permitindo, no universo da vida, interações sociais com membros da comunidade mais experientes, os adultos, que orientam e contribuem com o desenvolvimento do pensamento e o próprio comportamento da criança. Nesse processo de intermediação, a linguagem, principal instrumento simbólico de representação da comunidade indígena, desempenha seu papel fundamental.

A linguagem do meio ambiente, que reflete uma forma de perceber o real num dado tempo e espaço, aponta o modo pelo qual a criança apreende as circunstâncias em que vive cumprindo uma dupla função: de um lado, permite a comunicação, organiza e medeia a conduta; de outro, expressa o pensamento e ressalta a importância reguladora dos fatores culturais existentes nas relações sociais.

Dentro do PIN, existem poucos falantes da língua étnica; muitos por falta de prática já dela se esqueceram, e outros transmitiram para os filhos o receio do preconceito, que é muito acentuado na região. Como a língua não é a única característica que define a cultura, percebemos que, dentro da comunidade, existem outras formas de manifestação: a dança, a pintura, o artesanato, o modo de contar histórias para orgulhar-se. E, assim, fortalecem e constroem um novo tempo e uma nova história dentro deste mundo desafiador.

O índio Terena tem como base para sua educação o exemplo, passado de geração em geração, não sendo esquecido no passar dos séculos, pois quando a linguagem se dirige aos outros membros da comunidade, o pensamento torna-se passível de partilha. Essa acessibilidade do pensamento manifesta-se, na e pela linguagem, expressando, ao mesmo tempo, muitos outros aspectos culturais.

Figura 10 - Crianças Terena na Aldeia Cabeceira.



Fonte: Acervo da autora, 2007.

Observa-se que as crianças circulam livremente aparentando uma atitude de descuido dos adultos, de permissividade que facilita a construção da autonomia, pois, na educação coletiva, existem sempre crianças que acompanham outras crianças, maiores ou menores, nas brincadeiras no campo, em uma goiabeira, na caça:

[...] a nossa brincadeira era [...] com a caça mesmo, caçava nambu, caça pomba, caça [...] é só e [...] Você caía no mato aí achava tatu, pomba, mutum [...] você não perdia uma caça, ia e matava mesmo (Zé Canela).

Mas é importante salientar que nesses momentos é que ela – a criança indígena – consegue delimitar seus “limites”, que são estabelecidos dentro da comunidade indígena.

O tempo dos adultos dispensado para a criança indígena é muito valioso, não existe pressa para terminar as atividades, e os adultos sempre estão dispostos a repetir o que se está ensinando, por muitas e muitas vezes, até mesmo porque todas as atividades que devem ser aprendidas possuem uma aplicabilidade na vida diária: o cuidado com a criação, pegar a galinha para uma refeição, colher milho, debulhar, separar a palha, descascar mandioca, arrancar mandioca. São atividades que se aprendem brincando diariamente. Portanto podemos dizer que “a identidade e a subjetividade infantis constroem-se por meio de processos que se realizam em seus corpos e sintetizam significações sociais, cosmológicas, psicológicas, emocionais e cognitivas” (SILVA, 2002, p. 47).

É fascinante a resistência do povo Terena: mesmo *sob rasuras* consegue manter suas tradições, sua maneira especial de ser, de apreender, de repreender, de não individualizar, de respeitar, de ouvir.

A comunidade indígena Terena apreende e ensina seu mundo para as suas crianças. É nas relações sociais que são elaborados e expressos os novos conhecimentos e se faz essa reflexão sobre o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo em que são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem como fonte inesgotável de experiências.

É possível perceber nitidamente o respeito às pessoas adultas na reserva. São processos reforçados em todos os espaços e considerados falta grave se não for cumprido. O professor Lucinei nos relata um dos princípios da educação indígena na prática:

[...] essa é uma questão de educação, de berço [...] passaram o ano inteiro fazendo reforma, o pessoal mesmo que trabalha aqui fazendo reforma, trabalha de servente, de pedreiro, essas coisas. Eles sabem que o sistema é diferente, porque eles trabalham em várias outras escolas aí. Aqui a porta já era colocada, pediu pra colocar no início do ano, tá até lá, tá até agora. Em outras escolas, em assentamentos, até mesmo na cidade, colocava ontem, quando era amanhã já não tava mais lá. A questão do material, de largar o material, o trabalho ficava todo exposto, a escola ficava tudo aberto e [...] largava uma caixinha de piso lá, se fosse num assentamento, eles falaram que tiveram que comprar várias vezes o mesmo material, porque largava lá e quando chegava, no outro dia, de dez caixinha tinha duas, três. Aqui largava aí, nunca foi mexido.

Mas toda essa pedagogia Terena não é construída da noite para o dia, já vem de longos tempos. O respeito mútuo é ensinado dentro da coletividade: nos momentos do benzimento ou da reza (protestantes e católicos), no campo de futebol, na roça, no rio, em comemorações coletivas, em uma atividade escolar, todos são momentos em que se aprende e ensina algo para o outro, pois o saber não é propriedade de apenas um grupo de pessoas, mas sim uma construção mantida coletivamente.

Assim, a interação dos membros mais experientes com os menos experientes se dá de forma prazerosa, e as condutas, as regras sociais, as maneiras de cultivar a roça se dão através do diálogo e do exemplo, pois ao longo do processo interativo é que as crianças aprendem como abordar e resolver problemas. É por meio da internalização que as crianças começam a desempenhar suas atividades sob orientação e guia de outros, e paulatinamente, aprendem a resolvê-las de forma independente.

O respeito pelos idosos dentro da aldeia, atribuído aos longos anos de vida e ao saber adquirido, faz com que os mais jovens carreguem dentro de si valores da cultura indígena Terena. A confiança estabelecida contribui para que as ordens sejam simplesmente aceitas, recebidas e ouvidas como conselhos processo esse que acontece com todos dentro da aldeia, independente da idade. Caso uma pessoa mais velha perceba uma atitude inadequada de uma pessoa mais jovem, imediata e oralmente chama sua atenção, pois o indígena aprende que o aconselhamento passa necessariamente por outra pessoa da comunidade, com a qual ele compartilha a sua história e o seu tempo social.

O desenvolvimento de uma pedagogia Terena necessita de um conjunto de conceitos, que dialogam com a aprendizagem diária. Assim, a apropriação desses conceitos começa com experiências concretas, pois a aprendizagem dos conceitos se dá na e pela interação com todos os membros da comunidade, professores, pais, tios, avós, e apóia-se em um conjunto previamente desenvolvido de conhecimentos originários das experiências diárias da criança. É fundamental destacarmos a importância do processo interativo. A interação está entre as pessoas e, neste espaço comunitário, é que acontecem as transformações e se estabelece um processo de ações partilhadas, em que a construção do conhecimento se dá de forma conjunta.

A criança indígena passa a maior parte do tempo com a mãe, que possui um papel fundamental nos primeiros anos de vida. É ela quem ensina as primeiras palavras, como deve se comportar, o que vestir e o que comer. É sua principal companhia nos trabalhos de casa, da roça. Nesse período, o pai possui um papel secundário que passa a ser fundamental para a

educação dos meninos: é ele quem ensina o filho a pescar, caçar e a se responsabilizar desde muito cedo pelas mulheres da casa. A educação da filha é de responsabilidade da mãe e da avó, que a orientam nas atividades domésticas. Neste diálogo entre Zé Canela (Z) e a pesquisadora (E), encontramos diferenças entre as atividades femininas e masculinas da infância Terena:

E: O brinquedo era matar bicho?

Z: Era muito bom [...] era muito bom aquele tempo antigo que tinha de tudo. Você caía no mato, aí achava tatu, pomba, mutum [...] você não perdia uma caça, ia e matava mesmo.

E: Mas isso era só os meninos?

Z: Era só os meninos.

E: E as meninas?

Z: Num ia no mato não.

E: Fazia o quê?

Z: Ficava na casa, fazendo roupa, lavando roupa [...] ia buscá água, longe né, na cabeça com purunga, na lata.

As brincadeiras assumem um papel significativo para as crianças indígenas, pois é através delas que a criança aprende conteúdos que serão usados para a vida toda, essas atividades estão sempre ligadas a um sentido real, utilitário.

Os demais membros da comunidade assumem as crianças com papéis secundários de tios, avós, primos mais velhos que se responsabilizam nos cuidados de exemplos em todos os espaços da aldeia. Para exemplificar, é comum observarmos dentro da reserva indígena Terena, “as mães de leite”, que assumem, em determinados momentos, o filho de irmãs, primas, quando estas são impedidas de exercerem o papel de mãe por vários motivos, tais como um problema biológico ou fatores externos alheios à sua vontade.

A aprendizagem no PIN Nioaque é de responsabilidade de todos, por isso é importante dizer que a sociabilidade da criança é o ponto de partida das interações sociais com o meio que a rodeia e, para que o desenvolvimento da criança indígena seja pleno, a infância se reveste das interações assimétricas, isto é, interações com os adultos, que são portadores de todas as mensagens de cultura, pois segundo Silva (2001, p. 64):

[...] a educação indígena é um meio de controle social interno do grupo e foi entendida como processo pelo qual cada sociedade indígena internaliza em seus membros o próprio modo de ser, garantindo sua sobrevivência e reprodução.

Nas atividades diárias, as responsabilidades são divididas conforme a necessidade de cada uma das famílias, que mutuamente se ajudam, seja no cuidado com os filhos, seja na solidariedade da troca. O coletivo é marca registrada da comunidade Terena, que não tem como mais importante o poder aquisitivo, mas sim a coletividade e solidariedade para com os outros membros.

Os Terena chamam pouca atenção de estudiosos, pois, para se identificar um Terena, não basta olhar para ele e procurar “sinais diacríticos”. Para isso, é preciso conhecer seu modo de vida e saber com quais conhecimentos ele dialoga. Existem muitas pessoas que dizem que os Terena já perderam toda a sua tradição cultural e que por isso já não devam mais ser classificados como índios, pois vivem em cidades, ocupam cargos públicos, dirigem carros, enfim leva uma vida totalmente “normal”, comum. Mas, ao contrário do que se pensa, ele ressignifica, traduz e traz consigo toda a sua herança impregnada na pele e no ar que respira, por onde passa transmite seu jeito de ser e viver como Terena.

2.2 PEDAGOGIA TERENA E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Bem antes da implantação da escola, os povos indígenas têm elaborado, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar, reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. Observar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados são alguns dos mecanismos que possibilitam a esses povos a produção de ricos acervos de informações e reflexões sobre a natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana.

Essas reflexões e informações que contribuíram para uma pedagogia própria de ensinar foi concebida ao longo de muitos anos. Construindo uma teoria que perpassa pelo aprender fazendo, refazendo, sempre entrelaçada com os detentores do saber, os mais velhos pacientemente, pela oralidade, transmitem seus conhecimentos. Muitos deles, talvez a maioria, nunca freqüentaram uma sala de aula, mas conhecem e dominam como ninguém saberes que curam doenças, alimentam o corpo e a alma.

Todavia, com a invasão dos territórios, a realidade imposta foi outra. Chegaram nos maltratando, violentando crianças, mulheres, usufruindo das nossas terras em busca de

conquista a que atualmente chamam de progresso. E para nós deixaram a saudade de muitos que perdemos e a herança de uma instituição escolar que não aconteceu nas aldeias de forma prazerosa, mas imposta sem respeitar as diferenças culturais, o jeito diferente que cada povo indígena tem de aprender e se relacionar com o mundo em que vive.

Herdar um modelo de aprendizagem que foi importado das comunidades européias sem nenhum respeito, imposto, ocasionou chavões que as comunidades carregam até hoje, servindo de zombaria para todos os descendentes. O professor Pedro Vitorino fez um relato da sua experiência escolar:

[...] pausa [...] o branco, não é todo, mas muitos era, a gente era discriminado né? Por ser índio eles chamavam de bugre né? Que bugre era, a maneira deles dizer, a maneira como [...] então a gente vivia assim meio envergonhado. Eu tava falando pro Seu André sobre isso, que a gente não gostava de fazer pergunta, eu tava falando pra ele, na sala do supletivo aí, a TV Educativa e eu ficava quieto lá do lado. Aí falou “_ Seu Pedro, estou preocupada com o senhor”. Eu falei “_ Por que professora?”. “_ O senhor não faz pergunta”. Eu falei “_ Pode continuar que eu [...]”. “_ Ah, por isso que senhor fala que o índio não gosta de fazer pergunta, o senhor mesmo é um deles”. E, vocês vejam bem, eu vinha dessa aula aqui, eu morava na Água Branca, vinha e voltava de noite pra lá. Morava bem ali mesmo, onde tem aquele pé de eucalipto. Ali [...] ali era a minha casa.

Historicamente a educação escolar aconteceu concomitantemente ao processo de colonização do país. Primeiro, a escola foi o instrumento privilegiado para a catequese, depois para formar mão-de-obra e, finalmente, para incorporar os índios definitivamente à nação, como trabalhadores nacionais sem características étnicas e culturais próprias. Com este intuito, nasceu a Escola Indígena 31 de Março, a primeira escola do PIN.

A escola [...] não tinha escola. Em 58 nós viemos passear na aldeia, com um grupo que moraram aí me convidaram pra vir com eles passear na madrugada, posamos na manhã de manhã e, quando foi à noite, o chefe do posto nosso pediu pra igreja[evangélica] lá de Lagoinha, Lagoinha lá Anastácio, todo mundo ficou olhando e eu nasci na Água Branca e falou: “_ O irmão não quer vim, ser professor pela igreja. O irmão não quer vim?”. Eu estava empregado lá em Aquidauana, trabalhava na CEMAT [Centrais Elétricas do Mato Grosso]. Eu fiquei com tanta dó, tanta [...] aquilo me doeu no coração de vê a Aldeia onde eu nasci, não tem professor, tem bastante aluno, tem bastante criança. Aí eu falei “_ Eu venho”. Então tá arrumado. Fui pra Aquidauana, pedi minha demissão no trabalho. Aí me prometeram de pagar através de oferta e assim a escola começou com um barracão grudado no sapé, terra batida e as carteira era improvisada de pau a pique, é paineiras pregada, e [...] os bancos de taquarussu apoiado em duas cortiça no chão. Assim foi a primeira escola (Pedro Vitorino). [...] A escola que [...] a primeira escola que teve aqui dentro da aldeia, foi uma escola de capim que meu finado pai fez. A veio um parente lá de Aquidauana, aí teve um

professor bravo, não sei se você conhece? Então, ele foi professor da sua mãe, das fia do finado José, tudinho né. Da Célia, do Gracindo, do Tacílio. Ele foi professor deles. E aí ele fez um galpão de mais ou menos um doze metros de comprimento, de taquara batida, enfia uma estaca ali, outra ali, e o banco mesma coisa, de taquara batida. Piso não tinha, era no chão mesmo. Chão mesmo. [...] E o seu Pedro veio pra cá, entendeu. Pode falá que ele sofreu aqui também. Ele andô recebendo uns mês, depois outro mês parô, aí foi tentando com caça e pesca e palmito que a mulher dele levava pra ele todo dia (incompreensível). Ele sofreu muito [...] Às vezes tinha dia de amanhecê caçando, caçando tatu, tudo, pescando. Ele mantém aquela escola dele lá. Hoje, graças a Deus, ele tem filho, filho assim, índio assim que é até doutor. Que passou por ele também. O Eginô, o Crispim, tudinho, quase tudo tem cargo. É professor. Então isso aí não foi perdido, isso aí não foi perdido não. O finado meu pai sempre [...] isso aí foi [...] e o pai do Claudionor não queria de jeito nenhum, não queria por causa do quê? Por causa que o professor era crente. Por isso que não queria. Aí meu pai teimou, ele cacique também. Aí ele teimou e fez a escola e aí [...] e aí puseram o nome 31 de Março, que começou. Aí puseram o nome de 31 de Março (Zé Canela).

Nesse período, a escola funcionava precariamente, sem nenhuma infra-estrutura. Sem apoio dos órgãos públicos e não havia políticas específicas que norteassem a educação escolar nas aldeias. O professor relata que foi necessário solicitar ajuda aos patrícios:

Nós começamos mais ou menos no dia 15 de 1958, começamos [...] Primeiros os alunos pegavam nas mãos [confuso] e assim foi e na época nem era formado, mas procurei e adaptei bem dar aula, gostei e de manhã cedo já vinha [...] a escola era assim, pra ver como era a escola, a escola era de sapé, tinha divisória, a primeira era sala de aula, a segunda divisória era meu quarto, terceira divisória era a cozinha e logo que eu cheguei não era casado. Estava noivo, larguei tudo lá em Aquidauana por amor a minha comunidade, larguei emprego, vim embora pra aldeia e no primeiro ano [...] comecei com 18 alunos mais ou menos, 18 alunos, inclusive a Célia⁴² foi minha primeira aluna. . Aí começamos a trabalhar, não tinha nada, não tinha energia, a água a gente pega lá no mato [...] os alunos ia lá com balde, trazia água pra lavar cadeira, tudo com alegria, alegre mesmo. Merenda a gente, os americanos mandava pra nós, merenda vinha [...] mandava fazer a merenda, começou a me ajudar, inclusive quando eu faltava alguns dias ela dava aula pra mim. A prefeitura não dava uma ajuda, não tinha ajuda de prefeitura, não é porque não podia. Podia sim. Quando foi em 68 [...] 66 a igreja evangélica me avisou que não podia mais me sustentar, tava muito vulnerável, já me arrumou outro emprego pra mim, trabalhar num armazém de uma fazenda. E daí o Cacique falou “_ Se o senhor for embora vai acabar a escola, vai terminar. Por que o senhor não fica, a comunidade vai pagar o senhor?”. Aí eu falei “_ Eu fico”. Me deu dó, aí eu falei “_ Eu fico então”. [...] Eu recebia de tudo aqui, plantava, tive frango, leitão, leitoa, de tudo eu tive. Fiquei três meses, só duas pessoas me pagou, uma me[deu] cinco outra me deu dez [...] eles não podia mesmo. Ia na cidade, vendia verdura [...] e eu agüentando lá. Ela [se referindo à esposa] vinha de cavalo, dormia e voltava (Pedro Vitorino).

⁴² Minha mãe ingressou na escola do PIN com nove anos de idade juntamente com seus irmãos: Jorgina e Gracindo.

Até 1988, a legislação era marcada por esse viés integracionista, mas a partir de então, a nova constituição assegurou às populações indígenas em seus artigos: 210 que estabelece para o ensino fundamental além do núcleo comum ou formação básica, assegura a utilização de língua materna, processos próprios de aprendizagem e respeito aos valores culturais e artísticos; no 215 cabe ao Estado garantir e proteger o pleno exercício dos direitos culturais, e no 232, o direito à cidadania plena, o reconhecimento de sua identidade diferenciada e sua manutenção, incumbindo ao Estado o dever de assegurar e proteger as manifestações culturais das sociedades indígenas, bem como o direito a uma educação escolar diferenciada, específica, intercultural e bilíngüe.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) normatiza a legislação educacional emanada da Constituição de 1988. Em seu título VIII - “das disposições gerais” nos artigos 78 e 79, trata especificamente da educação escolar indígena. O artigo 78 prevê que a educação escolar para os povos indígenas deve ser intercultural e bilíngüe para a reafirmação de sua identidade étnica, recuperação de suas memórias históricas, valorização da língua, além de possibilitar o acesso às informações e aos conhecimentos valorizados pela sociedade nacional.

O artigo 79 da LDBEN estabelece que as responsabilidades originárias da União devem estar compartilhadas com os demais sistemas de ensino, determinando procedimentos para o provimento da Educação Escolar Indígena e salientando que os programas serão planejados com anuência das comunidades indígenas.

Com relação à elaboração do currículo, a LDBEN enfatiza, nos artigos 26 e 79, a importância da consideração das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade de cada escola, para que sejam alcançados os objetivos do ensino fundamental.

No caso das escolas indígenas, para que seja garantida uma educação diferenciada não é suficiente que os conteúdos sejam ensinados através da Língua Portuguesa e da Língua Étnica. É necessário incluir conteúdos curriculares propriamente indígenas e acolher modos próprios de transmissão do saber indígena. Mais do que isto, é imprescindível que a elaboração dos currículos, entendidos como processo sempre em construção, se faça em estreita sintonia com a escola e a comunidade indígena a que serve, e sob a orientação desta última.

[...] Olha, é a questão do currículo que, ao meu modo de entender, a questão do currículo, que eu até falei isso quando a gente foi convidado pro curso e

uma coisa que a gente podia fazer, por exemplo no nosso currículo, tirar aula de inglês e aumentar disciplina de Terena. Mas não agora, porque aula de inglês o aluno não aprende na escola, porque ele vai fazer curso fora, aprender. Pra nós seria essencial aumentar as aulas em Terena. No nosso caso seria uma hora por semana. Então a comunidade já praticamente perdeu quase toda a sua identidade, a questão da língua seria mais interessante aumentar, poderia não se aumentar de uma vez, mas aumentar gradualmente a língua Terena (Professor Lucinei).

Existem vários saberes que podem ser usados. Por exemplo, na questão das plantas medicinais, o uso de plantas na cura de doenças. Muitos pais sabem, assim, muitas receitas que os alunos poderiam estar pesquisando elas. [...] Esse seria um dos saberes. A questão de lendas, de mitos, de histórias dentro da própria comunidade também poderia ser mais utilizado (Professor Valdelirio Marques⁴³).

Desde então, iniciou-se um processo de construção e valorização cultural dentro das práticas pedagógicas numa tentativa de superar o processo de dominação, em busca de uma escola indígena autônoma, onde “a representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 2005, p. 20), mas como contribuição para fortalecer a cultura.

Figura 11 - Crianças Terena se preparando para apresentação da Dança do Bate Pau e do Putu-Putu.



Fonte: Acervo da autora, 2005.

⁴³ É professor indígena desde 1990, atua na extensão Capitão Vitorino/aldeia Água Branca/PIN Nioaque.

A comunidade escolar desconhece a possibilidade de transformar a escola indígena num instrumento de valorização dos saberes e processos próprios de produção e manutenção da cultura, que contribuem para a construção e fortalecimento das gerações futuras

[...] porque o professor [indígena] ele ensina o aluno antes que ele sabe de tudo. Ele tem que fazer a pesquisa, ele que tem que aprender com o aluno, pra então ensinar. Eu acho bom. Que já conhece os patrícios, já sabe [...] é o que eu acabei de falar, que eles não fazem pergunta. Hoje, você tem de conhecer eles e quem pode conhecer o aluno, o patrício somos nós. Somos nós que conhecemos. Isto sem problema, a pessoa valorizando [...] (Pedro Vitorino).

No que tange ao calendário, a LDBEN estabelece que este deve adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas. A escola pode se organizar de comum acordo com a comunidade, independente do ano civil. A Lei trata da diversidade na organização escolar, que poderá ser de séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudo, grupos não seriados por idade e outros critérios (BRASIL, 1996).

No que se refere à formação do professor, a Lei nº 9394/96 em seu artigo 87, parágrafo III, obriga a União, os Estados e os Municípios a realizarem programas de formação e capacitação de todos os professores em exercício, inclusive com recurso de educação à distância.

Não podemos deixar de citar a proposta do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), que tem como fundamentos o reconhecimento da:

a) Multietnicidade, pluralidade e diversidade: a realidade indígena é constituída por uma variedade de grupos étnicos, com histórias, saberes, culturas e, na maioria das situações, línguas próprias.

b) Educação e conhecimentos indígenas: os povos indígenas vêm elaborando complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural.

c) Autodeterminação: as sociedades indígenas têm o direito de decidirem seu destino, fazendo suas escolhas, elaborando e administrando automaticamente seus projetos de futuro.

d) Comunidade Educativa Indígena: a escola não é vista como um único lugar de aprendizado. A comunidade possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída por seus membros.

Entre os povos indígenas, a educação se assenta em princípios que lhes são próprios, conforme está expresso no Referencial Curricular para Escolas Indígenas (BRASIL, 1998, p. 23):

Uma visão de sociedade que transcende as relações entre humanos e admite diversos “seres” e forças da natureza com os quais estabelecem relações de cooperação e intercâmbio a fim de adquirir – e assegurar - determinadas qualidades;

Valores e procedimentos próprios de sociedade original orais articuladas pela obrigação da reciprocidade entre os grupos que as interagem;

Noções próprias, culturalmente formuladas (portanto variáveis de uma sociedade indígena a outra) da pessoa humana e dos seus atributos, capacidades e qualidades;

Formação de crianças e jovens como processo integrado; apesar de suas inúmeras particularidades, uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados – econômicos, sociais, técnicos, rituais, cosmológico.

A LDBEN (Lei nº 9.394/96) estabelece que a escola indígena seja específica, diferenciada, intercultural e bilíngüe, combinando conhecimentos tradicionais com ciência, favorecendo a construção da identidade cultural articulado ao processo de saber sistematizado intitulado: educação escolar indígena. O principal desafio é dialogar com esses dois conhecimentos tão distintos, tendo em vista que todas as experiências escolares do PIN são importadas e recaem numa educação em que o aprendiz recebe o conhecimento.

Os membros da comunidade indígena percebem que o saber sistematizado, nos dias atuais, é uma necessidade e traçam como grande objetivo atrair melhorias para a reserva (SILVA, 2002). Os jovens Terena que saem para estudar em outros municípios têm o grande desejo de apropriar-se do conhecimento não índio para que com ele sejam reconhecidos enquanto cidadãos com direitos e deveres.

Os membros individuais, principalmente as gerações mais jovens, são atraídos por forças contraditórias. Muitos estabelecem seus próprios acordos ou os negociam dentro e fora da comunidade (HALL, 2006, p. 79).

A apropriação do código escrito demonstra a necessidade de o grupo se consolidar enquanto indígenas, comprovando existir um desejo de valorizar, ler e ver seu jeito de ser, descrito a partir desse código, pois “a educação escolar em terras indígenas é hoje um desses espaços em que se defrontam concepções e práticas sobre o lugar dos índios na sociedade brasileira” (GRUPIONI, 2006, p. 42). No entanto tal desejo se esbarra em princípios que norteiam a educação escolar

[...] você sabe aquele negócio que fala assim: eu te dou a liberdade pra fazer isso, mas você sabe que não pode passar de tal ponto. Seria mais ou menos isso. Tem da escola, tem a liberdade pra fazer isso, mas não totalmente. A partir do momento que você começa a sair com seus alunos da sala de aula para fazer as pesquisas, normalmente vem uma cobrança, ou da coordenação ou de alguém, tá saindo demais da sala de aula e que não deveria, sabe? Como já aconteceram várias vezes. Esse ano, por exemplo, uma questão que a gente tinha priorizado para ser feita todos os anos, e que é importante pra nós aqui, por que você sabe o índio tem a questão da competitividade, entre ele mesmo, e isso existe muito forte aqui dentro da comunidade. E uma das formas aqui da gente vê isso e que é muito bom, são os jogos indígenas dentro da comunidade. Esse ano, pelo segundo ano, nós não conseguimos fazer. Por quê? Porque a Secretaria de Educação, estabeleceu uns critérios que os jogos não se encaixam. A direção não tem força para mudar isso. Então nós finalizamos o ano sem realizar os jogos, que são importantes. Porque a gente não trabalha só a questão da educação física, só a questão da arte, da educação física ou então só a questão da competição. Existe também a questão da cultura, porque dentro dos jogos existe a competição, além da competição normal de futebol, vôlei, corrida, essas coisas, existe também a competição de dança, existe também a competição de lança, arco e flecha, a cestaria, porque são coisas tradicionais. Se a gente procura manter, incentiva tanto os alunos quanto a comunidade, porque a comunidade participa. Por dois anos consecutivos nós pudemos participar. Os nossos alunos chegam a passar o ano pensando nesses jogos e quando não se realiza, fica uma frustração muito grande (Professor Hamilton Gonçalves).

Não se pode negar que as conquistas foram muitas, mas neste relato se percebe que existe muito a se fazer. A legislação garantiu o direito, mas não viabilizou o acesso, a luta em busca de uma escola indígena perpassa muito além da vontade de professores e da força da comunidade:

[...] com anuência da comunidade. Mas é isso que é o problema né? A gente tem uma dificuldade muito grande nesse sentido também, nessa questão que você falou, porque a comunidade de um modo geral ela não tem esse [...] não sei ela não está preparada, mas no momento eu sei que ela não tem um controle nessa situação. Ela não sabe dessa força que ela tem. Existe barreiras e quando você tenta derrubar isso com os outros professores, por exemplo, nós já tinha, tentamos divulgar isso várias vezes em reuniões de pais. Mas parece que existe uma barreira (Professor Hamilton Gonçalves).

Atualmente a escola do PIN e suas extensões contam com o grande número de professores indígenas habilitados que ministram aula e estão assim distribuídos em quatro escolas.

Quadro 1 - Número de professores ministrantes na escola do PIN e suas extensões.

ESCOLAS	ALDEIA	PROFESSORES NÃO-ÍNDIOS	PROFESSORES INDÍGENAS	SALAS	ALUNOS
E.M. 31 de Março (Pólo)	Brejão	1	5	4	122
Leôncio Marques (Extensão)	Cabecereira	1	4	2	47
Capitão Vitorino (Extensão)	Água Branca	1	5	4	122
Cipriano da Silva (Extensão)	Taboquinha	1	2	2	41

Fonte: Dados da SED/MS/2007 - 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental (Quadro organizado pela autora durante o trabalho de campo).

Os professores indígenas trazem em suas falas as experiências escolares que vivenciaram, denunciando que existem ambivalências nesta prática escolar. Ao mesmo tempo em que a figura do professor indígena auxilia a criança na apreensão de novos códigos, ele também estabelece uma relação de poder que em outros espaços ele negocia: “eu dou aula pro meu sobrinho né? E ele, praticamente, ele na hora da aula, em momento nenhum ele fala ‘oh tio’. Ele fala professor. Então, e sempre tem o comportamento dele lá em casa ou na rua, mas na sala ele fala professor” (Professor Lucinei).

Essa fala traz à tona o modelo de escola que herdamos, traz conceitos e modelos de escolarização que historicamente foram utilizados para a aniquilação das comunidades indígenas, que instruíam o inculto, no caso nós. A partir da década de 70, os modelos de educação tinham como principal objetivo

[...] educar o índio para que ele deixe de ser índio: o objetivo do trabalho pedagógico é fazê-lo abdicar da sua língua, de sua crença e de seus padrões culturais e incorporar, assimilar novos valores e comportamentos, inclusive lingüísticos, da sociedade nacional (MAHER, 2006, p. 20).

A metodologia utilizada negava declaradamente a pedagogia indígena.

[...] as crianças indígenas eram retiradas de suas famílias, de suas aldeias e colocadas em internatos para serem catequizadas, para aprenderem

português e os nossos costumes, enfim para ‘aprenderem a ser gente’ (MAHER, 2006, p. 20).

Pelo insucesso das ações criaram-se escolas nas aldeias, buscaram a língua indígena para facilitar a instrução e, aos poucos, introduzir a língua portuguesa, criando assim um novo modelo que sutilmente não observa o modo de ser e viver dos povos indígenas.

Historicamente herdamos conceitos de “ser índio”: destituído de qualquer racionalidade, sendo que todas as ações são instintivas, traiçoeiros, ingênuos, puros. Essas concepções circulam no imaginário de muitos brasileiros, e não somos vistos como pessoas capazes de ações humanas, racionalizadas.

Então como construir uma escola indígena articulada com a pedagogia indígena? Como construir um programa de formação no qual o professor indígena reflita sobre sua prática pedagógica, a partir de seus conceitos e pensamento indígenas? É possível construir uma proposta de escola indígena Terena?

Os programas de formação de professores surgiram nas décadas de 80 e 90, no intuito de formar professores que já atuavam em escolas indígenas, mas não possuíam titulação para exercer a função, dando voz aos conhecimentos indígenas. Mas a formação de professores indígenas oferece garantias para concretizar o sonho de uma escola indígena? Pois

Quando um professor ‘branco’ começa a lecionar, o currículo escolar da instituição que o contratou já está pronto e em funcionamento – aquilo com o qual ele tem que se preocupar é com a montagem do programa de sua disciplina. Mas não é assim com a imensa maioria dos professores indígenas – em geral, cabe a eles a elaboração de todo o projeto político pedagógico de suas escolas: o estabelecimento de seus objetivos educacionais, de seu calendário, de sua grade curricular, do conteúdo das disciplinas e do seu sistema de avaliação. Além disso, enquanto um professor não-índio tem à sua disposição (livrarias, em bibliotecas, em jornais, na internet) toda uma variedade de materiais e recursos para servir de suporte pedagógico, um professor indígena não tem muito em que se apoiar para desenvolver seu trabalho: a maior parte dos materiais que lhes poderia ser úteis ainda estão ‘por-fazer’ (MAHER, 2006, p. 25).

A comunidade indígena Terena vem buscando formas para ter materiais específicos em língua indígena, na intenção de manter e valorizá-la, pois os materiais escritos, para nós que temos na oralidade a única forma de transmissão de conhecimento, criam um outro modo de manifestar a identidade. Estes exemplares foram confeccionados como conclusão de cursos na formação de professores

Quadro 2 - Trabalhos escritos nos cursos de formação de professores oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação 2000-2005.

LIVRO	ANO DE PUBLICAÇÃO	INSTITUIÇÃO
Tribo Terena	2005	FNDE/MEC/SED-MS
O Indiozinho e seu Cavalo Kali kopenoti Yoko Kamoná	2005	FNDE/MEC/SED-MS
O indiozinho Kali kopénoi	2005	FNDE/MEC/SED-MS
Afabétuna Terênoe	2004	FNDE/MEC/SED-MS
Plantas Medicinais Medicina natural indígena	2000	AEC/MS

Fonte: SED/MS, 2007.

O conceito de escola é um empréstimo do modelo educacional que rege o país, com proposta, currículo, calendário e também a formação de professores, que engessa o aluno em teorias. E os professores Terena há tempos buscam espaço e se aventuram solitariamente em universidades, tentando levar para sua aldeia um contexto mais próximo a nossa realidade.

Embora a escola do PIN Nioaque tenha uma “cópia” do modelo não-índio, ela originalmente possui característica de escola indígena, por ter um professor que conhece e convive com seus educandos no meio social, por funcionar em uma aldeia, por ter conquistado na grade curricular a língua étnica. Mas o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e o conhecimento escolar é ambivalente, articulado, necessitando ser constantemente ressignificado.

Figura 12 - Crianças Terena na extensão Capitão Vitorino/Água Branca/PIN Nioaque/MS.



Fonte: Acervo do professor Gilson, 2006.

A comunidade Terena de Nioaque tem em seu processo histórico, marcas do processo de diáspora, dialoga com seus membros a partir da hibridação que sofreram, estabelecem fronteiras, negociações. E o ambiente escolar reflete esta cópia de conceitos em que se desqualifica a pedagogia Terena e, ao mesmo tempo, busca canalizar esforços, pois

neste sentido, não se pode ignorar que, hoje, a grande maioria das comunidades indígenas do Brasil vive o confronto de conciliar, de instrumentalizar-se para a compreensão da sua sociedade tribal e das outras estruturas que regem o comportamento da sociedade global, da qual necessariamente fazem parte (NASCIMENTO, 2004, p. 180).

O reconhecimento dos índios como cidadãos com direitos e deveres só se tornou possível com a Constituição de 1988. Fazer parte da comunidade nacional e ser reconhecido no contexto mundial é um direito adquirido que, para se consolidar, na prática, precisa ser conhecido e entendido por todos os povos indígenas. Isso exige um trabalho de educação escolar, o que está muito claro para os Terena que buscam a educação escolar indígena voltada para a educação que herdaram de seus antepassados.

No entanto, se considerarmos a escola como um espaço da comunidade (como hoje se propõe a ser), veremos que, a par dos saberes que as crianças adquirem ou por imitação ou por negociações que acontecem no *continuum* das relações ditas primárias, é possível incluir a escola como parte da comunidade na construção da identidade da criança indígena do PIN, tendo em vista que a comunidade indígena introduz para este espaço que lhe fora imposto, suas ambivalências, construindo o seu modo de ser e pensar o mundo, introduzindo assim a pedagogia Terena.

[...] eu marcava bastante tarefa, chamava e era cobrado, cobrava mesmo. Chamava, chamava pra explicar detalhadamente. Do jeito que eu falei. Por escrito né? era difícil porque o [...] até pouco tempo meus patrícios não fazia pergunta não. Na sala de aula, tinha que conhecer o aluno. Olhar e saber [...] eu tinha que olhar a escrita dele, a maneira como ele escrevia, só isso né? Modo como ele estava escrevendo. Quando eu explicava, não me olhava, não me encarava. Não me fazia pergunta (Pedro Vitorino).

Para que a educação escolar indígena Terena seja realmente específica e diferenciada, é necessário que os profissionais que atuam nessas escolas conheçam a cultura Terena, através da vida em comunidade, pois, a “escola ocupa um lugar de destaque como meio de obtenção de conhecimentos externos a serem incorporados e socializados internamente” (SILVA, 2002, p. 46). E ainda estas pessoas têm de dialogar com seu entorno para fortalecimento de seu modo de ensinar, demonstrando que esta pedagogia propicia destacar os elementos que norteiam a educação comunitária. Isso é bem exemplificado com o relato de um professor:

[...] agora em relação nossa com os alunos sempre foram boas, tanto é que, quando o pessoal da secretaria vem aí, ou outra pessoa, acham totalmente diferente a relação dos alunos com nós de como dos outros alunos lá da cidade. A nossa escola, os nossos alunos aí, sei lá, eles chegam elogiando mesmo o trabalho nosso, a relação dos alunos com nós. Tem aquele respeito, quando o pessoal chega na sala de aula, os alunos se levantam pra receber, tudo isso aí [...] porque o pessoal tem que respeitar mesmo, não tem dificuldade de relação (Professor Hamilton).

A relação de respeito aos mais velhos é um dos valores que norteiam a educação comunitária que se estende para a escola, já que são transmitidos às crianças desde pequenas os saberes que orientam as condutas e ações, em vários espaços sociais em que ela convive. As ações ou estratégias utilizadas envolvem histórias de lobisomem, mula-sem-cabeça, ter medo do rasga-mortalha, do come-língua, procurar uma peninha de caburé, feitos de antepassados.

Figura 13 - Criança indígena Terena.



Fonte: Acervo da autora, 2007.

Figura 14 - Crianças indígenas/Aldeia Cabeceira.



Fonte: Acervo da autora, 2007.

Quando pensamos em criança, sempre vem à mente um ser inocente, angelical e indefeso, necessitado de proteção, que deve aprender e “em várias esferas, que vão desde o senso comum às abordagens do desenvolvimento infantil, pensa-se nelas como seres incompletos a serem formados e socializados” (COHN, 2005, p. 11). Pensar a criança como um sujeito social, a partir do contexto em que ela vive, da sua cultura, do seu modo de ver e sentir o mundo ao seu redor, leva-nos a pensar que seria impossível falar de crianças de um

povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam na comunidade indígena, pois

[...] a criança como todo ser humano é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, tornando-se profundamente marcada, pelo meio social em que se desenvolve, nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas da comunidade (pais, avós, tios, primos, irmãos, amigos). Observa-se um grande esforço por parte delas, para compreender e apreender os ensinamentos do dia-a-dia, em seu contexto sociocultural (COHN, 2005, p. 9).

Segundo Cohn (2005, p. 15), a “criança atuante é aquela que possui um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto passiva na incorporação de papéis e comportamentos sociais, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo”. A criança indígena Terena, nos primeiros anos de vida, possui contato intenso com a mãe e com a avó materna, que lhe dedicam muita atenção. Com o passar do tempo, começa a se relacionar com outros membros da comunidade, a participar da rotina da família, dar recados, trocar alimentos, cuidar de animais e da plantação. Esse aprendizado acontece diariamente, pois “a par das relações sociais nas quais são elaborados e expressos os novos conhecimentos e a reflexão sobre o mundo e vivenciados os processos de ensino-aprendizagem, há uma fonte inesgotável de experiências de aprendizagem” (SILVA, 2002, p. 46).

Esses são fatores que contribuem para a compreensão do funcionamento cognitivo e o significado que a comunidade indígena dá a aprendizagem escolar. É necessário analisar a importância que esta sociedade indígena dá aos processos de aprendizagem; os valores da ação, da oralidade e do exemplo perpassam pela escola, tanto quanto pela comunidade.

A educação indígena não concebe dentro das reservas: filhos ou filhas abandonados, adolescentes grávidas sem constituir família. A punição geralmente é feita oralmente e caso o Conselho julgue necessário pedem para a família se retirar da aldeia. Na minha família existe um caso desses: um dos meus irmãos feriu gravemente a honra de uma família. As duas famílias envolvidas internamente em seus núcleos repreenderam oralmente os dois jovens e solicitaram deles uma atitude à altura do acontecido. O exemplo é um valor que permanece em alguns casos com poucas ressignificações. Neste exemplo, felizmente não foi necessária a retirada da família da aldeia, o caso se resolveu.

Na escola o processo não é diferente: uma atitude gravíssima é desrespeitar o professor. Não quero aqui negar que a escola seja uma cópia da escola ocidental, que produz atitudes de ambivalências, mas talvez para os não-índios o que chamo de desrespeito seja uma atitude corriqueira, não um desrespeito. Esse espaço a que faço referência faz parte da pedagogia Terena quando uma pessoa mais velha solicita ou dá uma ordem. Caso as respostas não acontecem a contento, no primeiro momento, uma advertência oral e, se isso não resolver, a família é comunicada e o infrator é advertido na presença de seus familiares, uma ofensa para a família. Quando isto acontece na escola, o professor indígena, pelo duplo papel que ocupa, pela suas ambivalências, articulações é levado a indagações, ele necessita de tempo, reflete:

O que eu queria falar também, é que a gente faz uma análise né? É de [...] se o aluno aprendeu a explicação ou se talvez se o professor tem alguma falha né? Na hora de explicar e que a sala toda ou a maioria não entender é uma falha do professor né? Mas quando é um dois aí, é tem alunos que deixam de fazer. E quando acontece freqüente eu já procuro os pais né? Procuro saber porque ele tá fazendo o dever, o que tá acontecendo, tá faltando muito na aula, então eu já procuro os pais né? Uma ou duas vezes eu falo pro aluno (Professor Crispim).

Todo este aprendizado favorece para que possamos melhor entender o sentido que se dá para o aprender, porque esse ato perpassa por todos os espaços da aldeia, pelos instrumentos e mecanismos que utilizam para que esta aprendizagem escolar tenha sentido e significado.

As atitudes de valores de ação e de exemplo são condutas que as crianças aprendem na observação das pessoas mais velhas, que aplicam entre si, das crianças mais velhas para as crianças mais novas. Nas atividades escolares, esse procedimento acontece quando uma criança interrompe o conteúdo prático da tradição:

[...] eu pelo menos entendo como um conceito de participação, de cooperação. Uma coisa assim. A gente, no meu caso, eu faço as anotações necessárias no meu caderno de anotações e posteriormente eu vou ver o que eu faço. Não na hora. Na hora às vezes, assim, dependendo [...] dependendo não, porque na maioria das vezes a gente faz é, eu pelo menos refaço um pouquinho de novo. [...] É, eu reedito pra turma toda se for o caso, ou sento com ele em particular, quando dá pra fazer isso. E vou pegar os pontos que ele não entendeu e resolver. Essa é uma das coisas que eu faço. Mas assim, o fato dele não ter feito a tarefa, ele sabe que vai haver um prejuízo depois. Ele vai ter uma punição por não ter feito a tarefa. Mas não naquele momento. Mas posteriormente vai [...] Comigo já aconteceu de um aluno ter me entregue o trabalho [...] era em dupla, os dois não foram na escola e não me entregaram o trabalho. Passado uns dias não foram me procurar, não falaram nada, depois passado uns dias, na hora de fechar a nota “_ Ah, professor eu vim entregar”. Por que não entregaram no dia. Ah então como vai ficar? O

que eu posso fazer? [...] Quando é um grupo assim que os alunos combinam, fazem em dupla, por exemplo, vamos fazer tal dia. Aí o cara não, um apareceu e outro não, ele faz o trabalho do mesmo jeito. Na hora de entregar ele faz questão de falar “_ Oh, o fulano não me ajudou em nada”. Fala na cara dura. O nome dele não está no trabalho. Aquele que não participa, dança (Professor Hamilton).

A idéia que se tem de aprendizado, que temos do aprender, permite que um ensine ao outro, mesmo que essa atitude cause danos a quem se deseja ensinar. As conseqüências de um ato são repassadas pelos valores que norteiam a pedagogia Terena, o valor do exemplo e da tradição oral pode ser descrito aqui, pois são eles que modelam o comportamento dos membros da comunidade, fazendo com que se reflita sobre a tradição.

A atitude do aluno é de fazer com que o colega reflita sobre suas ações, que elas têm conseqüências muitas vezes dolorosas perante a turma, pois existe a possibilidade de não ser convidado para participar de nenhum grupo para realizar seus trabalhos escolares. Por outro lado existe a figura do professor indígena, que analisa a partir de suas ambivalências: professor, tio, primo, pai, sobrinho, afilhado, da educação indígena, onde “sempre há um deslize inevitável do significado da semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2006, p. 33).

Figura 15 - Crianças Terena na extensão Capitão Vitorino/Aldeia Água Branca.



Fonte: Acervo da autora, 2005.

O professor indígena Terena que viveu seu processo de escolarização em lugares onde seus processos de aprendizagem e conceitos tiveram que ser ressignificados, dando a conotação de impureza, mistura, transformação, perda, coloca este professor numa “relação de igualdade” com os demais, os não-índios. Mas estas relações possuem processos implícitos, que se baseiam nas relações de poder, de dependência, que, muitas vezes, relembram o lugar de onde viemos. São momentos de luta, de resistência; este ato nos faz perceber que “sempre existe algo no meio. Esse ‘algo no meio’ é o que torna o próprio [Terena], por excelência, o exemplo de uma diáspora moderna” (HALL, 2006, p. 34).

Para compreendermos melhor a diferença desses processos próprios de aprendizagem, apresentamos, a seguir, um quadro elaborado por Meliá, publicado em 1979, porém ainda muito atual. Ele demonstra claramente a diferença entre educação indígena e educação para o indígena:

Quadro 3 - Diferença entre educação indígena e educação para o indígena.

EDUCAÇÃO INDÍGENA	EDUCAÇÃO PARA O INDÍGENA
Processos e meios de transmissão	
<ul style="list-style-type: none"> - Educação informal e assistemática. - Transmissão oral. - Rotina da vida diária - Inserção na família. - Sem escola. - Comunidade educativa. - Valor da ação. - “Aprender fazendo”. - Valor do exemplo. - Sacralização do saber. - Persuasão. - Formação da “pessoa”. 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução formal e sistemática. - Alfabetização e uso de livros. - Provocação de situações de ensino artificiais. - Deslocamento para a aula. - Com escola. - Especialistas da educação. - Valor da memorização. - “Aprender memorizando”. - Valor da coisa aprendida. - Secularização do conhecimento. - Imposição. - Adestramento para “fazer coisas”.
Condições de transmissão	
<ul style="list-style-type: none"> - Processo permanente durante toda a vida. - Harmonia com o ciclo de vida. - Gradação da educação conforme o amadurecimento psicossocial do indivíduo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Instrução intensiva durante alguns anos, - Sucessão de matérias que tem que ser estudadas. - Passagem obrigada por um currículo determinado de antemão para todos.
Natureza dos conhecimentos transmitidos	
<ul style="list-style-type: none"> - Habilidade para a produção total dos próprios artefatos e instrumentos de trabalho. - Integração dos conhecimentos dentro de uma totalidade cultural. - Integração correta na organização tribal. - Aprofundamento nos conhecimentos das tradições religiosas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manipulação de tecnologia importada. - Segmentação dos conhecimentos adquiridos. - Adaptação dentro de um estrato ou classe da sociedade nacional. - Conversão e catequese para uma nova religião.

Funções sociais da educação	
<ul style="list-style-type: none"> - Ajustamento das gerações. - Preservação e valorização do saber tradicional, em vista a uma inovação coerente. - Seleção e formação de personalidades livres. 	<ul style="list-style-type: none"> - Afastamento e mudança com respeito à vida dos velhos. - Adaptação contínua às novidades, mesmo ainda não compreendidas. - Massificação no genérico

Fonte: MELIA (1979, p. 52).

Estamos engatinhando para ter uma escola indígena que contemple os princípios expressos nos RCNEI (BRASIL, 1998, p. 24):

- Comunitária – porque todo projeto escolar deve ser pensado, construído e mantido pela vontade livre e consciente da comunidade;
- Intercultural – porque deve reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüística;
- Bilíngüe/multilíngüe - porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais de uma língua;
- Específica e diferenciada – porque é concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena.

Com minhas observações percebo que há fatores importantes na maneira de aprender das comunidades indígenas os quais merecem destaque: a maneira como “corrigem” os filhos; como tratam à questão do erro, a importância que demonstram à oralidade; o aprender fazendo; a rotina da escola; os conteúdos nela ministrados.

[...] Quando eu falo que é relativo, é que depende do seguinte: se é um aluno que você sabe que na família dele ele tem pessoas que tem dificuldade, não vão realmente ajudar ele. E você que realmente ele não assimilou o conteúdo de forma correta, de forma tranqüila, você não tem como punir. Pelo menos naquele momento não. Tem que esperar ele assimilar mais aquele conteúdo, para depois, talvez você aplicar uma punição. Agora se tem um aluno, que você sabe que ele tem auxílio em casa, e esse auxílio não aconteceu, aí você tem que aplicar [a punição] de forma mais rápida (Professor Lucinei).

Esses são fatores que contribuem para a compreensão do funcionamento cognitivo e o significado que a comunidade indígena dá a aprendizagem escolar, pois dentro da instituição escolar indígena, que funciona embasada nas legislações estaduais ou municipais, o papel do professor é determinante na manutenção dos princípios étnicos. E quando uma criança comete um “erro”, já que na escola Terena não aplicam advertência ou suspensão, convocam os pais para uma conversa

[...] às vezes. Houve casos assim, teve um aluno, de eu estar passando trabalho, dois trabalhos, e esse aluno, os dois trabalho ele não fez. E aí eu encontrei, passado uma semana eu encontrei os pais e perguntei. Perguntei a ele caso ele tinha procurado os pais pra ajudar ele fazer o trabalho. Os pais falou “_ Não, quando foi esse trabalho?”. Tal dia. “_ Ah, não procurou nada não”. Então quer dizer, aí tá a coisa. Não houve [...] o aluno resolve ficar mesmo onde está. Agora cabe a mim como professor tá conversando com o aluno, explicando para ele né, que da forma que ele tá levando não é correto né? No momento que o professor passa trabalho, ele tem que fazer certinho, se não conseguir procure ajuda dos pais ou de alguém que possa estar ajudando (Professor Lucinei).

Na construção em que se pensa escola como continuidade da comunidade, ou melhor, parte integrante, onde uma não coexiste sem a outra, não se justifica a existência de um ato coercivo, punitivo. Para os Terena, a correção é oral e através da fala é que toda a aprendizagem acontece e, somente nos casos mais graves, em que a criança ou adolescente não respondem positivamente, chama-se o responsável que, envergonhado, o repreende, permanecendo com o mesmo timbre e tonalidade da voz.

É na escola que a aprendizagem é desenvolvida como uma fonte importante de expansão conceitual. Afinal a escola é um ambiente privilegiado que oferece ricas e profundas interações com o conhecimento social elaborado. Há também a comunidade indígena que possui sua sabedoria para ser comunicada, transmitida e distribuída entre seus membros; são valores e mecanismo da educação tradicional. Nas interações entre crianças e professores, a negociação de significados favorece aos alunos, não só a apropriação do legado cultural e a elaboração de valores que possibilitam um novo olhar sobre o meio físico e social, como também sua análise e eventual transformação.

[...] eu creio que ainda é a questão do respeito aos mais velhos. Isso é fundamental. Porque o aluno, mesmo aquele que mais está dentro da nossa turma, dentro da nossa realidade, mesmo ele, quando um professor fala, ele abaixa cabeça na hora. Fica quietinho assim como se fosse o pai dele. Quando sai de casa o pai ainda fala: “_ Na escola você tem que obedecer o professor”. Então isso é uma coisa que ainda existe, mesmo aqueles que gosta de sair mais, de fazer uma baguncinha maior, quando o professor fala e eles ficam quietos. Isso não é uma questão de autoridade... como é uma questão de respeito que as crianças são educadas pra respeitar os mais velhos (Professor Crispim).

A maneira como se apreende é um processo mental individual e ao mesmo tempo, coletivo. Individual, pois depende das funções neurológicas que o sujeito apresenta (memória, atenção e outras), e coletiva a partir do contexto social em que o sujeito está inserido, como família e comunidade valoriza este saber, a importância que cada sociedade dá para a

escolarização do sujeito. As comunidades indígenas não dão somente importância para o saber institucionalizado, mas também para os saberes tradicionais, espontâneos, dos familiares e, nesse processo de construção do conhecimento, as crianças indígenas se utilizam de diferentes linguagens, sendo uma delas a brincadeira.

Em uma das entrevistas, observei que as crianças reproduzem com fidelidade as atitudes que os pais tomam ou determinam, pois criam seus brinquedos. Quando entrevistei a tia Francisca, sua bisneta fazia exatamente como ela, estava brincando com pano enrolado nos braços, imaginando que fosse uma boneca:

Do quê? Brinquedo? [...] de boneca [...] Como que fazia boneca. Fazia, não tinha dinheiro pra comprar ou ganhava ou fazia ou inventava Qualquer coisa. Virava boneca. Igual essa daqui, igualzinho mesmo. Mas só que junta pano e fazer boneca. Faz uma redinha, embala (Francisca Gonçalves).

O brincar é uma ação que implica que aquele que brinca tenha domínio da atividade simbólica. Nesse sentido, para brincar é preciso que as crianças indígenas se apropriem da realidade que as circunda, aplicando esses elementos para atribuir novos significados. Brincar favorece a construção da identidade, pois é no “faz-de-conta” que a criança interioriza determinados modelos de adultos, transformando toda brincadeira em imitação da realidade; contudo, “para a identificação, a identidade nunca é a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade”. (BHABHA, 2005, p. 85). Na vivência do cotidiano das crianças Terena, de grande valor o brincar:

[...] porque são as brincadeiras, no decorrer do período que corresponde à infância, oferecem as crianças alguns pontos de referência cruciais para a percepção das dimensões espaciais e temporais nas quais seu cotidiano acontece. Uma vez incorporados, esses pontos de referência tornam-se conhecimentos, tanto de domínio individual como de domínio coletivo, conhecimento este que acompanhará o indivíduo ao longo de toda sua vida (NUNES *apud* COHN, 2005, p. 69).

À medida que a criança indígena vai se apropriando dos conhecimentos que lhes são necessários para a sobrevivência dentro da aldeia, chega o momento de ampliar este conhecimento e se apropriar de novas aprendizagens, um novo contexto, com uma nova linguagem, cheio de códigos, e com um tempo diferenciado dos momentos vivenciados com a mãe.

A construção deste conhecimento deve acontecer no espaço físico da escola indígena, não separado à parte da comunidade, pois a escola é outro local de socialização, de expansão da vida social, por intermédio das danças, apresentações artísticas, uma pesca

coletiva, a abertura de uma roça, a construção de uma horta, um viveiro de árvores frutíferas. Tais acontecimentos fazem parte da vida da comunidade e da vida escolar, abrindo as portas da sala de aula e dando sentido social e comunitário à escola indígena. Nos fundos das escolas deste PIN, é comum encontrarmos hortas e algumas espécies de frutas que complementam a merenda. São construídas coletivamente, cada criança traz uma semente, muda, e quem fica responsável para lembrar dos cuidados com a horta é o zelador, mas a responsabilidade é da comunidade escolar, dividida entre professores, merendeiras, zeladores e alunos.

Os alunos indígenas, quando começam a freqüentar a escola, já possuem conhecimento oral sobre as lendas, a lua certa para o plantio, receitas de remédios. O diálogo do dia-a-dia com as pessoas com as quais convivem, se dá com muita tranqüilidade: compreendem com facilidade, porque todos se conhecem e conhecem bem o assunto sobre o qual estão falando.

Se a linguagem oral, em suas várias manifestações, faz parte do dia-a-dia de quase todas as sociedades humanas, o mesmo não se pode dizer da linguagem escrita, porque as atividades de leitura e escrita podem, normalmente, ser exercidas apenas por pessoas que puderam freqüentar a escola e nela encontraram condições favoráveis para receber as importantes funções sociais da prática da leitura e escrita. Desse modo, a escrita, desde que foi inventada, serviu como instrumento de dominação, pois era vista como atividade que podia ser exercida apenas por membros privilegiados da sociedade, justamente por aqueles que, por pertencerem à elite econômica e social, eram os únicos que tinham o direito de freqüentar a escola. Ver o domínio da escrita como instrumento de dominação é algo ainda presente nos dias atuais.

Acredito que temos que reescrever o conhecimento a partir da nossa raiz, não fechados em nosso mundo, restrito apenas a nossa comunidade indígena ou mesmo nossa etnia, mas contribuir com nossa experiência de povo Terena, estabelecendo assim relações entre pessoas e não sendo tratados como objeto, outra cultura ou apenas uma matéria a ser estudada.

Portanto ousar dizer que a comunidade indígena “é uma comunidade bem tecida” (BAUMAM, 2003, p. 48), pois a maneira como esse povo consegue manter suas tradições, sua maneira especial de ser, de apreender, de repreender, de não individualizar, de respeitar, de ouvir, é o grande desafio, o de sistematizar como essa sociedade aprende e ensina seu mundo, pois, mesmo com dificuldades, resiste aos apelos da modernidade, transformando-se em um símbolo de resistência, de luta, e não de decadência como pensam os capitalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixei minha alma impressa nestas páginas porque, de alguma maneira, falei de mim mesma, da maneira como vejo e percebo o mundo. Os desafios têm sido imensos, tanto internos quanto externos. Internos pela luta, pela resistência de se revelar, de se deixar perceber pelo outro, pois “nega-se o que o outro fala e nega-se sua fala possível; ou, em outro sentido, dá-se a autorização à (re) descoberta da voz do outro, não da sua voz” (SKLIAR, 2003, p. 109), pensa-se no outro ainda como nos tempos de colonização. Desafios externos, pelas adversidades, pelo tempo que corre rápido demais, pela ausência.

Traduzir pensamentos não é como falar com as pessoas, porque costumeiramente nos revelamos para quem confiamos, conhecemos, temos uma afinidade, uma simpatia, escolhemos em quem confiar os segredos da alma. Mas traduzir pensamentos em linguagem escrita configura um desafio muito maior para uma pessoa simples se expressar: a oralidade é mais forte.

Escrever permite também demonstrar sentimentos, marcados por períodos históricos que nos fazem pensar e repensar sobre a realidade indígena. E este trabalho tem como principal objetivo descrever a Pedagogia Terena, bem como os fatores que contribuem para a construção desta pedagogia nos espaços onde a criança está inserida: família, comunidade e escola.

Pensar na pedagogia Terena como um método eficaz de transmissão de conhecimentos revela um desejo antigo, de ver coisas escritas sobre o meu povo, que faz parte da história e nunca foi mencionado. Esta pedagogia é resistente, pois não necessita deste registro para se ter memória, ela é perpetuada pelos descendentes através da oralidade, com suas histórias, conselhos, ensinamentos. Essa educação marcar-nos tão profundamente que, mesmo estando geograficamente fora do território, permanecemos ligados a ele por tais ensinamentos.

Nesta pesquisa, os estudos sobre o povo Terena historicamente foram focalizados nos aspectos da trajetória dos Terena em Mato Grosso do Sul, dos processos próprios aprendizagem, a que chamei de Pedagogia Terena neste estudo, descritos pelos anciãos do PIN Nioaque e a escola, que caminha hibridizadamente.

Os processos de tradução, hibridização, negociação, ambivalência foram e são recursos encontrados para viver neste contexto onde fomos colocados, criando fronteiras, estruturas que dificilmente serão demarcadas, fixas, pois se dissolvem, diluem frequentemente, e o povo Terena na sua sabedoria infinita dinamiza, recria, modifica, adapta seu jeito de ser ao contexto no qual está inserido.

O jeito de ser do povo Terena- sua pedagogia- é resultado de um processo histórico cultural, que educa seus descendentes para a vida dentro e fora da aldeia. Muitas das práticas descritas neste trabalho, como as faixas nas crianças, são costumes que eram praticados por nossos avós e são praticados hoje por nós, não da mesma forma que no passado, mas da nossa, no nosso tempo, ressignificados. As negociações também acontecem entre as gerações, entre as identidades, pois, neste processo de educação indígena, não somos tratados igualmente – meninas ou meninos, crianças ou adultos – temos uma hierarquia a ser seguida, dos mais velhos para os mais novos. O respeito que se dá aos anciãos é transmitido de geração para geração, assim como o cuidado com a agricultura, a alimentação, à língua, o artesanato, enfim a cultura.

E, por isso, a criança indígena não está à parte dos acontecimentos do PIN. Ela vivencia, ressignifica, traduz nas suas brincadeiras, seja no campo de futebol, na roça, no rio, seja no pé de goiaba. Está ativamente ligada pela família e à comunidade na sua família extensa e de aconselhamentos. A família introduz a criança na comunidade indígena e a ela apresenta e dá os primeiros conceitos e valores desta comunidade, que são transmitidos oralmente.

A escola nas comunidades indígenas não é um processo novo, mas que ocorreu há várias décadas. Atualmente ela está presente em muitas aldeias, interagindo e fazendo parte da nossa cultura, hibridizada pelas práticas e lógica indígenas e, ao mesmo tempo, pela burocracia, pelas práticas e lógica da sociedade não-índia.

O processo de escolarização não é um segmento da educação indígena, mas incorporado por ela em busca de espaço político e benefícios para a aldeia, pois a valorização

dos saberes ocidentais silencia os saberes indígenas, ficando esse processo dependente da cultura não-índia, colocada em muitos momentos como verdadeira e única. Única língua, um só povo, uma só nação.

Porém a escola negocia seu espaço neste aprendizado, pois na comunidade indígena, independente do grau de parentesco, todos são responsáveis pela educação de seus membros. A comunidade contribui com seus juízos de valores pautados no exemplo dos mais velhos e na oralidade como transmissão de conhecimento. A escola negocia quando possui professores indígenas que residem na aldeia para ministrar aulas, quando no currículo escolar encontramos aula de língua indígena para fortalecimento da identidade Terena, e também faz determinações voltadas para a cultura Terena, quando quebram as estruturas de uma comunidade coletiva com ordens e uma organização não-índia, tais como calendário, organização de uma escola ocidental. Os professores são indígenas, os alunos são indígenas, a comunidade é indígena, mas a escola é ressignificada.

E como construir uma escola indígena? Com uma pedagogia indígena especificamente Terena no seu modo de ser e pensar? Existe um desejo de transformá-la, uma vontade incansável de professores indígenas, que iniciaram seu despertar na oportunidade de estudar com grupos específicos o seu saber, de conhecer e valorizar as maneiras de ensinar que nosso povo possui. Entretanto o tempo não caminha a nosso favor, ele nos devora.

Este trabalho é apenas um esboço, uma tentativa de demonstrar como a pedagogia Terena circula dentro da família, da comunidade e do espaço escolar. Como ela auxilia na recuperação de práticas culturais, como a língua, a dança, o mito, etc, revitalizando o orgulho de ser Terena, para que no futuro nossos filhos e netos conheçam nossas tradições, ritos, luta e nossa resistência.

Contudo este trabalho possui espaços que poderão ser preenchidos por outras pesquisas, como a língua Terena e suas variantes; a visão dos professores não-índios que atuam em comunidades indígenas, os quais não foram ouvidos neste trabalho, por não serem o foco desta pesquisa; os alunos indígenas do ensino fundamental especificamente do 6º ao 9º ano e do ensino médio, que ainda não possuem um número suficiente de professores indígenas habilitados nesta área.

Mas é possível dialogar com conhecimentos tão distintos? Como construir uma proposta escola indígena Terena? Diante de tantas experiências dolorosas como mantermos viva essa cultura?

A relação entre a cultura [terena] e suas diáspora não pode, portanto, ser adequadamente concebida em termos de origem e cópia, de fonte primária e reflexo pálido. Tem que ser compreendida como a relação entre uma diáspora e outra. Aqui o referencial nacional não é útil. (HALL, 2006, p. 34)

Historicamente as fronteiras estabelecidas fragmentam, enfraquecem suas características, seu legado cultural. No entanto, a intenção do colonizador com certeza era essa, mas as comunidades indígenas, com toda a sua tradição, produziram identidades, que agora dialogam dentro de um tempo e espaço de *différance*.

Assim oferece significados que sustentam a sobrevivência destas gerações, oferece alternativas para ressignificá-las, pois

[...] a tradução, como Derrida coloca, é muito diferente de comprar, vender, trocar – não importa o quanto ela tenha sido convencionalmente retratada nesses termos. Não se trata de transportar fatias suculentas de sentido de uma barreira de uma língua para outra – como acontece com os pacotes de *fast food* embrulhados nos balcões de comida para viagem. O significado não vem pronto, não é algo portátil que se pode “carregar atrás” do divisor. O tradutor é obrigado a construir na língua original e depois imaginá-la e modelá-la uma vez nos materiais da língua com a qual ele ou elas o está transmitindo. As lealdades do tradutor são assim divididas e partidas. Ele ou ela tem que ser leal à sintaxe, sensação e estrutura da língua-fonte e fiel àquelas da língua de tradução (HALL, 2006, p. 40).

Pensar nos espaços em que a educação indígena circula é pensar que “entre os métodos indígenas, um dos principais é a participação da comunidade na ação pedagógica”, (MELIÀ, 1998, p. 26). É ela que, no espaço coletivo, nas roças, no rio, no campo, com o seu jeito de ser Terena - aprender fazendo -, constrói o sentido de aprendizagem no espaço escolar, que é ambivalente.

Entretanto uma pergunta sempre me inquietou durante todo este processo: “Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?”(HALL, 2006, p. 28).

Parece-me que a identidade permanece mais forte, pois, se pensada historicamente, é composta de muitas culturas, de contato com muitos povos: “suas origens não são únicas, mas diversas” (HALL, 2006, p. 30). Não quero aqui pensar que, se somos originais ou cópias,

somos apenas resultado de uma colonização que tentou ao máximo nos dizimar, aniquilar enquanto pessoa humana.

Mas, ao contrário, nos fortalecemos a cada queda, sei que houve muitas perdas, outras que foram ressignificadas e ainda outras que talvez nunca serão recuperadas, mas podemos ainda assim contribuir com um modelo de pedagogia Terena que pode ser aplicada nas nossas escolas.

Esta pesquisa nasceu desse sonho, que outros Terena poderão continuar e transformar em realidade.

REFERÊNCIAS

- AZANHA, Gilberto. **Resumo do relatório circunstanciado de revisão de limites da Terra Indígena Buriti**. Processo FUNAI/BSB nº 00465/93. Publicado no Diário Oficial da União, Seção 1, 9 agosto, 2001.
- BAUMAM, Zymunt. **Comunidade** - a busca por segurança no mundo atual. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAM, Zymunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.
- BERGER, Peter L; LUCKMAM, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado da sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da república federativa do Brasil** - promulgada em 5 de outubro de 1988. Imprensa Oficial Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referenciais para formação de professores indígenas**. Brasília: MEC, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC, 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil; Museu Nacional, 1969.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Urbanização e tribalismo**. São Paulo: Reunidas, 1966.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- COSTA, Marisa Cristina Vorraber (Org.). **Escola básica na virada do século**: cultura, política e currículo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. v. 1. 168 p.

DERRIDA, Jacques; OTTONI Paulo. **Tradução manifesta: *doublé bind* & acontecimento**. São Paulo: Editora UNICAMP/SP, 2005.

FANTINI, Marli. Águas turvas e identidades quebradas - hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem e outras misturas. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (Org.). **Margens da cultura**: mestiçagem, hibridismo & outras misturas. São Paulo: Boitempo, 2004, p. 159-180.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. **Mudança cultural e afirmação identitária**: a antropologia, os Terena e o debate sobre aculturação, 2002. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos. **Educação escolar indígena em Terra Brasilis** - tempo de descobrimento. Rio de Janeiro: IBASE, 2004, p. 11-31.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A Representação da escola em um mito indígena. In: **Revista Teias** - Revista da Faculdade de Educação/UERJ, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jan./jun., 2001 pp. 113-120

FREIRE, José Ribamar Bessa; MALHEIROS. Márcia Fernanda. **Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

GALLOIS, D. Sociedades indígenas e desenvolvimento: discursos e práticas para pensar a tolerância. In: GRUPIONI, L.D. et alii (orgs.) **Povos Indígenas e tolerância**: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: USP, 2001.

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. MEC/UNESCO. Brasília, 2006

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Um território ainda a conquistar. In: **Educação escolar indígena em Terra Brasilis** - tempo de novo descobrimento. Rio de Janeiro: IBASE, 2004, p. 33-55.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Diversidade cultural e educação**: olhares cruzados. São Paulo: Biruya, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**: Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LADEIRA, Maria Elisa. **O uso da língua Terena segundo uma análise macro sociolinguista**. 1999. Disponível em: <<http://www.trabalhoindigenista.org.br>>. Acesso em: 1 out. 2007.

LADEIRA, Maria Elisa; BITTENCOURT, Circe Maria. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

MAHER, Terezinha Machado. A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006, p. 11-37.

MATHIAS, Fernanda; SANTOS, Aline dos. **Ministério flagra trabalho infantil em aldeia urbana**. Disponível em: <<http://www.campogrande.news.com.br/canais/view/?canal=8&id=220375>>. Acesso em: 15 fev. 2008.

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação indígena na escola**. Conferência ministrada no I Congresso Internacional de Educação Indígena. Dourados (MT), 23-27 março, 1998.

MELIÁ, Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

MIRANDA, Claudionor do Carmo. **Territorialidades e práticas agrícolas**: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena de Mato Grosso do Sul, 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS.

NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena: palco das diferenças**. Campo Grande: UCDB, 2004.

REGO, Tereza C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RODRIGUES, Aryon. **Originalidade das línguas indígenas brasileiras (laboratório de línguas)**. Disponível em: <www.unb.br>. Acesso em: 28 out. 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão do indolente** – contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2002

SILVA, Aracy Lopes; Ângela Nunes, Ana Vera Lopes da Silva (Orgs.). **Crianças indígenas - ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Aracy Lopes; Mariana Kawall Leal (Orgs.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Aracy Lopes. **Índios**. São Paulo: Ática Editora, 1988.

SKLIAR, Carlos. **A pedagogia (improvável) da diferença**. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TERENA, Marcos. **Cidadãos da selva: a história contada pelo outro lado**. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 1992.

VARGAS, Vera Lúcia Ferreira. **A construção do Território Terena (1870-1966): uma sociedade entre a imposição e opção**. 2003. 160 p. Dissertação (Mestrado em História) UFMS, Dourados.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ANEXO
ENTREVISTAS REALIZADAS

ENTREVISTA 1 - ZÉ CANELA

FITA 01 – LADO A

Entrevista realizada em setembro de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima

Entrevistado: Zé Canela, Professor Hamilton Gonçalves e Professora Nedir

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

Eliane: A primeira pergunta que eu queria fazê pra senhor é assim: quando chegou aqui, vocês chegaram que de lugar, assim, o senhor é um dos primeiros moradores?

Zé Canela: Não. Nós era terceiro. Quando nós chegamo aqui tinha dois moradores aqui. Só que não tinha estrada, não tinha nada. Era trieiro. Quem fez essa estrada aí foi o finado??. lá do Brejão até ali onde tinha uma porteira, onde tem um mata burro, lá que era uma porteira, de aroeira. É uma, uma torra mais ou menos dessa grossura assim. Porteira, de aroeira.

Eliane: Morava no Brejão primeiro. O senhor morou [...]

Zé Canela: Morei no Brejão uns seis meses [...] morei uns seis meses no Brejão.

Eliane: E lá no Brejão já tinha alguém morando?

Zé Canela: Lá tinha pouquinho casa ainda. Mais ou menos umas dez casas ainda.

Eliane: Já tinha um posto lá? Aquele Posto da FUNAI?

Zé Canela: É já tinha.

(incompreensível)

Hamilton Gonçalves: Ah, então não era nem aquele que caiu agora. Era outro ainda?

Eliane: Teve um que pegou fogo né? Posto da FUNAI que pegou fogo? [...] Bem antigamente?

?: Queimaram os papel que tinha dentro né, só. [...] Juntaram tudo e queimaram os papel, aí queimaram o papel.

Eliane: Aí vocês moraram seis meses no Brejão [...]

Zé Canela: Ai nós moramos seis meses no Brejão, meu pai tinha um machucado né. Lá era só mato, tinha uma vazantinha pequeninha, de 1 a 4 metros, nesses seis meses ele tentou andá nesse mato. Era um matão, cerradão mesmo, aí veio, saiu por aqui [...] aí meu pai achô um capestrizinho, aqui o pessoal do Brejão vinha por aqui, passava por um trieiro aí passava aí e saia aí ó, lá no [...]. (Pausa) E aí, meu pai puxou e falou: lá é bom nós ficá. Nós vamos pra lá. Vamos fazê uma picada aí e levá a nossa mudança pra lá. Lá tinha o irmão dele e os meus irmãos também, aí fizemo (incompreensível).

Eliane: Vocês vieram de onde? Saíram de que lugar para mudar para o Brejão?

Zé Canela: Nós viemos de Maracajú.

Eliane: Maracajú. Mas, morava em alguma aldeia?

Zé Canela: Não. Fazenda.

Eliane: Moravam em Fazenda.

Zé Canela: Nós moreno na fazenda Santo Antônio. Aí de lá nós viemo pra cá. Criado já, meus irmãos tudo moço. É fazenda pra gente aprende fazê lavoura, essas coisas, lá eles trabalham com gado.

Eliane: Na fazenda o senhor trabalha com gado e [...]

Zé Canela: Gado é só criação.

Eliane: E o que o senhor lembra? Por exemplo, o senhor chegou aqui tinha espaço, tinha esse matão, não era nem pasto né?

Zé Canela: Não. Era mato.

Eliane: Mato fechado. Já ia abri os trieiros, fez a casa. Quem veio com vocês mais?

?: Nós veio, aí, tudo furado também, finado Anselmo que era irmão do meu pai. Finado nenê. Aí, não sei se o Vicente é finado. Acho que é finado também.

Eliane: Vicente, o Zé Carlos?

Zé Canela: Não, não. O [...] ele morou lá no Brejão também.

Eliane: Ele era casado com a Dona Erminda?

Zé Canela: Não, não é não. Ele era casado com fia do finado José Antônio Cabrocha. [...] E aí nós viemo pra cá e viemo só nós mesmo. Só nós mesmo, só a nossa família. Tinha, aqui tinha um morador com o nome de Joaquim e outro com nome de Suacó. José era o nome dele, mas era conhecido em toda parte como Suacó. [...] a casa dele era lá perto daquele toco, lá era a casa dele. Era tudo mato [...] era muito difícil você achá ele de roupa. Tinha uma lona grossa aí só ficava pelado.

Nedir: Nossa. Mas ele morava sozinho?

Zé Canela: Quem morava sozinho era o pai do finado Pierre. Aí o finado Pierre casou e fez a casinha dele lá e foi morar lá.

Eliane: Sobrevivia de quê?

?: *Só de mandioca, batata, caça, veado, peixe, anta, peixe.*

Hamilton Gonçalves: Por que era muito mato antes [...]

Zé Canela: E peixe tinha demais, demais. Foi um dia bateu uma peste aí, mais ou menos em setenta, bateu uma peste nesse corgo aí, você precisa de vê o tanto de peixe que morreu. Cada corgo que ia saindo assim, ficava amarelo de peixe. Dourado, pintado, tinha de tudo de peixe. Foi e acabou, morreu muito peixe.

Eliane: Depois da peste?

Zé Canela: É. Era muito difícil vê um peixe. Acabou. Mas morreu demais. Morreu mesmo.

Eliane: Quando alguém aqui na aldeia ficava doente, como que fazia?

Zé Canela: Aí em Nioaque nem hospital não tinha. Tinha Posto de Saúde bem fraquinho. E o que nós fazia, se não pudesse ir a pé, armava a rede num pau e levava eles na rede.

Eliane: Até Nioaque?

Zé Canela: Até Nioaque. Levemo um monte de gente pra Nioaque, na rede. Cada um pegava um lado, até chegá.

Eliane: É longe heim?

Zé Canela: É, de carro ia rápido.

Eliane: Quando tava muito mal, já tinha tomado muito remédio?

Zé Canela: Já tinha tomado muito remédio caseiro. Aí as vezes dava alguma pontada [...] aí tinha que levar.

Hamilton Gonçalves: Mas assim, é [...] quando o senhor mudou pra cá tinha ou já não tinha mais essa questão da pajelança?

Zé Canela: De... de?

Eliane: De benzimento, de benzê?

?: Tinha. Tinha bastante, igual benzia muito. Ninguém tinha conhecimento disso daí. Eu acho que esse negócio de benzê, essas coisas, eu acho que é um crime até, a pessoa enganá. Isso aí é um engano, tem muita gente que engana, vai morrer e foi por isso [reprodução da doutrina da igreja]. Tem gente que se faz de curandeiro.

Eliane: E aqui tinha muito? E eles faziam o quê?

Zé Canela: Diz que eles fazia feitiço, fazia tanta coisa.

Nedir: Mas eles usavam alguma roupa?

Zé Canela: Não.

Eliane: Tinha [...]

Zé Canela: Tinha assim, quando eles fazia trabalho.. Só reza e charuto.

Eliane: Mas era as próprias pessoas que moravam aqui que faziam isso?

Zé Canela: As próprias que fazia isso. Aí foi entrando os evangélico, não se você é evangélica ou não, mas a gente vai contá a realidade né? Depois que entrou os evangélico foi acabando, hoje é difícil você achá uma pessoa sabe sobre sua reza, curandeiro, que faz trabalho. Muito difícil. Antes tinha bastante. Tinha bastante.

Eliane: Mas essa questão, por exemplo, eu lembro muito, minha mãe fala muito disso. A mãe leva muito [...] quando tem criança pequena pra benzê. Já levou muito, minha vó benzia.

Minha vó benzia, minha vó Ercília. E ela benzia mesmo, ela pegava uma folha, uma folha de uma árvore, fazia uma oração que a gente não ouvia e ela mesmo benzia. Era dessa forma.

Zé Canela: Ah, era assim mesmo, as pessoas pegavam uma folha e ia benzê, mas a gente não escutava nada o que eles tava falando. Ficava ali, quietinho e tá pronto.

Eliane: Tem solução pra tudo né?

Zé Canela: E aí, quando nós chegemo aqui, nós comecemo a fazê aquela onde nós morava. Foi a primeira casa que nós fizemo. E a minha mãe saiu dali agora, faz poucos anos. Depois que ela ficou, já não queria saí, aí os filhos tudo casou, tudo casou. Aí ela ficou com a neta lá, aí a neta foi e casou também e aí ela teve que sair com ela. Não quis sair com nenhum filho. Foi com a neta. Aí que ela largou daquele lugar, foi a primeira e a última morada que meu fez ali. Morou até [...]

Nedir: Mas quando vocês mudaram pra cá não tinha outro nome pra cá né? Só o Brejão?

Zé Canela: Só o Brejão.

Eliane: Não tinha as divisão das aldeias ainda? Então vocês também fundaram a Água Branca?

Zé Canela: Fundamo a Água Branca.

(Pausa)

Eliane: Eu quero que o senhor conta pra mim a história da... da escola. Ou o senhor quer começar sobre o come língua?

Zé Canela: O come língua (risos).

Eliane: O senhor morre de rir, mas não é assim que chama?

Zé Canela: Desse jeito, o porquê eu falo isso aí, é que uma vez nós tinha um touro... um touro gordo, e o come língua só gosta de gado gordo né? E aí deu um temporal de chuva e aqui era mato ainda né? Aí pra cima tudo era mato ainda. Até era ainda, aí quando foi no outro dia cedo nós foi vê um touro grandão aí nós fomos vê, ele tava deitado não podia levantar, tava de cabeça baixa assim. Um touro bonito, um touro grande, gordo. E aí... aí o finado meu pai laçou e derrubou ele e olhou, tava sem língua. Tava estorada a língua dele. Agora eu não sei se existe mesmo o come língua. Meu pai falou que era o come língua, Uma vez ali morreu dez gado nosso, bem ali. Caiu um raio pertinho, pertinho. Outro dia cedo nós fomos vê, tava tudo deitado na estrada.

Eliane: E essa questão assim, porque a noite quando escurece aqui, é bem escuro né? A gente já não enxerga nada já se não tiver lua né? Mas hoje nas casas já tem energia né? E antigamente quando não tinha nada o que fazia pra criança. Para as pessoas que eram muito novas não saírem a noite? O que os mais velhos faziam?

Zé Canela: Não deixava sai, proibia eles de sai que eles não saia mesmo, tinham medo né?

Eliane: Mas como eles ganhavam medo?

Zé Canela: Eles tinham medo porquê... você não sai até lá ou não por aí porquê é perigoso cobra. Não vai sai daí.

Eliane: Não contava nenhuma história?

Zé Canela: Não. Tem muito bicho aí, tem muita cobra...

Eliane: De Saci-perêre tem uma história aqui, foi o senhor mesmo que me contou quando a gente vinha ficar na casa da Dona Lúcia. Tem um pássaro rasga mortalha. O senhor conhece essa história de rata mortalha?

Zé Canela: Conheço.

Eliane: Ele passa e dá um aviso...

Zé Canela: É que ele diz que a gente vai ficar sabendo que alguém morreu. É o rasga trapo...

Eliane: Principalmente quando ele passa por cima da casa da gente né? Que vai trazer notícia ruim.

Zé Canela: É, que vai trazer notícia ruim. Isso é o sistema dos antigos né?

Eliane: E eles contavam outras histórias além dessas?

Zé Canela: Não eles só falavam vai ter morte próxima, o bicho ta berando...

Eliane: E a coruja?

Zé Canela: Agora a coruja num... num eu acho que num trás... num trazia medo pra ninguém. Porque a coruja ela é dentro da casa mesmo né? Pra comê barata, os bichinho de dentro [...] Agora a coruja eu nunca vi falá nada.

Nedir: E da história do lobisomem?

Zé Canela: A história do lobisomem diz que existia, o pessoal velho diz que não podia andá de pé amarelo que virava lobisomem.

Nedir: Bem amarelo?

Zé Canela: É, bem amarelo. É que esses tempo esses velhos não tomava remédio, só medicamento mesmo né? Num tomava remédio de farmácia nada. Às vezes morria e não tomava remédio né? É só do mato mesmo.

Eliane: E aí os homens que viravam lobisomem não daqui da aldeia?

Zé Canela: Eu vi falar que era né? Mais [...]

Eliane: Mas eles tinham o pé amarelo pra virá?

Zé Canela: Não eles era [...] era feiticeiro assim, as pessoas falava, quem é feiticeiro vira onça, vira tudo quanto é bicho.

Eliane: Mas eles falavam feiticeiro não falavam pajé?

Zé Canela: Não. O pessoal falava feiticeiro, falava feiticeiro.

Eliane: E quando tinha alguém doente levava pra eles benzê?

Zé Canela: Levava pra eles benzê que sarava.

Eliane: E quando assim, o senhor era pequeno, o senhor já falou pra gente assim, que o senhor caçava, pescava, tinha fartura de peixe e brincava do quê?

Zé Canela: Olha nós, a nossa brincadeira era [...] com a caça mesmo, caçava [gritos no fundo] nambu, caça pomba, caça [...] é só e [...]

Eliane: O brinquedo era matá bicho?

Zé Canela: Era muito bom [...] era muito bom aquele tempo antigo que tinha de tudo. Você caia no mato aí achava tatu, pomba, mutum [...] você não perdia uma caça, ia e matava mesmo.

Eliane: Mas isso era só os meninos?

Zé Canela: Era só os meninos.

Eliane: E as meninas?

Zé Canela: Num ia no mato não.

Eliane: Fazia o quê?

Zé Canela: Ficava na casa, fazendo roupa, lavando roupa [...] ia busca água, longe né, na cabeça com purunga, na lata.

Eliane: O que o senhor acha das crianças? Tem diferença entre as da aldeia e as da cidade?

Zé Canela: ah [...], puxa vida. O porque essas crianças da cidade ta assim, é porque não são educadas, bem educadas né. O próprios pedreiros que ta ajudando a fazê essa casa [referindo-se sobre a reforma da escola] **[grifo meu]** aqui ó, tem um assentamento aqui em cima e tava falando que lá ele diz que já foram fazê escola lá, foram acentá porta, e ela fica boa enquanto tão fazendo. Lá eles forma acentá porta de um colégio lá, acentaram tudo num dia, quando foi no outro dia tava tudo jogado, tudo quebrado, portão que puseram, quando foi vê jogaram tudo no rio. Não pode, nem os professores não pode falá nada porque eles brigam com eles. E aqui graças as Deus, num ta acontecendo isso aí. Eu acho que Deus vai ajudar que não vai acontece, porque aqui o pessoal são bem educados [...] crianças tudo, pai e mãe né? Porque se fosse nessas colônias, garanto que aqui já tava tudo acabado. [...] Lá eles num respeita, lá se é cerca de tela assim, eles invadem tudo. Lá assim, se fosse uma torinha baixinha dessa daí, se fosse lá jogava toda hora.

Eliane: E quando por exemplo, a gente vai chamar uma atenção de uma criança? É, falar com ela que ela não pode fazer, que aquilo que ela ta fazendo é errado? É [...] na casa, é só conversar?

Zé Canela: É só conversar.

Eliane: Não precisa bater?

Zé Canela: Não, não. É só conversar. Explica como é que é. Fala de novo, conversa, explica. Nós aqui, nós já falemos pros alunos e eles ficam quietinhos sabe e não acontece nada.

Eliane: Não responde?

Zé Canela: Não. O que a gente fala pra eles, fica ouvindo ali e vai cumpri o que a gente ta [...] ta pedindo pra eles.

Eliane: E o senhor vê assim, os professores contribui bastante com isso? Ou é [...] O que contribui, o que o senhor acha que contribui, é a família, é a educação que a gente tem de índio?

Zé Canela: Os professor ajuda muito também. Bastante. Bastante mesmo. E tem professor que já estudou, que já passou na mão de muitos professores. [...] E aqui graças a Deus pra nós, eu acho que não tem reclamação de professor ainda. Assim que bate... assim eu acho que não tem não. Aí pra fora a gente já ouve né, que os professores é bravo, que o professor xinga[...]

Eliane: Aqui não precisa falar alto.

Zé Canela: Não, aqui não precisa.

Eliane: Ninguém grita?

Zé Canela: [...] A escola que [...] a primeira escola que teve aqui dentro da aldeia, foi uma escola de capim que meu finado pai fez. Ai veio um parente lá de Aquidauana, aí teve um professor bravo, não sei se você conhece?

Eliane: Conheço, Seu Pedro foi professor da minha mãe.

Zé Canela: Então, ele foi professor da sua mãe, das fia do finado José, tudinho né. Da Célia, do Gracindo, do Tacílio. Ele foi professor deles. E aí ele fez um galpão de mais ou menos um doze metros de comprimento, de taquara batida, enfia uma estaca ali, outra ali, e o banco mesma coisa, de taquara batida. Piso não tinha, era no chão mesmo.

Eliane: Chão batido?

Zé Canela: Chão mesmo.[...] E o seu Pedro veio pra cá, entendeu. Pode fala que ele sofreu aqui também. Ele ando recebendo uns mês, depois outro mês paro, ai foi tentando com caça e pesca e palmito que a mulher dele levava pra ele todo dia (incompreensível). Ele sofreu muito [...] As vezes tinha dia de amanhecê caçando, caçando tatu, tudo, pescando. Ele mantém aquela escola dele lá. Hoje graças a Deus ele tem filho, filho assim, índio assim que é até doutor. Que passou por ele também. O Egino, o Crispim, tudinho, quase tudo tem cargo. É professor. Então isso aí não foi perdido, isso ai não foi perdido não. O finado meu pai sempre [...] isso aí foi [...] e o pai do Claudionor não queria de jeito nenhum, não queria por causa do

quê? Por causa que o professor era crente. Por isso que não queria. Aí meu pai teimou, ele cacique também. Aí ele teimou e fez a escola e aí [...] e aí puseram o nome 31 de Março, que começou. Aí puseram o nome de 31 de Março.

Eliane: Por que foi a data que começou a escola?

Zé Canela: A data que começou a escola.

Eliane: Por isso que ela chama 31 [...]?

Zé Canela: É. Por causa do quê? Era a única escola que tinha registro, que era tudo registrado, aí mudaram esse nome dela daqui pra sede lá, pra ela receber recurso. Puseram aqui Capitão Vitorino, hoje é por isso. Não sei se você sabe disso. Então, é por isso, por que a única escola que é registrada é essa daqui [...] daí o chefe foi, descobriu que saia recurso pra lá e levou pra sede.

Eliane: O senhor sabe me dizer que todo mundo que mora aqui é parente, se considera. Hoje em dia como é a questão do casamento?

Zé Canela: A questão do casamento era [...] o branco se casasse com uma índia num podia casá aqui, só podia casá no cartório.

Eliane: Eu sou casada com um branco?

Zé Canela: Mas não casou na aldeia.

Eliane: Não.

Zé Canela: Então. E aí [...]

Eliane: Mas eu não posso, não podia então?

Zé Canela: Ah! Não podia casá.

(Risos)

Zé Canela: Com tudo que você tem documento de índio, você não pode morar na Aldeia, por que aquele documento de índio, aquele ali acabou. Ai só do branco lá fora. Agora o índio pode casá com uma branca. Tem direito dentro da Aldeia.

Eliane: Certo. Mas como [...]

Zé Canela: Isso aí é até agora, vale ainda isso aí.

Eliane: Como era o casamento? Tinha alguma festa?

(Conversas de outras pessoas, risos de criança)

Zé Canela: (Pausa) Você, viu você [...] tenha muito cuidado com isso (conversa com outra pessoa)[...]

Eliane: E como era o casamento?

?: Como que você fala assim o casamento?

Eliane: Eu só [...] com quem eu podia casar, por exemplo, com quem eu podia casar? Tem umas pessoas que são meus parentes. Eu posso casar com parente?

Zé Canela: Não. Aqui acho que não tem isso aí. Por que os índios casam com parente até com primo, prima [...]

Eliane: É, mas por exemplo eu não posso casar com meu tio, por exemplo?

Zé Canela: Agora com tio, já é mais difícil né?

Eliane: Não posso casar [...]

Zé Canela: Casá [...] casá [...]

Eliane: E por exemplo, um irmão também não pode?

Zé Canela: Ah, não pode.

Eliane: E um primo, por exemplo, bem próximo [...]. Por exemplo: lá em casa o Marcos, o Marcos [...] por exemplo o Paulo é nosso primo irmão, podia casar?

Zé Canela: É, eu acho que aí casa, mas já fica bem [...] feio.

Eliane: Fica feio? Não concede o casamento?

Zé Canela: É que os antigos falam que casá com primo chegado mesmo, o filho sai com defeito, sai [...] (tempo).

Eliane: Então assim, é arriscado casar?

Zé Canela: Casá pode casá, mas só que pra frente vai sofrer com o próprio filho mesmo.

Eliane: Em outras Aldeias?

Zé Canela: A gente já ouviu falar isso daí. Os antigos falam.

Eliane: Mas tinha alguma [...] hoje em dia tem a cerimônia lá na igreja né? Tem bolo, tem churrasco, mata vaca. Quem é evangélico, vai lá casa na igreja, chama os irmãos. Quem é católico, vai lá na igreja católica, casa na igreja [...]

Zé Canela: É. Casa.

Eliane: E antigamente como que fazia?

Zé Canela: Antigamente casava no cartório do Posto, aí se quisesse casá na igreja católica, casava.

Eliane: Os Terena mesmo, como Povo Terena, não tinha um ritual assim, próprio deles assim.

Zé Canela: Não, aí sobre casamento, já [...] já é, esse é o ritmo mesmo.

Eliane: Esse é o ritmo, como é hoje? E a questão, por exemplo, assim eu caso, se eu for mulher eu posso morar na casa do meu pai, com meu marido. Ou eu como que eu faço?

Zé Canela: Você pode morar, mas só que você não tem esse direito de como tivesse morando na sua casa.

Eliane: Hoje?

Zé Canela: É, hoje.

Eliane: E antigamente?

Zé Canela: Antigamente sim.

Eliane: Antigamente morava todo mundo junto?

Zé Canela: Todo mundo junto.

Hamilton Gonçalves: Na mesma casa?

Zé Canela: É, na mesma casa. Antigamente tinha isso aí.

Nedir: Mesmo os filhos homens?

Zé Canela: Mesmos os filhos homens.

Eliane: Todo mundo na mesma casa?

Zé Canela: O porque que acontecia isso daí, por causa com certeza, do amor do filho, em que pai e mãe criou ele. Aí casava pra sai da casa e aí aceitava eles aí, pode morar aqui, mora ali num quarto. Hoje não, hoje já ta mais difícil né.

Eliane: Hoje é diferente?

Zé Canela: É diferente, a pessoa casa, quer fazer a casa deles.

Eliane: E essa questão, por exemplo, antigamente eu lembro que fazia muito fogo dentro de casa mesmo né? Costumava [...] pra fazer [...] pra tomar mate, pra conversar, e as crianças nunca ficavam no meio assim, gritando no meio da roda [...].

Zé Canela: Ah, não, não. De jeito nenhum, isso aí num existia isso aí.

Eliane: Não ficava escutando conversa [...]

Zé Canela: Não ficava escutando conversa dos mais velhos. Os mais velhos estavam conversando ali e tivesse um filho ali, parado, escutando, mandava ele carpi, fazê qualquer um serviço. Num ficava mesmo. E sobre fogo, esse tempo não tem um que era [...] não acontecia nada. Hoje se põe um fogo aí no meio de uma casa dessa daqui ó, se muita gente ali, logo, logo sai uma pessoa queimada. De primeiro não. De primeiro não, sua cama tava aqui, o fogo tava aí, outra cama aqui, outra ali e o fogo acesso. De primeiro era assim.

Hamilton Gonçalves: E nunca pegou fogo? Nunca incendiou a casa?

Zé Canela: Nunca. Finado Cipriano, eu cheguei vê, eu era guri ainda, casa dele pequeninha, bera chão, quase bera chão, casa dele dessa altura, mais ou menos assim, dessa altura mais baixo que isso aqui assim. Uma casinha pequeninha, ele dormindo bem encostado da palha assim, que era só de bacuri, os alumínio ali e o fogão aqui. [...] forrado com palha de bacuri também, o capim e eu não conhecia nada.

Hamilton Gonçalves: Mas ele acendia o fogo pra quê?

Zé Canela: Pra ele dormir mais quente. Naquele tempo era tão difícil colchão, era difícil a pessoa ter, era difícil. O coiso deles era de palha de bacuri, de palha de capim, coro de gato, coro de ...

Zé Canela: É, não tinha jeito de ficar firme, era só de taquara. Ai forrava com um pano, ai por fora [...] se a pessoa era solteiro, era pano branco, se era casado era pano azul.

Eliane: E se era criança, branco também?

?: Branco também. Era dois lençol, só pano branco.

Eliane: E aí fazia alguma reza, alguma oração?

Zé Canela: Fazia reza. Rezava [...]

Eliane: Quem puxava?

Zé Canela: Olha, os rezadores que tinha tudo era outro. Hoje esses novo de agora, nem conhece o que é reza. O pessoal rezava, não conhece mais, muito difícil.

Eliane: E as crianças podiam acompanhar tudo?

Zé Canela: Acompanhava.

Eliane: Não era um espaço proibido?

Zé Canela: Não. Podia acompanhar. A gente rezava bastante assim, parava, ia tomá um chá, depois continuava a reza de novo. Ia até amanhacê. No outro dia ia procurar buraco, o buraco levava quase um mês [...]

Eliane: Hoje nem conta né?

Zé Canela: É. Hoje não. Hoje até o caixão, tá pronto né?

Eliane: verdade. (risos).

(conversa de outra pessoa)

Nedir: É mesmo, a questão da língua, pergunta aí

Hamilton Gonçalves: A questão da língua terena, quem falava? Como era?

Zé Canela: Quem falava?

Zé Canela: É, se tinha, quem falava, se passava [...] como era?

Zé Canela: Olha, nós não sabe nada do idioma, sabe por quê? É por causa do tronco nosso. O meu pai falava o idioma bastante, minha mãe fala o idioma bastante. Nunca ela falou com nós. Nós aprendimo alguma coisinha assim, com os outros, eles não, agora quando chega outro índio assim, ninguém fala idioma.

Eliane: O senhor fala?

Zé Canela: Bem male má. Alguma coisinha assim.

Eliane: Bem male má. E o senhor ensinou pros filhos?

Zé Canela: Eles sabe. Eles sabe mais que eu até.

Eliane: Ah, é. E aprendeu aonde?

Zé Canela: Em volta aqui. Se refere as aldeia de aquidauana e miranda

Eliane: Na comunidade?

Zé Canela: Na comunidade. Eles sabe fala bem o idioma. Referindo-se as pessoas idosas.

Eliane: Eu não sei.

Zé Canela: Não sabe.

ENTREVISTA 2 - FRANCISCA GONÇALVES

FITA 01 – LADO B

Entrevista realizada em julho de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima e

Entrevistado: Francisca Gonçalves, Professor Hamilton Gonçalves e Professora Nedir

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

Francisca Gonçalves: [...] sei que dia fosse da semana, cada fazenda, fazendo fogo ali onde seu Dedé trabalha [...].

Eliane: Santa Fé, na fazenda lá [...].

Francisca Gonçalves: Nós fazia, fazemo lá e o finado não dormia de noite (incompreensível) de medo de matá as vaca, os animal. O outro dia nós viemos, não sei que hora nós viemos, travessemo o [...].

Eliane: O rio, o córrego.

Francisca Gonçalves: É. Dentro do corgo, aí nós viemos pra cá, quando viemo pra cá, virei pro lado, onde o finado René mora.

Eliane: Lá no Brejão?

Francisca Gonçalves: É, lá no Brejão.

Eliane: A senhora parou lá?

Francisca Gonçalves: Paremo parei lá. Não queria parar lá. Voltava lá na porteira lá.

N: Lá no Brejão?

Francisca Gonçalves: É lá no Brejão. Aí finado seu avô veio pra cá, ai veio [...] tinha um camprestezinho bonito ali, tinha lagoa ali [...] ainda pra cima tinha lagoa ali.

Eliane: Pra tomar água?

Francisca Gonçalves: Pra tomá água, aí acostumou, acostumaram ali. Aí pararam.

N: Mas lá no Brejão não tinha [...] não tinha nem um morador lá ainda?

H: Não tinha, tinha vocês já.

Eliane: lá no Brejão? Quem que morava lá?

Francisca Gonçalves: Ai, não sei. Pensa que eu saia pra lá. Eu não saia. Finado Joaquim nós paremo um ano, aí nós voltemo pra casa outra vez, ali no Santa Fé.

Eliane: Quando a senhora chegou aqui na Água Branca só morava, só tinha a senhora?

Francisca Gonçalves: Tinha uma aldeia lá??? Finada Elizena. Num lembro, tinha finado Joaquim, finado Gabriel vô da[...] Célia.

Eliane: E a senhora quando veio pra cá, tudo era mato né?

Francisca Gonçalves: Era tudo, isso aí era. Essa aldeia pra ir pra Nioaque, a pé ainda.

Eliane: E a senhora veio dessa fazenda [...] qual era o nome da fazenda que a senhora veio?

Francisca Gonçalves: Faz muito tempo (Pausa). A fazenda lá em Maracajú chama Fortaleza??

Eliane: Ah, a fazenda chama Fortaleza lá em Maracajú.

Francisca Gonçalves: É lá em Maracajú, esqueci o nome da fazenda lá que nós morava.

Eliane: Mas a senhora nasceu em alguma aldeia?

Francisca Gonçalves: Nasci, nasci.

Eliane: Em qual aldeia a senhora nasceu?

Francisca Gonçalves: Na Aldeia de Chapada.

Eliane: Aldeia de Chapada?

Francisca Gonçalves: É.

Eliane: A senhora lembra onde ficava?

Francisca Gonçalves: Não alembro mais.

Eliane: Não lembra. E a senhora lembra das coisas quando a senhora era pequena?

Francisca Gonçalves: Tava grande já né?

Eliane: E lá da Aldeia da Chapada? A senhora lembra o que a senhora fazia lá na aldeia da Chapada?

Francisca Gonçalves: Ah, a minha mãe trabalhava né? Eu, era tudo pequena ainda né?

Eliane: Era a senhora, meu vô Vicente.

Francisca Gonçalves: É.

Eliane: Tudo pequeno, Tio João [...]

Francisca Gonçalves: Martinho, tudo esse aí tudo miúdo, aí nós mudemo lá pra [...] eu ando esquecida esquecida [...] fazenda do (Pausa) esqueci como chama a fazenda lá [...]

Eliane: Não, mas não tem problema como chama. Eu queria saber o que a senhora lembra, por exemplo, o que mãe a mãe da senhora ensinava, como que era assim. Como ela ensinava? Por exemplo tinha alguma reza, alguma oração, assim [...]

Francisca Gonçalves: Nada, minha mãe não sabia, não sabia [...]

Eliane: Não sabia?

Francisca Gonçalves: Não sabia.

Eliane: E o brinquedo, como era a brincadeira. Do que quê brincava?

Francisca Gonçalves: Do quê? Brinquedo?

Eliane: É. A criança brincava do quê?

Francisca Gonçalves: Do quê? Brincava com o que tinha.

Eliane: É?

Francisca Gonçalves: É.

Eliane: Com o que tinha? De pau, de graveto [...]

Francisca Gonçalves: [...] de boneca [...]

Eliane: [...] boneca fazia em casa?

Francisca Gonçalves: É boneca.

(Pausa)

Nedir: O que a senhora fazia, como que fazia essa boneca

M: Como que fazia boneca. Fazia, não tinha dinheiro pra comprar ou ganhava ou fazia ou inventava [...]

Eliane: Sabugo de milho.

Francisca Gonçalves: Qualquer coisa.

Eliane: Qualquer coisa virava boneca?

Francisca Gonçalves: Virava boneca. Igual essa daqui, igualzinho mesmo. Mas só que junta pano e fazer boneca.

Eliane: Ta certo.

Francisca Gonçalves: Faz uma redinha, embala.

Eliane: Vira boneca?

Francisca Gonçalves: Boneca.

Eliane: E a senhora lembra de como fala terena? A senhora fala terena?

Francisca Gonçalves: Eu falo.

Eliane: Fala terena, e a senhora ensinou os filhos?

Francisca Gonçalves: Meus filhos, não ensinei nada. Nós ficava na fazenda né.

Eliane: Tinha que trabalhar na fazenda, né?

Francisca Gonçalves: Só eu, finado não falava a língua.

Nedir: o que a senhora fala de terena? [...] a língua? Fala ai alguma coisa pra nós.

Francisca Gonçalves: falar, eu já esqueci tudo.

(risos)

Eliane: Esqueceu tudo.

Francisca Gonçalves: Esqueci tudo jeito de falar, da boa tarde unati, noqueê, vê como que ta, é [...] (risos).

Eliane: Pra pedi água.

Francisca Gonçalves: Pra pedi água eiapechanonê.

Eliane: Esse ele já sabe, né? Já repetiu lá, lá ó.

Francisca Gonçalves: É.

Eliane: E como, pra plantar as coisas como a senhora chegou. Tinha que fazê [...] e como que fazia pra plantar.

Francisca Gonçalves: Fazer roça, fazer lavoura.

Eliane: E tocava fogo, como é que era?

Francisca Gonçalves: Tocava, roçava, queimava, pra plantar. No brejo destocava e agora só na máquina.

Eliane: E agora só na máquina. Agora ta mais fácil né?

Francisca Gonçalves: Ta mais fácil. Agora, aquele tempo tudo custoso, só no braço, até eu trabalha na roça, ajudava o finado [...]

Eliane: Roça grande?

M: Não, roça grande. Eu lembro ali, ó [...] roça aí ó, na[...] perto toco ali,era a nossa capoeira ali, até longe, pra cima lá. Todo dia nós ia pra roça. Almoçava, de tarde vinha embora.

Eliane: Quando [...]

Nedir: A comida, assim, a carne. Comprava carne aonde?

Francisca Gonçalves: Ah, finado tinha vaca né [...]

H: Matava e comia [...] então não faltava carne?

Francisca Gonçalves: Não faltava carne. Tinha porco. Quando não matava vaca, tinha porco, matava. Aquele tempo era bom, não faltava nada pra nós.

Eliane: Tinha tudo?

Francisca Gonçalves: Tinha tudo, graças a Deus. Tinha de tudo.

Hamilton: Tinha muita caça?

Francisca Gonçalves: É.

Eliane: Tinha muita caça?

Francisca Gonçalves: Caça? Finado caçava, matava anta, aqui não tinha preguiça de caçá.

Eliane: Aqui tinha anta?

Francisca Gonçalves: Tinha anta. Aqui memo ali [...] pra cima do lavadô do ??? da Aldeia ó, ele matou uma anta ali ó. Uma baita duma anta.

(Pausa)

Eliane: E o que a senhora [...] bom a senhora já falou pra gente de quando a senhora era pequena, a senhora lembra de alguma história que o pessoal contava, que dava medo. Minha fala de uma história do come língua. A senhora lembra dessa história do come língua?

Francisca Gonçalves: Não.

Eliane: Não lembra?

Francisca Gonçalves: humhum.

Eliane: Minha mãe morre de medo. Ela vem pra cá e tem medo do come língua, que a minha vó contava pra ela que aqui tinha um come língua.

Francisca Gonçalves: Come língua?

Eliane: Comia a língua dos bichos?

Francisca Gonçalves: Nunca vi falá do come língua (risos).

Eliane: Nunca ouviu falá? O que a senhora já ouviu falá?

Francisca Gonçalves: Não ouvi falá nada. De come língua não (risos)

Eliane: E de lobisomem?

Francisca Gonçalves: Lobisomem eu ouvi falá (risos)

Eliane: A tia ta morrendo de rir. De lobisomem você já ouviu falar?

Francisca Gonçalves: Ouvi falar. Diz que tropela a gente né.

Eliane: Meu vô diz que via lobisomem né? Não sei.

Francisca Gonçalves: Não sei que jeito é esse tal de lobisomem.

Hamilton: A senhora lembra do Vô Estevo, que ele morou aqui?

Hamilton: Estevo?

Hamilton: É.

Francisca Gonçalves: Lembro bem male má ele.

Hamilton: Diz que ele morou perto da casa da senhora ali ó, o Vô Estevo e a [...] a Vó Ercília.

Eliane: Lembra da Vó Ercília?

Francisca Gonçalves: Vó Ercília. Não, não lembro dela.

Hamilton: Lembra dele só?

Francisca Gonçalves: Lembro.

Nedir: Mas a senhora não sabe onde ele morava aqui?

Francisca Gonçalves: Não, não lembro onde que ele morava.

Eliane: A senhora casou com o tio Leôncio lá nessa fazenda que a senhora falou?

Francisca Gonçalves: Casei na fazenda.

Eliane: Mas lá na fazenda ou na Aldeia que a senhora casou? Como a senhora conheceu ele.

Francisca Gonçalves: Na aldeia.

Eliane: Na aldeia? E casou como assim. Como era o casamento?

Francisca Gonçalves: Do que jeito que é agora. Veio de fora fazê casamento né. Foi lá em Maracajú ainda.

Eliane: Não tinha nenhum [...] fazia uma festa, igual hoje, mata vaca? Tinha alguém na aldeia que fazia algum benzimento, alguma coisa assim?

Francisca Gonçalves: Num tinha.

Eliane: Não tinha pajelança naquela época?

Francisca Gonçalves: A tudo miúdo. Nós era só nós.

Nedir: Não vó. Não tinha alguém que benzia aqui na aldeia? Quando criança ficava doente, levava pra benzê?

Francisca Gonçalves: Levava pra fazenda pra tomá remédio.

Eliane: Mas não dava remédio em casa?

Francisca Gonçalves: Tomava remédio, remédio caseiro ainda.

Eliane: De que remédio a senhora lembra?

Francisca Gonçalves: Não alembro. Que remédio que é?

Eliane: Pra dor de barriga [...]

Francisca Gonçalves: Remédio pra dor de barriga [...] que remédio que é? Esqueci. Que remédio pra dor de barriga que nós tomava lá? De goiaba, esses outros [...]

Eliane: E do quê a senhora sente saudades?

Francisca Gonçalves: Hã?

Eliane: Do quê a senhora sente saudades? O que a senhora tem guardado daqui? O que a senhora tem saudade?

Francisca Gonçalves: Saudade?

Eliane: É. Saudade, a senhora não sente saudade?

Francisca Gonçalves: Tenho saudade do jeito que a gente passava né. Tenho saudade.

Eliane: Aquele tempo era bom?

Francisca Gonçalves: Era bom. Bom mesmo. Não faltava nada pra gente.

Eliane: Tinha muita terra né? Tinha pouca gente ainda?

Francisca Gonçalves: Pouca gente ainda. Agora ta tomado de gente. [...] Agora não tem mais onde a gente plantá. Ta tomado já. Só lá pra cima.

Eliane: Só lá pra cima agora que tem terra?

Francisca Gonçalves: Lá pra cima ainda tem. Tem morador ainda, aqui ta cheio morador já.

(Pausa)

Fim da entrevista

ENTREVISTA 3 - JOÃO BARRIGA

FITA 02 – LADO A

Entrevista realizada em agosto de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima e

Entrevistado: João Barriga, Célia (mãe da entrevistadora), Pedro (pai da entrevistadora) e Dona Antônia (esposa do João Barriga).

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

João Barriga: [...] aí meu pegou eu de agregado numa fazenda, aí o serviço dele era conversado, ele era caprichoso no serviço dele e [...] ele foi pra uma fazenda [...] pra ele [...] o patrão chamo ele, pra trazê ele pra uma fazenda [...] ali nessa fazenda ele trabalhou três anos de agregado. Plantava roça, vendia pra fazenda. Lá ele criava as vaca dele [...] lá ele criava porco, quando ele queria vendê as vez, o patrão comprava, quando ele queria vende a safra da lavoura que ele colhia o patrão comprava [...] ele tirava a parte da casa, tirava as despesas da casa, o resto a fazenda comprava tudo. Tudo. Três anos, aí o patrão via o serviço dele caprichado, aí chamou ele pra trabalhá lá. E, um filho dele tava na fazenda e ele precisava desse filho dele lá na outra fazenda, ele foi e passou a fazenda pro meu pai cuidá. Aí nessa fazenda ele resolvia os problemas tudinho, tudinho. [...] pagava pião, ele resolvia tudo. O dia que ele queria carniá ele carniava um dia, a hora que ele queria. Depois só apresentava o fim do mês pro patrão (incompreensível) teve uma vez aí que ele trabalhou quinze anos, quinze anos e de gerente na fazenda. Ele vendia gado pó patrão. E patrão (incompreensível) pegava o dinheiro e levava lá. Aí eu, meu irmão foi ficando grande, não tinha colégio perto lá da fazenda e foi uma pessoa daqui, dessa área pra lá e conversando com ele lá falou: ô ??Nome vai lá pro Brejão, lá é bom, lá tem colégio, lá tem lugar pra plantar, tem muita gente lá (incompreensível) lá é bom. Aí ele pensou, pensou e falou pra minha mãe que ele ia. E de fato ele veio, veio aqui pro Brejão, viu bem como que era. Chegou lá e foi na fazenda [...] e avisou o patrão, pediu as conta né. Aí o patrão não quis deixar ele vim, não sei o quê, não sei o quê [...] aí acabou ele indo da fazenda pra sede da fazenda, aí ele falou pro patrão, então o senhor resolve por que eu vou sai. Procura outra pessoa porquê eu vou sair (incompreensível) meus filhos não pode ficá desse jeito, igual eu, sem estudo, sem nada. E ele dava conta do recado, como ele dava conta do recado. Como que ele era um homem de confiança daqueles fazendeiro (incompreensível) acabou ele saindo de lá [...] e saiu. O patrão entregou pra ele um lote (incompreensível) e ainda jogou mais umas vaca no lote dele [...] e ele veio embora, veio embora. Chegou aqui no Brejão, aí meus irmãos, nós ficamos vinte dias lá no Brejão. Ele um dia precisava de vim pra Nioaque e ele veio. Ofereceu cavalo, passou por esse trieiro aqui [...] veio lá do Brejão [...] lá do Brejão era só gente de a pé dando essa volta. Volta por cima. Esse

trieiro aqui, nós vinha de a pé muita vezes. Aí ele veio, cortando essa volta de cavalo que ele veio, cortando até que ele veio bem ali [...] dali assim até [...] por que era ali, saída de mata burro tudo era ali [...] e ele voltou e falou pra minha mãe: nós vamos mudar lá pra Água Branca, [...] nós vamos mudar pra lá, lá que é nosso lugar, falou. Aí minha mãe falou mas a estrada? A estrada não tem estrada. Mas nós vamos abrir estrada. Aí já não mexeu mais nada pra lá, tem umas roça plantada por lá, nós tava começando fazê um matero lá, aí parou tudo. Aí nós metemos a foice aí nessa estrada. Foice e machado. Foice e machado. Eu ele e [...]

Eliane: O senhor é de origem de qual Aldeia?

João Barriga: De qual aldeia? Ele nunca foi aldeia, foi aldeado aqui.

Eliane: E nasceram aonde? Na fazenda?

João Barriga: Nascermos no município de Maracajú. Na fazenda, fazenda lá. Você sabe, minha mãe nasceu numa fazenda com nome de mimoso. Aí ela se formou, aí eu nasci nessa fazenda mimoso lá. No município de Maracajú. Naquela época, esse povo antigo, nossa geração, nosso tronco, eles não foram aldeado não. Foram criado trabalhando. O que era de primeiro, os fazendeiro de Chapada, Itaguassu, o Mimoso, ali a [...] paulicéia, Boa Vista tudo tinha índio trabalhando nessas fazendas. Não era só um não, não era só um não. Era cheio casa de índio pelo fundo das fazenda aí, trabalhava tudo. Ia ficando pião da roça, pião de farinha, pião de fazê rapadura. Fazendeiro aquele tempo não era miserável não. Não era miserável, hoje são. Eu falo isso aí, falo porquê eu atravessei por essa parte aí. Eu tenho certeza como que era. O povo de hoje não conhece o passado de (incompreensível) então o pessoal trabalhava com esse povo. Um era domado, olha trabalhava com índios, índio só. Aquela época tinha muito índio.

Eliane: A maioria Terena ou tinha outra etnia?

João Barriga: Terena. Essa região nossa aí de Maracajú é só Terena. Só né. Então o pessoal gostava de trabalhá com índio porque o índio toda vida [...] o índio num, com diz o ditado, não é gavá não, até hoje os índios ta preferível pra trabalhar em qualquer lugar, em qualquer lugar. Tem fazendeiro que tem índio para trabalhar e não quer mais soltá ele não. Não quer soltá mais não. Porque ele dá conta do serviço. Então aí, naquela época, naquela época esse povo, esses meu tronco, pensa que eles tinha fogão, para fazê comida, fazia no meio da cinza aí ó. Pegava umas três pedra, as vezes uma mariquinha, um pauzinho com três pedrinha ali, um arame assim, pendurava a panela ali ó, ou senão uma forquilha dali outra de cá, o fogo não vem, um de lá e outro de cá, enchia a panela de água e a panela ficava ali fervendo.

Eliane: Falava como mãe?

Célia: Mariquinha. É mariquinha né?

Eliane: Mariquinha [...]

Eliane: Mamãe vai ficar chorando agora, enquanto a gente vai lembrando mamãe vai ficar chorando de saudade.

Célia: É verdade, a gente lembra viu.

F: A gente comia uma comida saudável.

Eliane: O que comia na fazenda?

João Barriga: Arroz, feijão, carne.

Eliane: Mas tudo feito ali no quintal [...]

João Barriga: Daquele jeito, tudo crioulo. Aquele tempo não tinha máquina né. Esse negócio de fogão de a gás nasceu agora mesmo. Aquele tempo o povo fazia no braço, não tinha preguiça. Não tinha preguiça não. Ele ia pro mato mesmo e dava conta do recado. Muitos índios velhos aí fazia penca de filho. Fazia escada de filho e ele dava conta. Nunca que os homens velhos [...] o meu pai foi trabalhava doente, é tudo é capricho. Meus filhos, eu sou uma pessoa que criei meus filhos todinho sem trabalha um mês assim de empregado. Eu tenho minha carteira, ta limpinha, não tem nome de nenhum patrão. Não tem, então aquele tempo era desse jeito. [...] Os fazendeiro autorizava os pião a criá o que ele quisesse na área deles, no campo.

Eliane: Mas foi melhor ter ficado na fazenda ou vindo pra aldeia?

João Barriga: Não [...] é que se a gente ficasse lá era, dava o que deu hoje né. Hoje as fazenda chutô todo mundo. Se o patrão [...] o patrão só qué o serviço do homem. E as vezes quando precisa de uma mulher ele quer uma mulher né, sem filho, sem nada. O pião, o patrão quer ele de a pé. Se ele tem cavalo, ele tem que deixar em qualquer parte por ai, tem que de a pé. Por isso que eu falo que hoje os fazendeiro são miseráveis né. Tem fazendeiro rico né, tem fazendeiro rico.

Eliane: O senhor então, o Seu Leôncio ??? que fundou a aldeia Água Branca?

João Barriga: Pêra lá. (risos) quando nós chegamos aqui o avô do Guilherme morava bem aqui embaixo, bem aí.

Célia: Joaquim?

João Barriga: Joaquim.

Célia: Pai dele?

João Barriga: Pai dele. Finado filho dele mais velho, finado compadre Davi, morava naquele arzinho lá ó [...] o Gabriel, finado Gabriel morava lá assim onde mora o Elias. O Elias mora até hoje lá, vamo falá que na casa do pai dele.

Célia: Não saiu daquele lugar.

João Barriga: Não saiu daquele lugar. Na casa dele, naquele local ali ó, e ali ele vive ali. (Pausa) Essa casa foi, com o comando dele que foi aberto, ali nas cópia tem arquivo, tinha um atolador, tinha um atolador ali. Ali nós cortava pau ali.

Eliane: A estrada [...]

João Barriga: Tinha estrada por lá. Tinha estrada por lá, mas era difícil o pessoal passá, com carreta, essas coisas né. E nós passamos por esse carrero por muitos anos. Então nós tinha que faze logo a estrada. E nós arrumava pra isso, fazê compra, praí [...] e aí alguns foi casando. A finada Rebeca, a filha dela já casou, ele veio de lá. O!!, ele casou aqui, ele criou família, a família dele é grande. A finada Rebeca que não evoluiu muito não. Mas ta grandinha já. Eu [...] eu por exemplo, eu casei aqui, casei em 56, em 56. Hoje, quantas casas tem nessa vila aqui, você imagina, tem mais de 8. E aqui só foi aumentando a população [...] Aqui o primeiro colégio que foi feito aqui, foi no comando do.. não consigo lembrá, eu ajudei. Era o Pedro Vitorino que veio dar aula, que veio num galpão de folha, tamanho desse aqui ó. Os banco era taquara [...]

Pausa – pessoas chegando e cumprimentando.

João Barriga: [...] Então daí pra cá as coisas foi evoluindo. Hoje como que ta? As vezes naquela época, de 45 pra cá, de 46 [...] de 45 pra cá como que tá? Ficá pensando lá donde nós morava lá, lá da uma légua né. Lá do Brejão. Não ta tomado de morador aí

Eliane: Como tem casa. Não tem nenhum lugar [...]

João Barriga: Então [...] estrada boa. Bom quando meu pai veio, aí foi feito o colégio. Nós fizemo o colégio, aí o Pedro veio dá aula, pouquinho aluno, mas ele tinha aluno. Meu irmão, minhas irmãs pois tudo lá. Eu não tive tempo de estudá.

Eliane: O senhor não sabe ler nem escrever?

João Barriga: Não sei ler nem escrever.

Eliane: Mas isso não é vergonha nenhuma.

João Barriga: Pra mim não é, por que eu não tenho vergonha de falá com ninguém.

Eliane: De pedir informação [...]

João Barriga: Não tenho vergonha de falá com ninguém não. Eu entro em qualquer lugar [...] eu quando, as vezes eu vou numa reunião o pessoal prefere me ouvi né. Bom, mas depois o colégio, passou um tempo, já tinha um pouco de morador aí. Aí o professor falou seu Leôncio nós podia por um cacique aqui, num tem cacique né, não sei o quê, não tem cacique aqui. Ai já tinha vindo, o seu Miguel já tinha vindo.

(Pausa)

João Barriga: [...] tinha poucas famílias então [...] daí falou vamo fazê uma eleição. Vamo. Quem que nós vamo por de Cacique. O candidato é o João, daí escolhe outro [...] daí falou vamos por o Lorenzo [...] daí falou vamo fazê uma eleição, vamo fazê.) Daí foi votado (risos), ta vendo como que é.

Eliane: E daí quem foi eleito?

João Barriga: Fui eu.

(risos)

Eliane: Ah, então o senhor foi o primeiro Cacique aqui da Água Branca [...]

João Barriga: Fui eu, primeiro Cacique.

Eliane: E o senhor era bem novinho?

João Barriga: É [...]

Eliane: Pra ser Cacique não pode ser muito novo?

João Barriga: É, quer não pode, o certo mesmo não pode.

Eliane: É aconselhável que não?

João Barriga: [...] tinha que trabalhar [...] a gente tem que trabalhá. É muito difícil assim, por que o Cacique não tem que ordenado [...]

Eliane: Tem rebolar [...]

João Barriga: Tem que rebolar duro mesmo. Aquela época o povo comia bucho de vaca misturado com mandioca. O povo comia umas besteira de gado com mandioca, primeiro o pessoal comia cabeça, também do mesmo jeito, do mesmo jeito, com mandioca né. Mandioca, o arroz, a comida é [...]

Eliane: Pipoca [...]

João Barriga: Pipoca [...] comia pipoca. E a gente foi e lutou [...] eu graças a Deus eu criei, tá tudo criado. Quis casar agora [...] eu minha família graças a Deus fui muito bem. [...] Então vocês nem faz idéia.

Célia: Antigamente tinha canjica, a canjica tudo era socado no pilão.

João Barriga: Tudo no Pilão.

Célia: O arroz era socado no pilão. Antigamente era tudo socado no pilão.

João Barriga: Arroz. Eu tenho arroz no ano atrasado ainda. A gurisada não quer socar arroz não.

Eliane: O senhor planta aqui o arroz?

João Barriga: Planto.

Eliane: Ai, pra matá a saudade da Dona Célia. [...] O senhor tem a roça do senhor ainda? Longe ou perto?

João Barriga: Lá no fundo. Lá tem um trecho lá pra planta. Plantar enquanto Deus quer. Enquanto ele está me dando saúde eu estou no serviço.

Eliane: Ta certo.

João Barriga: E se eu tiver que morrer eu vou morrer lá no serviço, no cabo da enxada, na foice, no machado, essas coisas.

Célia: O senhor conheceu o pai do Pedro né.

João Barriga: Conheci, conheci muito.

Célia: Morou aqui também.

João Barriga: Morou. Morou ali ó, bem ali ó.

Antônia: Ele conhece ele. Ele morou aqui.

Eliane: Meu vô. Já faleceu também. Minha vó também. Minha vó faleceu o ano passado né mãe.

João Barriga: Então né. É muita coisa, é muita coisa né. Já pensou. Nós passamo por isso aí [...] era lamparina. Era uma candeia né. Você sabe o que é candeia?

Eliane: É aquela lamparinazinha que a gente pode carregá?

Célia: Você põe graxa num prato, poe num pano e acendia.

João Barriga: É.

Eliane: É gordura?

Célia: É gordura.

Eliane: De qualquer bicho? O senhor caçava muito ou senhor ainda caça?

João Barriga: Eu caço.

Eliane: O senhor ainda caça?

João Barriga: Caço ainda. Carne de caça é o que nós comia. Como aqui tinha caça.

Eliane: Vai ficando pouca né. Vai aumentando muita gente.

João Barriga: Aquele tempo tinha anta, capivara. Capivara ainda tem. Tatu, a gente saia caça tatu nesse mundão aqui ó, eu finado meu pai, saia caça. A gente arriava o cavalo e saia aí ó. Chegava tardão da noite com cinco ou seis tatu. Tatu preto.

Eliane: Esse é o mais gostoso?

João Barriga: Depois limpava. É bom mesmo heim, Deus me livre.

[...] Conversa de outras pessoas sobre tamanduá. (Dona Antônia, para complementar a roda chegou meu pai Pedro, e o Milton do rio).

Célia: [...] lembra do tamanduá? Comeu a carne do tamanduá. Ah, meu Deus, lá vai nós obrigado a comer a carne do Tamanduá. [...]

Pedro: É carne boa. É boa.

Eliane: É gostosa. Nunca comi.

João Barriga: Não. Nós tava na frente da escola né, nós viu o braço assim e falou agora você morre. Mato o bicho. Tirou o coro e [...] eu compadre Eugenio [...]

Antônia: Finada Eulália não tinha preguiça de cozinhar.

Célia: Almerinda, tudo tava nesse dia.

Eliane: Será que ele sabe que ela faleceu?

Célia: Sabe né, nós falamos pra ele.

Eliane: Naquele tempo, assim, pra ensinar criança, como que a gente fazia pra ensinar criança pra criança aprender alguma coisa? Por exemplo, se o senhor queria que o filho do senhor caçasse, plantasse o que o senhor fazia?

João Barriga: Ele ia [...] não tem uma história de berço? Então você leva desde pequeninho. Minhas crianças saiu assim guapo, saiu algum trabalhador, por que quando eu ia pro serviço ele ia comigo, pequeninho.

Eliane: Menino ou menina?

João Barriga: Qualquer um. Com a enxadinha pequeninha, cabinho curtinho, levava já. Ficava matando mato por lá, daqui a pouco já deitava debaixo do pé de mandioca já cochilava, dormia por lá né. Eu saia cedo pro serviço, até eu levava o tira jejum eu ia cedo mesmo. Arrumava meu mate, o dia clareando eu já tava terminando de tomá meu mate e vazava pra minha lavoura, para poder dar conta né. Daqui pouco ela chegava lá, já tinha a enxada dela lá, aí ia carpi, até nove hora.

Eliane: Então, quem cuidava da lavoura não era só o senhor. Era todo mundo da família.

João Barriga: Era todo mundo. Antes quando a gente não dava conta, no período de aula e (não tava não. Se não é pra ir ali, não vai mesmo. Num vai mesmo, tem um serviço, tem uma vassoura, tem que carpi [...])

Eliane: Nunca precisou gritar?

João Barriga: Não, não.

Célia: [...]Mas ela fala grosso. Sim senhora, não senhora. [minha mãe se referindo a criação dos meus filhos]

João Barriga: Ta fazendo o certo então heim.

Eliane: O senhor também faz isso que eu vi o senhor, com a meninas agora, as meninas não falou: vô já to indo, bença pro senhor.

João Barriga: É então [...].

Eliane: Não tem tanta diferença não, eu to vendo, eu cheguei aqui e to vendo bença. Porque ela já veio de lá óh.

João Barriga: Ela fala assim: Vinícius você vem aqui. Ele fala você me chamou? Ai eu falo Vinícius vem aqui. Senhora vó, já to indo. Ela foi criada assim né. Agora ele ta tratando ela assim, mais senhora [...]

Eliane: Tem que conversar.

João Barriga: Quando meu cavalo tava arriado, ele falava assim: ta bom, você vai lá e fala lá pro Lauro assim que nós queremos um rodeio e quando eles pode da um rodeio pra nós. [...] quando eu tava pertinho do cavalo, falava vem cá, onde você vai? Vou lá na fazenda. Qual é fazenda? [...]

João Barriga: Tinha que saber o nome da fazenda?

João Barriga: [...] Na Bocardi. Fazê o que na Bocardi. Vou falá com seu Lauro pra ter um rodeio lá. Antes de eu chegá aqui e falá que ele mandou eu voltá, eu tinha que tira o chapéu da cabeça e por na mão junto com o reio pra mim chegá na fazenda e falá isso [...] e eu era gago, gago, me dava um nervoso, aí que eu não falava direito. Tinha que ser desse jeito. Desse jeito. Às vezes ele deixava eu muntá a cavalo e saí e me chamava né. Quando eu ia chegando ali oh, faz de conta que você já chegou lá na fazenda. [...] É hoje, aí que a prosa não saia.

Eliane: Tinha que fazer de conta que ele era o seu Lauro?

João Barriga: Tinha que fazer de conta que era o seu Lauro e tinha que falar daquele jeito que ele falou pra mim.

Eliane: Então ele ensinava fazendo o senhor a fazer?

João Barriga: A Fazer.

Eliane: Igualzinho o senhor tem que fazer lá na fazenda?

João Barriga: Igualzinho pra não erra. Pra não errar mesmo, por isso que eu falo, a gente [...] eu não tenho vergonha de erra, não tenho vergonha de ir na fazenda, porque tem muitas pessoas estruturada aí, fazendo discurso ai que perde longe pra mim. Eu já falei, na época que era cacique eu saia fazê reunião com os Cacique, fazê reunião, então [...] e não ficava e o pessoal gostava de me ouvir, então por isso que a gente tem que ser o que Deus quer que a gente seja. Observa, chega numa reunião você vê que as vezes a pessoa passa a palavra pra uma pessoa e as vezes ele não tem palavra pra falá. Fala duas três palavras, passa pra outro né. Não é desse jeito?

Eliane: Verdade.

João Barriga: Aí então o negócio era sério, era bom. O negócio era bom, foi bom pra mim e ta sendo bom pra mim até agora. Desde da minha juventude ta sendo bom pra mim até agora, porque o povo me entende eu me considero tudo irmão [...]

Eliane: Tudo é patrício?

Conversas de outra pessoa. [...] chegando mais pessoas na roda

João Barriga: O tempo da roça, né. Nós fazia roça, nós não tinha [...] não tinha sacaria, tinha tuia pra guardá o arroz.

Eliane: O que que é tuia?

João Barriga: Tuia é uma caixa de madeira. É uma caixa de madeira, as vezes fazia ela no chão, as vezes fazia ela no alto.

Eliane: E faz com que, com madeira?

João Barriga: com madeira.

Eliane: Pega pau, corta árvore [...]

João Barriga: Pega, corta e vai pregando, pregando. Depois de tudo pregadinho [...] de primeiro o forro dela ela de esterco de gado. Barreado tudo em roda, por dentro e por fora.

Eliane: Mas como que fazia pra grudá?

João Barriga: Fazia um barro daquilo lá né, molhava e fazia um barro meio grosso daquilo ali [...]

Eliane: Misturava com terra?

João Barriga: Não [...] tranqüilo. Pra guardá um feijão, matava um porco, às vezes fazia turrão. Não tinha sacaria, era difícil. Guardava, passava um ano pro outro aquilo ali.

Eliane: Não estragava?

João Barriga: Não estragava. Hoje, colhia arroz de cachinho, era pouco, colhia de cachinho, punha secá, pisava nele, pisava ou amassava com purungo assim. Batendo, batendo pra dibuiá. Dibuiá tudo, punha no sol secá, no terreiro também com esterco de gado. Fazia aquela latada de esterco de gado e jogava no chão ai oh, metia a vassoura por tudo ai, tinha um terrerão grande ai.

Eliane: Pra abri a mata, pra abri assim pra gente fazer a roça abria na enxada ou fazia queimada?

João Barriga: Hoje [...] era pau e machado, tinha que vende o machado depois. Desgalhá ai esperá uns vinte cinco a trinta dias pra mete o fogo. Pra planta, planta o milho, plantava o milho paraqua.

Eliane: Paraquá. O que é paraquá?

Pedro: Paraquá é um pau, é um ponto aqui, põe no chão ali oh, joga a semente ali e tampa. O arroz, o feijão, eles plantava de enxada, um ia covando na frente e o outro ia plantando, plantando. Tinha umas três, quatro pessoas.

Eliane: E o fogo, o fogo usava só pra [...]

João Barriga: Só pra queimá aquela roça.

Eliane: Só pra queimá aquela roça, um pedacinho.

João Barriga: Só pra queimá aquela roça, as vezes ele escapava e fazia sucesso [...] se o acero fosse meio verde e estreito e o vento na hora [...] porque o vento chama, o fogo chama vento né. Pode num ta ventando não, mas se por fogo ai oh, o fogo levanto a lavareda Pode ver que vem um vento pra sopra ele. Tem perigo. Tem que capricha no acero pro fogo não sai do outro lado.

Eliane: O que que é acero?

João Barriga: Acero é limpa bem. Marca as roças pra queimá.

Eliane: Tem que marcar bem o lugar onde vai pegar o fogo?

Pedro: Bem mesmo. Bem limpinho pra não passa pro outro lado da roça, do mato.

Eliane: Mas no caso assim, o senhor, tem o fogo pra cozinha, por exemplo, naquela época, tinha alguém aqui na aldeia que fazia alguma oração, benzeção?

João Barriga: Tinha. Tinha. A pessoa ficava doente ele corria num benzedô. Tinha mato ai que o benzedor ia buscar. Buscava e cozinhava aquele mato e dava pro paciente e daqui um pouco ele tava bem.

Eliane: Mas ninguém nunca chamou ele de pajé ou outra coisa? Sempre benzedô?

João Barriga: Não ele [...] chamava ele pelo nome.

Eliane: Mas entre os Terena, em Lalima, de onde a senhora veio tem muito uma questão de tradição, que o pessoal fala das classes dos terena [...]

Antônia: Pajé.

Eliane: A senhora lembra que tem a pajelança. Aqui não tinha.

Antônia: Não. [...] Aqui tinha, pelo menos não pude descobrir o que ele era, diz que ele fazia trabalho, mas ele [...]

Eliane: Ai quando a pessoa ficava doente corria nele ou ia em outro?

João Barriga: Corria nele, senão ia em outro né.

Eliane: Aí dava um chá [...]

João Barriga: Dava um chá, ou arrumava uma raiz lá do mato [...]

Célia: Mas isso antes da pessoa ter tomado muita coisa em casa?

João Barriga: Não, as vezes [...] quanto isso aí, quando a pessoa já sentia meio incomodada já chamava já o curandor né. [...] O pai dela era curandor, ele era curandeiro [...] ele tinha mais de cem semente e ele fazia só um sementizinha. O dia que ele tava meio [...] a gente escutava assobiá naquela cuia ali [...]

Eliane: Eu heim, dá medo.

João Barriga: Escutava urro de onça. [...] Passarinho, não sei como chama [...]

Eliane: Rasga mortalha?

João Barriga: Caburé.

Eliane: Caburé. Ele fazia o canto do caburé no chocalho? [...] e o que assim, o senhor escutou bastante história quando chegou aqui, aquela lendas antigas que o pessoal contava?

João Barriga: O que nós escutamos quando nós chegamos aqui, foi duma febre que deu, lá no Brejão, tinha pouco gente naquela época que nós chegamo, porque o povo tinha morrido, morreu quase tudo o pessoal da aldeia por causa de febre amarela.

Eliane: Febre amarela.

João Barriga: Pessoal contava, então naquela época, por causa da mortandade que deu de febre amarela, que enterrava dois três por dia. [...] esse passado aí foi peste, foi peste. Então tem muita gente que mudou daqui pra outras aldeias né. [...] Isso foi o que nós escutamos por aqui.

Eliane: As lenda do lobisomem?

João Barriga: Não. Isso a gente ouvia falá, esse nome lobisomem, eu to com a minha idade e nunca vi um lobisomem. Tem hora que eu não quero acredito e tem hora que o povo fala que dá medo. Eu nunca vi, pode até ser [...], pessoal conta que pessoa doente, doente, bem desacorçoado que tá, andando devagar, comendo pouco, ta magro, o pessoal fala que essas pessoas virava lobisomem.

Eliane: Chamava de amarelo?

Célia: É essas pessoas que virava lobisomem. Eu nunca vi e não pretendo ver não.

(risos)

Eliane: Mas o senhor não se descuida pra sair por ai de noite?

João Barriga: Eu confio no meu Deus. Graças a Deus. Igual, não adianta eu sai prevenido (confuso / muitas vozes) [...] essas terra ai eu atravessei mais de uma vez de cavalo ai, o trieiro de passá cavalo era pra cima da rodovia aqui. Ali que era o lugar de passar carreta, passava la em cima da [...] dessa região aqui lá pra Chapada eu jantava lá na fazenda e vinha de jejum aqui na casa do meu pai. Só eu e Deus. Nunca eu me preocupei, nunca, graças a Deus, nada. Eu atravessava de noite mesmo. A noite inteira viajando a cavalo, sozinho. Eu não que mistério, eu não sei.

Eliane: O senhor nunca viu essas histórias?

João Barriga: Nunca vi, nunca vi.

Eliane: Pessoal que conta pra gente.

João Barriga: Pessoal conta.

Célia: Aquele come língua que tinha.

João Barriga: Então, tinha, você não tava mais aqui quando o come língua matou um touro bem ali [...]

Célia: Tava, a gente morou ali perto do tio. Eu lembro sim.

Eliane: E o que era o come língua?

João Barriga: Quem que sabe? O touro tava berrando lá, berrando, berrando, dando coice, dando coice. O touro era do posto. Ai meu pai mandou eu lá no posto avisar o chefe [...] o que que tem lá? E pra levantá o touro, pra levantá o touro [...] aí nós fomos lá ver. Quando fui olhar tava saindo sangue da boca, não tinha língua.

Eliane: Mas foi a única vez que ele atacou?

João Barriga: Foi, aqui foi. Louco eu já vi aqui também. Um gado louco. Vi um boi, esse ficou feio heim? De certo, o pessoal fala que ele fica cego né. E de certo mesmo, ele não andava. Ele berrava, berrava e metia o chifre no chão. Se jogava no chão e berrava, berrava levantava a cabeça e olhava pra cima. Os olhos bem arregalado mesmo. Cheguei de cavalo perto dele assim ai ele num me enxergou por que eu cheguei dum lado e ele num me atendeu. Ai eu fui avisar o dono do boi e quando ele foi ver o boi tava morto. Outro foi um cavalo, um cavalo passou, nós morava aqui, tinha uma portierinha aí, a casa era bem pertinho, tinha um corredor [...] o cavalo ficou duro, do jeito que ele entrou na porteira, do jeito que ele entrou na porteira ele passou correndo entre as duas casa e passou correndo lá Brejão. Ele passou pra cima lá, ai o pessoal conta que ele morreu, acharam ele morto lá. Ficou bem reganhado. Esse aí eu vi, eu vi.

Eliane: E o rasga mortalha? Ele faz alguma coisa?

João Barriga: O que é isso aí.

Eliane: É aquele bicho que canta.

João Barriga: Ah, sim. Aquele ali a gente ouve muito falar o bicho do padre [...]

Eliane: A mamãe fazia uma [...]

João Barriga: [...] é o que eu to falando, tem gente velho que aprendeu de berço as coisas do pai. Tem gente velho que aprendeu de berço.

Célia: [...] Quando ele gritava era gente que tinha morrido.

João Barriga: Tinha morrido, ou ia ficar doente alguém. Eu viajava de noite e [...] passava por cima da gente e eu não tava nem ai não.

[...]

Fim da fita

ENTREVISTA 4 - ASTROGILDA MARQUES

FITA 02 – LADO B

Entrevista realizada em agosto de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima e

Entrevistado: Astrogilda Marques, Célia Gonçalves (mãe da entrevistadora)

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

Eliane: A mãe da senhora era parteira?

Astrogilda Marques: É, que era parteira das mulheres. Vinha gente de fora que tava lá [...] tinha que tomá cuidado pra levar [...]

Eliane: Mas daí tinha que levar nas casas da parteira?

Astrogilda Marques: Na casa, não tinha médico.

Eliane: E aí, como que fazia? Como que a mãe da senhora fazia?

Astrogilda Marques: Ela só ajudava ela.

Eliane: Mas a senhora já assistiu algum parto que a mãe da senhora fez?

Astrogilda Marques: Hã?

Eliane: A senhora já assistiu um parto que a mãe da senhora fez?

Astrogilda Marques: É [...] o parto?

Eliane: Isso. A senhora já assistiu algum parto que a mãe da senhora fez?

Astrogilda Marques: [...] não existia médico, não existia enfermeiro, não existia professor, essas coisas não tinha. Nosso remédio era a folha do mato, quando nós ficava com febre, dava pra nós tomar folha do mato, raiz .

Eliane: Quando fazia o parto, é fazia alguma oração?

Astrogilda Marques: Ela [...] não sei como ela fazia pra batizar os outros. Porque não tinha [...] antes dela era minha vó.

Eliane: Ah, era a vó da senhora?

Astrogilda Marques: É minha vó. Ela passou pra ela. Eu conheci minha vó até os [...] daí ela morreu.

Eliane: Certo, aí quando a mãe da senhora tava lá ajudando a mulher a ter nenê, ela tinha alguma erva, o que ela usava lá na hora?

Astrogilda Marques: Ela sabia, explicava as coisas. Gostava de conversar com os outros.

Eliane: E ela usava o que lá pra fazer o parto?

Astrogilda Marques: O parto?

Eliane: Isso.

Astrogilda Marques: Não usava nada. Só tinha oração de nossa senhora do bom parto e [...]

Eliane: Ah! Ela fazia uma oração?

Astrogilda Marques: Uma oração.

Eliane: E como que fazia na hora, por exemplo, pra cortar o umbigo, pra limpar o nenê?

Astrogilda Marques: É que é mulher tem que ser de coragem né, para ajudar. As vezes ela pode fraquejar [confuso]mas a parteira não deixa, fala pra ela que tem que ser [...] mulher forte, essa era a mulher do meu tio.

Eliane: Coitada dela heim? Mas e aí quando nascia ela pegava uma bacia de água, tinha água lá no quarto, pano?

Astrogilda Marques: Tinha um banho quente. Ela mesmo que cortava o umbigo.

Eliane: Com o quê?

Astrogilda Marques: Com tesoura.

Eliane: Como ela fazia pra estancá o sangue?

Astrogilda Marques: Do umbigo?

Eliane: É.

Astrogilda Marques: Isso aí eu nunca assisti. [...] tinha outra parteira também. Ela socava o umbigo primeiro, ai ela media três dedos, ela amarrava aqui e deixava esse tanto assim, daí o umbigo ela amarrava e cortava. Tem uns que corta bem aqui na raiz né, amarra e corta bem na pontinha. E ai quando o umbigo vai secando pra cá, não cá direito. O umbigo se corta muito curtinho não fica bem não. Tem que deixar um bom tamanho [...]

Eliane: Ai a mulher curava o nenê e ia pra casa a cavalo?

Astrogilda Marques: Hã?

Eliane: Depois que curava o nenê?

Astrogilda Marques: Depois que curava o nenê. Aí ela ia [...] de primeiro quando nascia a criança, ali limpava ela tudo, ai colocava ela na cama ai ela ia atendê o nenê, corta o umbigo, dá banho. Fazê a cura. Não sei como...Ela curava com azeite. Ela amornava, amornava e ponhava no pé do umbigo.

Eliane: Só azeite?

Astrogilda Marques: Daí ela pegava folha de mamona, folha de santa Maria. Ela pegava e torrava bem Santa Maria e fazia o pó bem fininho pra por no umbigo da criança. Aí colocava faixa. Ela tinha faixa, aqueles tempos. Agora as crianças, essas mulheres nem sabe usar a faixa. Usa só uns dias, uns meses, já joga.

Eliane: Quanto tempo tem que usar a faixa?

Astrogilda Marques: Seis meses que ela usava. Enquanto o pano tá aparando a barriga da criança. Quando sarava ela tirava.

Eliane: E o que fazia com o toquinho do umbigo que caia?

Astrogilda Marques: Como?

Eliane: Aquele toco do umbigo que caia, o que ela fazia? [...] Tem o umbigo, ai fica aquela pelinha, o que ela fazia com aquilo?

Astrogilda Marques: Como toquinho do umbigo [...] Quando ela botava o umbigo, ponhava tudo ali junto com a mãe [...] antes dela corta umbigo da criança. Ela amarrava o umbigo e cortava.

Eliane: Isso. Depois que a criança vinha pra casa, botava faixa e caia o umbigo. Aí o toquinho do umbigo?

Astrogilda Marques: Aí ela curava isso daí e colocava a faixa.

Eliane: Isso. E daí quando caia isso daqui, do umbigo da criança?

Célia Gonçalves: **Que que a senhora fazia quando caia o toquinho daquele umbigo?**

Astrogilda Marques: Do umbigo? Guardava.

Célia Gonçalves: **Pra quê? Pra fazê remédio?**

Astrogilda Marques: Antigo já sabe como que é. Muitos falavam que diz que era bom colocá, ponha, faz uma bolsinha e coloca no pescoço da criança pra evitar doença, para tudo. Tudo isso [...]

Eliane: Tinha mais coisa com umbigo? Podia enterrá o umbigo?

Astrogilda Marques: O umbigo quando caia da criança era enterrado.

Eliane: Pra quê?

Astrogilda Marques: Pra guarda, pra não jogar fora. Pra enterrá, pra ficar guardado.

Eliane: Onde, em que lugar?

Astrogilda Marques: É, enterrá no pé do esteio da casa. Aí se queria demorar pra ter outro filho, enterrava longe [...] enterrava longe da criança pra demorar ter outro filho. Enterrava em alguma arvore que dá fruto para não sai de perto da família.

Eliane: Ah é, pra demorar ter outro filho? Naquele tempo não tinha remédio? Como que fazia se não tinha remédio?

Astrogilda Marques: Remédio?

Eliane: Não tinha remédio pra evitar filho?

Astrogilda Marques: Ah! Era remédio de raiz.

Eliane: O que tomava?

Astrogilda Marques: Remédio de raiz, que eles chamam Fedegoso, erva de Santa Maria, ai pegava as folhinhas e fervia, fazia chá e tomava. Aquele tempo ninguém sabia nada. Muito difícil comprar remédio.

Eliane: Remédio de farmácia?

Astrogilda Marques: Não tinha farmácia.

Eliane: Deixa eu perguntar uma coisa pra senhora. A senhora é [...] a senhora benzia?

Astrogilda Marques: Benzo.

Eliane: Benzê?

Astrogilda Marques: Ah sim, só criancinha pequena.

Eliane: Com quem a senhora aprendeu a benzê?

Astrogilda Marques: Com benzedor da aldeia..

Eliane: A senhora benze de que? Com que e o quê?

Astrogilda Marques: A plantinha pra quebrante, molhado.

Eliane: E o que a senhora usa para benzê?

Astrogilda Marques: Folha do mato. Folha de arruda.

Eliane: Minha vó benzia. Só que ela já morreu.

Astrogilda Marques: Como que chamava?

Eliane: Ercília.

Astrogilda Marques: Ercília, hããã.

Eliane: E vem muita gente aqui pra benzê com a senhora?

Astrogilda Marques: Ah, só criancinha pequena.

Eliane: Mas vem bastante?

Astrogilda Marques: Num tem muito não. Vem algum vem. Um só [...] não é bastante que vem não.

Eliane: E a senhora é de alguma igreja?

Astrogilda Marques: Igreja?

Eliane: A senhora participa de alguma igreja?

Astrogilda Marques: Só aqui na igreja evangélica. Eu era católica, nós rezava [...] a religião que a minha mãe pegou, a religião católica, rezar de joelho. [...] trouxe duas turma, ai saia a primeira turma e entrava outra. Ai ficava noite inteira rezando. Da católica.

Eliane: E o Pastor da senhora briga se a senhora benze?

Astrogilda Marques: Ele fica bravo, ele fala que o diabo também cura.

Eliane: E a senhora acredita nele?

Astrogilda Marques: Ele não sabe nada. Ele não entende nada. Ele é muito mais criança que eu. Lá a gente fazia festa de São João Batista, fazia fogueira de São João que o meu tio fazia [...] nós fazia fogueira e nós passava por cima da brasa.

Eliane: Nunca queimou o pé?

Astrogilda Marques: Não queima. Ficava preto e apagava. Trazia pano pra passar [...] eu ia e voltava na Brasa.

Eliane: Nunca queimou o pé?

Astrogilda Marques: Nunca. As vezes veio um homem lá de uma fazenda dessas, e a festa [...] quando deu a hora de passar a brasa [...] longe o corgo, sabe quando dá aqui quase na Aldeianha, na escolinha que era o corgo. Levaram São João de madrugada e daí chegaram pra limpar a brasa que [...] [confuso]

Eliane: A senhora foi em muita festa aqui na Aldeia?

Astrogilda Marques: Fui.

Eliane: Tinha festa de que santo aqui?

Astrogilda Marques: Agora quando nós chegemos por aqui não tinha mais. Largaram, meu tio largo por causa que queriam prender ele. Daí então o chefe, o capitão trocou de capitão. E o capitão começou a fazer festa até meia noite.

Eliane: Que capitão que era esse? A senhora lembra o nome dele?

Astrogilda Marques: Chamava Antonio Meca. Aquele tempo que primeiro religião era meu pai e meu tio e minha mãe, primeira religião que nós tivemos. Primeira religião que eles fizeram [...] ele morava bem ali atrás daquele [...] ai eles criaram, procuram, homem que ensinava religião, dava oração para todos aí nós ficaram uma semana lá parado pra oração, aprende religião.

Eliane: Esse homem era um padre?

Astrogilda Marques: Não era padre não. [...] ele não falava, ele só fazia reza. Esse que tava dando religião pra todos [...] ele curava doente.

ENTREVISTA 5 - PROFESSORES DA ALDEIA BREJÃO/NIOAQUE - MS

FITA 03 – LADO A/B

Entrevista realizada em dezembro de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima e

Entrevistado: Professores: Crispim do Carmo Miranda, Lucinei Cotócio, Valdelirio Marques, Hamilton Gonçalves e Nedir Marques

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

Lado A

Eliane: Pode ficar a vontade agora. Quem quer começar? Crispim, o senhor começou a dar aula em 1967?

Crispim: Comecei em 67 e antes quando eu, na minha época de aluno né, na minha época era tradicional.. Eu comecei a estudar em 64, em 68 eu tirei a mais, ai tive que sair pra estudá fora, na cidade. Daí começou as dificuldades pra sair, pra ir a pé da ir, de começo ia de lote né? Mas daí começava a desistir e acabava ficando sozinho, chegava tarde, era noite, por falta de condições de ir e voltar. Aí depois de lá pra cá quando eu comecei a trabalhar em 77, através de curso, de vestibular, a gente já viu que não era daquele método tradicional assim que, que continuava. No começo eu comecei no método tradicional em 77, 78. Ai eu, já trabalhando né? Seguia ainda aquele método tradicional né? Mas não como dá castigo, assim não. Aquele método de só livro, quadro e através desses cursos a gente vê que não é só livro, giz e quadro que a gente usa. Tem outros métodos que a gente usa pra educar, pra exercer, aí a gente foi pegando o outros meios pra conduzir, para desenvolver o trabalho melhor [...] Porque quando a gente ouvia os discursos os ministrantes falava assim: “_ Num quer aquele método tradicional, aquele já foi já, vamos ver [...] e de lá pra cá a gente, quer dizer, demorou uns três anos ainda pra mim pegá aquele ritmo né? O pessoal que fizeram pedagogia também pode dar uma reforçada que esse novo método ajudou bastante né? Que a gente diversifica a atividade da gente [...] e não é tão fácil. Quando eu comecei foi assim.

Eliane: Quem que dava aula aqui?

Crispim: Era o Seu Pedro ?

Eliane: Mas ele era daqui da aldeia?

Crispim: Daqui da aldeia. Inclusive na escola que nós tivemos a primeira vez foi escola assim, uma escola feito por ele mesmo, de madeira, feita de barro, uma escola bem difícil mesmo. E naquela época, nós também apelamos pro lado do meu pai também, eles eram rígido, não podia faltar aula. Eu, pra falar a verdade no começo eu sofri muito, pra conseguir o primeiro grau. Não deixava passar nada. Tinha tarefa pra fazer e assim foi e hoje eu fiz [...] comecei meu segundo ano em 67, como eu já falei, através dessa metodologia diferente,

através de estágio tudo, estar acompanhando esse novo método né? Só que, eu vejo assim, nesse novo método, que tem muito professor que é pedagogo, por exemplo, e só leva mais na parte prática, brincadeira, esse negócio assim. Isso eu não achei vantagem na turma que veio pra mim, sabe? Esse ano eu trabalhei com quinto ano, então eu vi que a turma do quinto ano queria mais brincar, só queria mais desenhar, sabe? E eu já querendo juntar as duas coisas, mas eles pegaram mais para esse lado. Talvez até porque o professor anterior era mais assim, foram mais pro lado, tipo, artística, desenho, assim é brincar fora da sala. Só que, pegaram mais pra aquele lado, não pegaram a parte teórica assim sabe? Tanto que eu a pouca diferença que eu vi em partes.

Eliane: Quando você fala da diferença de antigamente, hoje o senhor acha que a vantagem, as brincadeiras, até uma certa idade é válida? Depois já nem tanto.

Crispim: É. Depois [...]

Eliane: [...] O quinto ano, por exemplo?

Crispim: É. Já tá preparando uma série pra enfrentar o ginásio, no caso, vai ter pressioná eles mais. Até no quinto ano eles queria mais é, só brincar e sabe, não sabe o que faz, eu acho que não pode ocupar o tempo só com brincadeira, tem que varia. Então, isso que a gente tá. Tanto é que, hoje nós encontramos alunos que, aprende mais a ler e escrever, mas na hora de desenvolver a leitura tem uma dificuldade muito grande, é devido a essa parte do professor puxar mais para um lado das brincadeiras e não tá preocupado em fazer aprender né? Essa dificuldade [...] nós temos aí, pelo menos no quarto, quinto ano. Nós já cobramos isso daí.

Eliane: Todos alunos de vocês existe um grau de parentesco né, todos eles. E assim, quando vocês se relacionam com eles, assim nessa relação, porque não tem como se dispor: “_ Olha, agora sou professor”. Ai eu tirei o pé pra fora da sala de aula e “_ Agora eu sou tio, sou primo, sou pai”. Como é que fica essa questão?

Valdelirio: Bom, primeiro meus alunos, que foram meus alunos, eu não tive interferência por ser tio, até mesmo pai, fui até mesmo professor do meu filho mesmo, e eles consideravam a gente como professor mesmo, quando entrava na sala de aula, considerava como professor. Tanto é que chama a gente de professor. Deixa o nome pai pra falar professor, então não há diferença entre [...]

Eliane: Mas precisa uma fala pra isso?

Valdelirio: Não. Automaticamente. Automaticamente.

Hamilton: Tem pessoa só assim né? Demora um pouquinho mais pra se soltar. Comigo aconteceu. Com o filho, quando o pai tá na frente ele demora um pouquinho mais pra se soltar, ele se solta, como aluno, mas demora um pouquinho mais. Tem assim, essa dificuldade de

chegar e em casa tem a cobrança né? Você fez isso na escola, eu vi. Então tem todo esse detalhe, mas ele demora um pouquinho, mas depois que começa, ele fica normal.

Lucinei: Eu dou aula pro meu sobrinho né? E ele, praticamente, ele na hora da aula, em momento nenhum ele fala “oh tio”. Ele fala professor. Então, e sempre tem o comportamento dele lá em casa ou na rua, mas na sala ele fala professor.

Hamilton: O que eu quero dizer é assim, é que pelo fato de ser tio ou ser pai, ela a não vai se soltar tão fácil, ela não se solta assim como aluno rapidão, ela demora um pouquinho pra assimilar a idéia. Não é como um aluno que [...] mesmo sendo sobrinho, já foi seu aluno no ano passado, mesmo sendo sobrinho, ai nesse ano ele já entra na sala, ele automaticamente fala professor, ele já sabe como se comportar, já sabe o que você quer, já sabe algumas manias sua, então ele já sabe. Agora quando é seu filho, se a primeira vez que ele está na sala com você que é você, no primeiro momento ele vai analisar você pra ver como você vai se comportar como pai ou como professor, pra depois ele ir se soltando, isto que estou querendo dizer. Então, muitas vezes o sobrinho ele até, muitas vezes se solta mais rápido, agora o filho dá um tempo, ele vai avaliar a situação primeiro pra depois ele se soltar. Também no que você fala tem tomar cuidado.

Eliane: Mas assim, qual é a relação que vocês estabelecem com as crianças. Como vocês orientam, dão ordem, como que vocês fazem a rotina de vocês de sala de aula? Porque a escola já tem toda uma organização de calendário, de horário de intervalo, de horário de lanche, e vocês dentro da sala de vocês tem a organização de vocês e então do professor né? Então, vocês estabelecem também uma relação com as crianças, cada turma, a gente costuma dizer assim né, cada turma é uma turma, uma turma você, idêntica, fala ah essa turma desse ano, não sei não nè? Sempre a gente compara uma turma que chegou agora como uma anterior que a gente teve. Mas vocês tem uma relação com as crianças, porque essas crianças estão no convívio de vocês em todos os lugares, onde vocês forem, vocês podem encontrar um aluno de vocês, no caso, diferente de um professor da cidade, em que a relação dele acontece só dentro da escola, então encontrou no supermercado ele ta no papel de professor, e ai tudo bem? Vocês fazem papel duplo, hora de tio, hora de pai né? Como que vocês se relacionam, como vocês estabelecem essas relações com as crianças, como que vocês colocam, por exemplo, a ordem da sala, como que vocês organizam isso, como que vocês [...] intervalo, como que fica a rotina de vocês da sala?

Crispim: Eu no meu caso, durante o tempo que trabalho, graças a Deus, eu sempre tive uma turma que eu gostei e também vice-versa, sempre gostaram da gente, pelo [...] sei lá, pelo jeito, pelo método que você usa, dentro de sala, fora de sala, tem também a turminha do

horário, eu não quero me gabá, mas tem [...] quando eu entro em sala de aula, parece que, o Hamilton é prova disso, quando nós trabalhamos junto no ginásio né? A turma dele e minha turma, quando entrava assim, também não desfazendo dos colegas, ai a gente via barulho na sala de aula, ai quando nós entrava na sala, eu pelo menos entrava, aquilo parece que prestava atenção mais na gente, de certo a cara da gente dá uma outra visão pra eles, que fica meio amedrontado, de certo né, mas graças a Deus, a turma que eu peguei até hoje, sempre foi maravilhosa, porque a gente impõe dentro de sala de aula assim né, hora de brincadeira é hora de brincadeira, que no período da aula também tem que dá uma [...] fazer uma dinâmica com ele, ai hora que for pegar pra escrever ou fazer uma leitura ali [...]

Hamilton: [...] O nono ano em parte, é disciplina né? É matéria disciplinada, agora em relação nossa com os alunos sempre foram boas, tanto é que, quando o pessoal da secretaria vem ai, ou outra pessoa, acham totalmente diferente a relação dos alunos com nós de como dos outros alunos lá da cidade. A nossa escola, os nossos alunos ai, sei lá, eles chegam elogiando mesmo o trabalho nosso, a relação dos alunos com nós. Tem aquele respeito, quando o pessoal chega na sala de aula, os alunos se levantam pra receber, tudo isso ai [...] porque o pessoal tem que respeitar mesmo, não tem dificuldade de relação.

Lucinei: Essa é uma questão de educação, de berço[...] passaram o ano inteiro fazendo reforma, o pessoal mesmo que trabalha aqui fazendo reforma, trabalha de servente, de pedreiro, essas coisas, eles sabem que o sistema é diferente, porque eles trabalham em várias outras escolas ai. Aqui a porta já era colocada, pediu pra colocar no inicio do ano, ta até lá, ta até agora. Em outras escolas, em assentamentos, até mesmo na cidade, colocava ontem, quando era amanhã já não tava mais lá. A questão do material, de largar o material, o trabalho ficava todo exposto, a escola ficava tudo aberto e [...] largava uma caixinha de piso lá, se fosse num assentamento, eles falaram que tiveram que comprar várias vezes o mesmo material, porque largava lá e quando chegava no outro dia, de dez caixinha tinha duas, três. Aqui largava ai, nunca foi mexido.

Crispim: Não querendo discriminar o aluno não índio com o aluno índio né? Mas assim, uma forma de educação a partir da casa né? Que particularmente cumpre, tem esse direito, todos se casam né? Eu acredito que com o passar do tempo, com o passar dos dias o aluno ele pega isso também. E isso é na própria sala de aula, com os colegas, com o professor e partir do momento que eles casam eles se viram. É claro, eu particularmente, eu nunca dei aula numa sala na cidade, mais pelo o que os colegas me disseram é totalmente diferente deles. Questão assim oh, aqui eles tem o professor no céu, aqui tem aluno que me respeita. Na cidade não,

você olhou feio pra um aluno, pode esperar. No ginásio, dependendo dos alunos, pode até xingar, bater] e aqui, graças a Deus não [...].

Valdelirio: Eu tenho algum, faz quatro cinco anos que eu trabalho aqui, eu trabalhei na cidade,, eu fui chamar atenção de um aluno, o aluno tava chupando jaca, ficava podre lá dentro, ficava podre. E aqui nós não temos essas coisas, você fala alguma coisa eles obedece a gente. Na cidade não. Totalmente diferente deles. Aqui é outra coisa, totalmente diferente da realidade deles lá na cidade.

Eliane: Você acha que é porquê?

Valdelirio: Eu acho assim que é influência também né? Nós moramos na aldeia, nós estamos longe de várias coisas. Hoje ta solto na cidade, drogas, bebidas, alcoolismo, várias coisas que acontece ai, que nossos alunos. Nossos filhos tem outra vivência, vem trabalhando muito isso ai a bastante tempo. Na escola, outros grupos por ai, então acaba melhorando mais a nossa relação.

Eliane: Bom, são duas questões mais ou menos parecidas né? Mas elas são diferentes. O fato de você ser professor indígena, ou que de 1967 pra cá, como fez o Seu Pedro, vocês não falaram muito da mudanças de vocês. Como vocês viram elas. Mas assim, que de fato, por exemplo, nessa relação de professor e aluno mudou, como o senhor falou, mudou, existe uma certa diferença. É, o índice de reprovação então zero?

Crispim: Olha, alguém falou um dia que [...] que a gente vê que ele não tem aquela vontade. Tem aluno que falha muito, falha bastante, não tem condições de ser aprovado mesmo. Eu tenho aluno que ta no quinto ano e reprovou por falta mesmo. Pelos pais também, que trabalha fora e os alunos ficam em casa, então não tem aquela obrigação para estudar.

Eliane: Os pais trabalham fora?

Crispim: Trabalham fora, deixam os filhos em casa.

Eliane: Com quem?

Crispim: Entre eles mesmos. Com um velho e a casa deixam os filhos tomando conta né? Ai eles não tem a obrigação de ir para escola.

Eliane: Mas ai no caso [...] somos todos é do mesmo tronco, família tudo. O que a gente enquanto professor poderia fazer pra contribuir pra diminuir isso. Existe alguma coisa?

Crispim: Pro índice de reprovação? Não, não existe isso.

Lucinei: Acho que a vantagem de você ta melhorando isso, é fato de conversar com os pais. Por exemplo hoje, minha escola ainda, os pais chegam e falam “_Professor o senhor é professor do meu filho?”. Quer dizer, ele não sabe quem é o professor do filho, o ano inteiro

ele foi e ficou fora, não sabe se aluno foi ou não pra escola, quer dizer então que ele não se informou. Lá na sala, ta ir visitando ele [...]

Eliane:Bom, vamos voltar nas mudanças. Que mudanças que veio, que vocês fizeram um caminho né? Fizeram é [...] não se hoje está mais fácil, ta mais difícil né?

Hamilton: Eu diria assim também [...] uma exigência de pais do aluno ir pra escola. O que eu percebo hoje é o fato de que os pais cobravam essa responsabilidade. Vai cobrar do aluno, além de ele ir pra escola, cobrar que ele faça as tarefas, participar da aula. Hoje em dia eu percebo em alguns pais, não são muitos, mas existe, aqueles pais que mandam os filhos pra escola, não com o objetivo do filho ter um crescimento, mas com o objetivo de [...]. Porque eu quero que eles tenham uma resposta logo em seguida. É aquele negócio assim, o pai manda o filho pra escola, por mandar. O professor manda tarefa pra casa, no outro dia o caderno volta em branco. Então uma questão que ta faltando assim, uma diferença que eu vejo por parte dos pais, é a questão dos pais cobrarem mais dos seus filhos, exigirem mais deles e também na questão da [...] não que vir pra escolar a escola vai ter que resolver tudo. De jogarem a responsabilidade social pra escola. Isso não é só aqui, é no país inteiro. Uma coisa que nós também temos aqui. Aqui não é diferente do resto do país não, existe muitas situações que os pais não cobram dos filhos aquilo que é não cobram dos filhos aquilo que é mandado. Eu esse ano tive que ir em casa de pais para poder cobrar isso. Aluno meu de quarto ano que não fazia tarefa. Passava tarefa e voltava do mesmo jeito que foi. E não é uma cobrança só, são várias que você cobra. São várias vezes. Nas reuniões dos pais com os professores, a maior cobrança, o maior pedido que os professores fazem é esse. É pedir para que os pais é ponha os um pouco os filhos pra estudar em casa.

Eliane:Mas assim, então, em todas as séries?

Hamilton: Em todas as séries mesmo.

Eliane:Não. Eles pedem, mas as respostas são menores em todas as séries. Porque isso que vocês estão falando é uma parcela pequena da turma. Não é uma parcela grande da turma que tem esse tipo de resposta para a tarefa de vocês.

Hamilton: Não. Não. Não chega a ser cem por cento da turma.

Eliane:É uma quantidade muita pequena [...] que é a quantidade do índice de reprovação. É isso?

Hamilton: Nesse caso, a tarefa também.

Eliane:E aí no caso, assim, quando vocês intervém, que muitas vezes esse pai ou essa mãe, que ele delega a responsabilidade dele de pai e mãe pra escola, ele delega isso. Ele fala: não eu não vou ajudar, tem que aprender lá na escola. É lá escola. Ele delega isso?

Lucinei: É aquele pai que chega e fala assim “_ oh, meu filho foi entregue na escola. Ta na sua mão, o que você fizer ta feito”. Na realidade não é assim.

Valdelirio: Ou as vezes acontece que o que senhor passou hoje eu não sei. E o pai também não sabe e aí? Volta do mesmo jeito pra escola. Adiantou alguma coisa. Ta certo que o professor, lá na sala de aula vai passar isso também. Mas pai, irmão ou avô ou tio em casa também deve ver isso.

Eliane: Vocês acham que é uma desculpa ou que isso é uma realidade?

[...] Silêncio....

Crispim: Pra mim isso é uma realidade.

Eliane: Porque muitas vezes nós, por exemplo, a [...] vamos colocar assim, é [...] as pessoas com quem a gente tá, os pais, podem realmente não saber ou não entender, porque muitas vezes o enunciado da tarefa, aquilo que a gente bola também, exercícios e tal. Muitas vezes a gente passa que é nítido e quando chega pra família a família não tá na sala, não está no contexto, a criança por um momento, você explicou mas ela pode ter se distraído, num pega essa tarefa, chega em casa, abriu o caderno, viu que tem tarefa, mas não sabe como resolver. Isso que eu queria saber, dos professores, é uma desculpa ou é um fato mesmo? É uma realidade?

Hamilton: Bom, é algumas famílias, alguns alunos é desculpa né? Mas existe também pais e alunos assim que [...] tem dificuldade. É uma situação assim, como a gente mesmo já falou, a gente percebe quando é desculpa e quando é fato. O aluno é [...] percebe quando você não sabe quando é desculpa ou quando é fato.

Eliane: E o que vocês fazem por exemplo, qual é a medida que vocês, é [...] não vou chamar de punitiva, porque não sei se vocês entendem como punição. O que vocês aplicam pro aluno que não faz a tarefa? O que o aluno tem ou ganha diferente do outro que faz a tarefa?

[...] Pausa

Valdelirio: Isso aí é relativo [...]

Hamilton: Eu pelo menos entendo como um conceito de participação, de cooperação. Uma coisa assim. A gente, no meu caso, eu faço as anotações necessárias no meu caderno de anotações e posteriormente eu vou ver o que eu faço. Não na hora. Na hora as vezes, assim, dependendo [...] dependendo não, porque na maioria das vezes a gente faz é, eu pelo menos refaço um pouquinho de novo. [...] É, eu reedito pra turma toda se for o caso, ou sento com ele em particular, quando dá pra fazer isso, e vou pegar os pontos que ele não entendeu e resolver. Essa é uma das coisas que eu faço. Mas assim, o fato dele não ter feito a tarefa, ele

sabe que vai haver um prejuízo depois. Ele vai ter uma punição por não ter feito a tarefa. Mas não naquele momento. Mas posteriormente vai [...]

Lucinei: [...] Quando eu falo que é relativo, é que depende do seguinte: se é um aluno que você sabe que na família dele ele tem pessoas que tem dificuldade, não vão realmente ajudar ele. E você que realmente ele não assimilou o conteúdo de forma correta, de forma tranqüila, você não tem como punir. Pelo menos naquele momento não. Tem que esperar ele assimilar mais aquele conteúdo, para depois, talvez você aplicar uma punição. Agora se tem um aluno, que você sabe que ele tem auxílio em casa e esse auxílio não aconteceu, aí você tem que aplicar de forma mais rápida.

Crispim: O que eu queria falar também, é que a gente faz uma análise né? É de [...] se o aluno aprendeu a explicação ou se talvez se o professor tem alguma falha né? Na hora de explicar e que a sala toda ou a maioria não entender é uma falha do professor né? Mas quando é um dois aí, é tem alunos que deixam de fazer. E quando acontece freqüente eu já procuro os pais né? Procuro saber porque ele tá fazendo o dever, o que tá acontecendo, tá faltando muito na aula, então eu já procuro os pais né? Uma ou duas vezes eu falo pro aluno[...].

Hamilton: Comigo já aconteceu de um aluno ter me entregue o trabalho [...] era em dupla, os dois não foram na escola e não me entregaram o trabalho. Passado uns dias não foram me procurar, não falaram nada, depois passado uns dias, na hora de fechar a nota “_ Ah, professor eu vim entregar”. Porque não entregaram no dia. Ah então como vai ficar? O que eu posso fazer?

Lucinei: Outra coisa que a senhora falou aí, é como desculpa. Tirando a responsabilidade dele, jogando pros alunos.

Eliane: É quando o Hamilton estava me falando aqui da questão assim, toda medida que se toma ela é oral. Quando por exemplo acontece de toda a turma entender o que vocês passaram né? Na fala de vocês, a turma entendeu, eu fiquei sem fazer a tarefa. O Hamilton falou que ele vai chegar, se aquilo acontecer com freqüência, vai chegar e falar: “_Olha o que está acontecendo com você e tal”. Como que fica o aluno perante aquilo? O que vocês percebem do aluno, aquele que não faz a tarefa, que não fez ou que não está fazendo freqüentemente, quando ele percebe que a turma fez e ele não fez? Como que ele fica?

Lucinei: Vou falar pelo meu quarto ano, que era assim, comum acontecer isso o ano inteiro. Aquele que não fez, por exemplo, funcionava assim ó: eu fiz você você não. Aí na hora da correção, vou apresentar meu caderno pro professor. Você não fez, não mostra mesmo. Aquele que não fez não mostra. E aquele que fez faz questão de mostrar e falar “_ O professor ele não fez”. Comigo era dessa forma.

Valdelirio: Eu percebi, quando eles fazem trabalho em grupo, né? Quando a gente coloca pra fazer trabalho em grupo eles falam “_ Oh eu não quero fazer com fulano, porque ele não participa, ele não ajuda. Eu quero tal”. Então eles já sai daquele grupo né?

Hamilton: Quando é um grupo assim que os alunos combinam, fazem em dupla, por exemplo, vamos fazer tal dia. Aí o cara não, um apareceu e outro não, ele faz o trabalho do mesmo jeito. Na hora de entregar ele faz questão de falar “_ Oh, o fulano não me ajudou em nada”. Fala na cara dura.

Eliane: O nome dele tá lá no trabalho?

Hamilton: Não está. O nome dele não está no trabalho. Aquele que não participa, dança.

Eliane: Então são mínimos os casos. Não ficar marcado perante a turma? Na sua também acontece isso?

Lucinei: Às vezes. Houve casos assim, teve um aluno, de eu estar passando trabalho, dois trabalhos, e esse aluno, os dois trabalho ele não fez. E ai eu encontrei, passado uma semana eu encontrei os pais e perguntei. Perguntei a ele caso ele tinha procurado os pais pra ajudar ele fazer o trabalho. Os pais falou “_ Não, quando foi esse trabalho?”. Tal dia. “_ Ah, não procurou nada não”. Então quer dizer, aí tá a coisa. Não houve [...] o aluno resolve ficar mesmo onde está. Agora cabe a mim como professor tá conversando com o aluno, explicando para ele né, que da forma que ele tá levando não é correto né? No momento que o professor passa trabalho ele tem que fazer certinho, se não conseguir procure ajuda dos pais ou de alguém que possa estar ajudando.

Eliane: É, uma coisa que é legal a gente tá falando é assim, vocês já assumiram aqui várias coisas da casa, da cultura. Vocês viram no geral, a cultura indígena, existe uma diferença entre os professores, entre os alunos da cidade e os alunos da aldeia, existe uma diferença entre os alunos dos assentamentos e os alunos da aldeia né? O que vocês acham, que de mais forte, nós todos, que até mesmo nós, criados lá né? Mantivemos [...] o que de mais forte, o que a gente traz assim, enraigado, o que a gente consegue manter isso. Porque, estava falando da palmatória, dos castigos, a gente viu que esse tempo passou e que ele consegue manter a organização da escola de uma outra forma. Ele mesmo falou isso e não queria que os alunos dele passasse por isso né? Mas o que que a gente mantém alguma coisa aqui dentro da comunidade e fica forte, fica enraigado. Que marca essa diferença, o que pra vocês é isso? Enquanto escola indígena, enquanto tá lá assim, Escola Municipal Indígena 31 Março?

Crispim: Eu creio que ainda é a questão do respeito aos mais velhos. Isso é fundamental. Porque o aluno, mesmo aquele que mais está dentro da nossa turma, dentro da nossa realidade, mesmo ele, quando um professor fala, ele abaixa cabeça na hora. Fica quietinho

assim como se fosse o pai dele. Quando sai de casa o pai ainda fala: “_ Na escola você tem que obedecer o professor”. Então isso é uma coisa que ainda existe, mesmo aqueles que gosta de sair mais, de fazer uma baguncinha maior, quando o professor fala e eles ficam quietos. Isso não é uma questão de respeito que as crianças são educadas pra respeitar os mais velhos.

Valdelirio: Isso já vem lá da sua própria casa, respeitar os mais velhos [...] Dificilmente hoje você vê ai é, lá fora, crianças dá benção para os mais velhos. Não tem isso ai. Aqui, muitas vezes, não tem nem grau de parentesco, mas as crianças dá benção, respeita.

Hamilton: São o valor das famílias, mas não são todas as famílias, mas enquanto nós estamos conversando aqui, uma criança não veio aqui no meio de jeito nenhum. Isso na Cidade é a coisa mais [...] não tão nem aí, passam pelo meio. Aqui, se um pelo menos tentá de passá pelo meio, o pai dele já briga na hora, já manda voltar.

Crispim: Isso quando, questão de respeito assim, quando é da própria casa, quando [...] os discursos que a gente fazia aí, o pessoal me chamava de tímido assim pra caramba, sabe? Timidez assim de ficar com vergonha de dar um fora assim e respeitando a educação que a gente trouxe de casa. Então a gente fica, espera a sua oportunidade pra poder falar, mas não [...] é diferente assim de um pessoal da cidade, assim, que fala e [...] e as não tem nada a ver com o que ele está falando, mais eles me chamavam de tímido por esse fato que eles estão falando aí.

Eliane: Eles julgavam isso timidez?

Crispim: Timidez. Mas dentro da gente é que tem que respeitar de acordo com a hora de falar.

Eliane: É, o pessoal costuma chamar a gente de pré-prevenido. Você está olhando, está observando, eles já ficam assim, esperando uma resposta. Ficam encolhido, sempre prevenido para alguma coisa né? Sempre prevenido assim, muito pacioso. Todos vocês fizeram pedagogia agora lá, todo mundo junto, na Federal de Aquidauna?

Crispim: Eu fiz o Normal Superior na UEMS.

Valdelirio: Eu fiz na Federal.

Eliane: E já tem um tempinho né, que vocês fizeram isso. Primeiro vocês fizeram aquele magistério indígena da Secretaria, foi né? Aí depois vieram para esse. Uma coisa que, sempre costuma olhar, assim, não comparar como ele mesmo falou. Não é discriminar né? Mas o fato da gente dar aula lá na cidade e observar a maneira de vocês, na verdade a gente fica [...] eu fico morrendo de inveja, eu falei isso para a Nedir, eu fico morrendo de inveja. Porque o que tem aqui não tem lá realmente de fato. E uma coisa assim, que a gente é percebe é essa

questão, por exemplo, a questão de ser escola indígena, formação para professores indígenas, é o que vocês vêem aí, o que vocês observam, o que é possível melhorar nesse contexto, na formação de professores, é [...] o que vocês vêem, o que é possível melhorar nessa questão da escola indígena. O que é possível fazer aí. Vocês disseram alguns pontos aí que precisa melhorar, falaram da comunidade, falaram da família, falaram de uma série de coisas assim. Mas o que vocês vêem que é preciso melhorar?

Valdelirio: Hoje nós temos a nossa escola aí, não é totalmente uma escola indígena. Tem professor que aí é da cidade [está falando dos professores aprovados em concursos do município que trabalham especificamente nas séries finais do ensino fundamental]. A partir do momento, que nós transformar nossa escola em indígena mesmo, aí nós podemos colocar nossa trabalho, nosso dia a dia, fazer de acordo com a realidade nossa mesmo.

Lucinei: E o calendário [...] nosso mesmo.

Eliane: Mas essa escola não é indígena então?

Crispim: Não. Não é totalmente indígena.

Lucinei: Que no nosso caso ela é do município. Tanto é que professor formado lá da cidade. Convocado lá pela prefeitura né? Tem um grau a mais [...]

Hamilton: Mas ele tem uma formação específica que nenhum de nós aqui tem né?

Valdelirio: Nós professores tomamos a iniciativa de fazer curso específico para atuar aqui na nossa área.

Hamilton: Também não só a questão de nós tomarmos um artifício, mas eu vejo que também, se há um interesse do estado, no caso da prefeitura em [...] como a Secretaria tem um acesso, Secretaria nossa de Educação, tem um acesso muito grande no Campus de Aquidauana, na Universidade Federal principalmente né? Eu imagino se houvesse uma vontade maior da Secretaria enquanto poder executivo que a escola fosse formar todos os professores indígenas, já com quatro anos ou mais né, já deveria ter criado, feito convenio com a Universidade pra ver que curso de licenciatura tem, pra sanar [...] porque daí já teria os professores formados nas áreas específicas. Em biologia, matemática, história, geografia, por isso nós não temos. Se houvesse um interesse que a escola fosse indígena já teria resolvido. Porém percebe que não há interesse nesse sentido né. Não há um interesse muito grande nesse sentido. Mas aí acontece que a gente tem estar correndo atrás com as próprias pernas, como o Valdomiro falou, os professores tem que se interessar por isso. Até porque a legislação [...] nós não temos nenhuma Universidade aqui, e a legislação quando ela fala na prioridade que é para indígenas, mas se não houver professores índios [...]

Eliane: Mas ela também fala da anuência da comunidade. Isso talvez tenha mais peso que qualquer outra coisa.

Hamilton: Com anuência da comunidade. Mas é isso que é o problema né? A gente tem uma dificuldade muito grande nesse sentido também, nessa questão que você falou, porque a comunidade de um modo geral ela não tem esse [...] não sei ela não está preparada, mas no momento eu sei que ela não tem um controle nessa situação.

Eliane: Talvez dessa força né?

Hamilton: Ela não sabe dessa força que ela tem. Existe barreiras e quando você tenta derrubar isso com os outros professores, por exemplo, nós já tinha, tentamos divulgar isso várias vezes em reuniões de pais. Mas parece que existe uma barreira.

Eliane: Vocês falaram que esta escola, a 31 de Março, ela não é totalmente indígena? E que categorias vocês, que mudanças, vamos colocar assim, ela deveria ter pra que ela [...] onde que vocês vêem que ela não é indígena?

Lado B

Eliane: É. As outras coisas?

Hamilton: No currículo.

Eliane: Como assim?

Valdelirio: Na parte dos professores [...]

Eliane: [...] Professores [...] ?

Valdelirio: Que mais que poderia falar [...] No currículo, quando eu falo a questão do currículo falo assim a questão do calendário diferenciado.

Eliane: O calendário não é diferenciado?

Valdelirio: Não. O calendário na verdade é imposto pela secretaria.

Eliane: É imposto. Mas ele não respeita o quê dentro da comunidade? Se ele é imposto [...] você falou que não respeita o tempo, não respeita isso, o que ele não respeita de fato?

Valdelirio: Como eu poderia dizer [...] Bom, vou pegar um exemplo que eu não acho correto né? Bom, a questão de alguns feriados né? Alguns feriados que existem nacionais ou estaduais, aqui dentro se a gente pudesse não haveria necessidade de parar, por exemplo.

Eliane: E outros que deveriam parar, não param.

Valdelirio: Não param.

Eliane: Por exemplo: 19 de abril, a secretaria respeita isso?

Lucinei: Pra nós aqui ela respeita né? [...] Você falando assim quanto nossa escola né? [...] Pra nós aqui é letivo normal, a diferença é só que a escola pede uma, existe uma liberdade da escola cumprir o calendário que a escola definir. Daí aparece, só isso. Mais nada.

Crispim: O dia do professor também, pra secretaria é letivo, no calendário é letivo. Antes dia do professor é festa, era festa aqui na aldeia, não era aula assim, dia letivo, agora a gente ta passando em sala de aula aí.

[...] Pausa.

Eliane: Então[...]

Lucinei: Olha, é a questão do currículo que, ao meu modo de entender, a questão do currículo, que eu até falei isso quando a gente foi convidado pro curso e uma coisa que a gente podia fazer, por exemplo no nosso currículo, tirar aula de inglês e aumentar disciplina de Terena. Mas não agora, por que aula de inglês o aluno não aprende na escola, porque ele vai fazer curso fora, aprender. Pra nós seria essencial aumentar as aulas em Terena. No nosso caso seria uma hora por semana. Então a comunidade já praticamente perdeu quase toda a sua identidade, a questão da língua, seria mais interessante aumentar, poderia não se aumentar de uma vez, mas aumentar gradualmente a língua Terena.

Eliane: Ela é mais importante para a comunidade do que o Inglês?

Lucinei: Do que o próprio Inglês.

Eliane: Ou o espanhol também.

Lucinei: Também.

Nedir: Então, eu vou fazer umas perguntas: Quais são os saberes que a comunidade podia, pra escola, é [...] poderia utilizar na escola pra motivar, manter a cultura? Tem algum saberes?

Lucinei: Pra mantê a cultura?

Nedir: Que ajuda a manter, a questão do respeito. Tem alguma, algum saber?

Lucinei: Partindo de casa] ajuda bastante né [...] tipo assim, se lá em casa, o pai falante na língua materna, se lá em casa eu pego meu filho eu falo língua terena com ele, eu como sei um pouquinho de língua terena, ajudo ele, eu acredito que dessa forma ele vai conseguir, entendeu. Agora, ao contrário [...]

Valdelirio: Existem vários saberes que podem ser usados. Por exemplo, na questão das plantas medicinais, o uso de plantas na cura de doenças. Muitos pais sabem, assim, muitas receitas que os alunos poderiam estar pesquisando elas. [...] Esse seria um dos saberes. A questão de lendas, de mitos, de histórias dentro da própria comunidade também poderia ser mais utilizado.

[...] Pausa

Eliane: Mas quando vocês falam assim, esses são os saberes, por exemplo, a questão da queimada da roça, são coisas que se aprende cotidianamente, não é verdade?

Lucinei: A questão de pescar, de caçar passarinho, de [...] é [...] essa questão da própria queimada mesmo, da roça, do que plantar, como plantar, em que época plantar. O fato de ele ir para a roça com a família [...] você acabou de falar: “_ Há um dia eu fui pra roça, tava lá com meu pai, tal, tava como uma fome, aí comi pequi, cruzinho mesmo”. Aí você falou “_ olha queria mais”. Você aprendeu alguma coisa, porque tava lá, ficou com fome e falou comer, mas assim, essas questões que ele aprende, dentro da sua própria casa, na sua comunidade, como [...] esses saberes ele já traz com ele a utilização das plantas.

Eliane: A questão dele na escola como conteúdo, a escola utiliza como conteúdo isso, como currículo? Como, na sua disciplina, aquilo que é possível usar? Os professores estão preparado para fazer uso disso?

Valdelirio: Acredito eu que[...] é a minoria dos professores hoje [...] a gente trabalha com esse tema. Principalmente professor indígena, trabalha muito com o respeito, [...] pra seguir mesmo, todo o seu trabalho [...] pra ele seguiu mesmo, todo o seu trabalho.

Eliane: Que talvez assim, uma das coisas, é claro que existe uma continuidade, desses saberes dentro da escola. Por que a criança vem como uma bagagem de casa, como vocês falaram, do respeito ao mais velho, da escuta, da observação, né? Ele me observa, ele me vê, fica atento. Existe essa, esse cuidado com a criança, ela faz essa observação. Mas um outro lado, a escola nesse sentido parece que fica impossibilitada de agir, usando isso que ela traz como conteúdo? Eu particularmente não vejo bem assim. Se a escola, se o professor estiver interessado de trabalhar essa questão, de passar pros alunos, os pais também vai [...]

[latidos de cachorro]

Hamilton: As vezes eu até tenho vontade mas sabe aquele negócio que você fala assim [...] [...] Conversas de outras pessoas chegando.

Hamilton: Você sabe aquele negócio que fala assim: eu te dou a liberdade pra fazer isso, mas você sabe que não pode passar de tal ponto. Seria mais ou menos isso. Tem da escola, tem a liberdade pra fazer isso, mas não totalmente. A partir do momento que você começa a sair com seus alunos da sala de aula para fazer as pesquisas, normalmente vem uma cobrança, ou da coordenação ou de alguém, tá saindo demais da sala de aula e que não deveria, sabe? Como já aconteceram várias vezes. Esse ano, por exemplo, uma questão que a gente tinha priorizado para ser feita todos os anos, e que é importante pra nós aqui, por que você sabe o índio tem a questão da competitividade, entre ele mesmo, e isso existe muito forte aqui dentro da comunidade. E uma das formas aqui da gente vê isso e que é muito bom, são os jogos

indígenas dentro da comunidade. Esse ano, pelo segundo ano, nós não conseguimos fazer. Por quê? Porque a secretaria é de Educação, estabeleceu uns critérios que os jogos não se encaixam. A direção não tem força para mudar isso. Então nós finalizamos o ano sem realizar os jogos, que são importantes. Porque a gente não trabalha só a questão da educação física, só a questão da arte, da educação física ou então só a questão da competição. Existe também a questão da cultura, porque dentro dos jogos existe a competição, além da competição normal de futebol, vôlei, corrida, essas coisas, existe também a competição de dança, existe também a competição de lança, arco e flecha,, a cestaria, porque são coisas tradicionais. Se a gente procura manter, incentiva tanto os alunos quanto a comunidade, porque a comunidade participa. Por dois anos consecutivos nós pudemos participar. Os nossos alunos chegam a passar o ano pensando nesses jogos e quando não se realiza, fica uma frustração muito grande.

Eliane: por falta de vontade de vocês?

Hamilton: Não. Eu acredito que não, porque a direção queria que fosse realizado. Porque a gente sabe o quanto é importante, o quanto eles se preparam para isso. Eles se preparam durante o ano. Isso é um projeto que nós iniciamos em 2001 ou 2002, não lembro bem o nome, eu sei que começou a muito tempo atrás e de lá pra cá a gente pode ver uma evolução muito grande nessa evolução da cultura. Quando a gente iniciou os jogos, a única aldeia que no momento praticava e exercia a questão da dança era o Brejão né? As demais, até tinha gente que sabia, mas não participava, ficava meio de lado, com os jogos foi crescendo tanto, que hoje cada aldeia tem seu grupo de dança. Tanto masculino quanto feminino né? Tem pessoas que passam, que ficam se preparando tanto tempo só pra tirar arco e flecha. Pra poder na hora da competição se dar bem. Atirar de bodoque, a lança. A lança nos primeiros jogos o menino não conseguia jogar que 10 metros, hoje tem alunos com 12 anos que joga 40 ou 50 metros. Isso é uma questão que vai aprimorando, não só na questão da cultura, mas também, quero dizer na questão do conhecimento de um modo geral. Quando a gente começou os jogos, os grupos, praticamente de todas as aldeias, praticamente [...] o voleibol não era tão desenvolvido, hoje os meninos, tem meninos que preferem jogar vôlei do que jogar futebol. Então vai mudando. Então é uma coisa importante que foi criado e tem tido resultado. Infelizmente esse ano não aconteceu de novo.

Eliane: E esses jogos como era a pessoa mais velha, tinha também?

Hamilton: Tinha. Os mais velho era misturado com os alunos.

Eliane: O que eles faziam?

Hamilton: Alguns faziam função de coordenar os jogos, ou mesmo até em ajudar na questão de participação, competindo mesmo.

Eliane: Está tarde né. [...] E assim, é claro que tudo isso ajuda a gente a refletir no fazer da gente mesmo, numa conversa tão simples, tão [...] talvez nem tão pensada elaborada, mas faz refletir o quanto de valores a gente tem e não percebe. Só pra gente terminar, vocês tem função, eu queria que vocês [...] percebem a importância de vocês dentro da própria comunidade, que a comunidade cobra de vocês. Atitudes, postura, mesmo dentro como fora de sala de aula e como vocês se vêem aqui? Quando vai representar alguma coisa lá fora, ah! o professor fulano de tal vai. Como que fica essa questão na cabeça de vocês?

Lucinei: Acho assim que o dever, acho que a comunidade tem, olha assim o professor como uma autoridade né? Mas quando você acompanha a visita [...] todos vêem como professor né, achando que você tá ali porque, representa o indígena, que você é professor e acaba sendo você mesmo, respeitado né?

Crispim: Antes a comunidade sempre cobrava da gente, eu era bravo assim, pelo fato de ser professore eles cobrava né? Professores dentro e fora de sala de aula. As vezes a gente saia numa festa, eu sempre fui, sempre tomei uma cervejinha e tal, eles viam aquele negócio: “_Olha lá o professor está tomando cerveja”. Neste sentido ele cobrava de mim, no meu caso né? Agora no caso deles já, agora viu que nós não abaixamos a cabeça, nós sempre trabalhamos seriamente, a gente trouxe os outros professores que ajudou a gente bastante. Então ultimamente eles vêem a gente como professores. Mesmo gente que não [...] mas lá na escola assim [...] no meu caso, por exemplo, lá todo mundo, do primeiro ao quinto ano, todos eles me chamam de professor. Mas como a gente tem muito parente, ai sempre tem “benção tio”, “thau”, esse negócio, mas na maioria das vezes somos profissional. A comunidade parece que começou a entender o que, não é como eles queriam antes, mas hoje está mudado.

FIM

ENTREVISTA 6 - PROFESSOR PEDRO VITORINO

FITA 04 – LADO A

Entrevista realizada em dezembro de 2007.

Entrevistador: Eliane Gonçalves de Lima e

Entrevistado: Professor Pedro Vitorino

Local: Aldeia Cabeceira/PIN Brejão/Nioaque/MS

Eliane: Bom, o senhor é o primeiro professor lá da Escola 31 de Março. Desde quando?

Pedro Vitorino: Desde 1958.

Eliane:1958? Como que era a escola naquele tempo?

Pedro Vitorino: A escola [...] não tinha escola. Em 58 nós viemos passear na aldeia, com um grupo que moraram aí me convidaram pra vir com eles passear na madrugada, possamos na manhã de manhã e quando foi à noite o chefe do posto nosso pediu pra igreja lá de Lagoinha, Lagoinha lá Anastácio, todo mundo ficou olhando e eu nasci na Água Branca e falou: “_ O irmão não quer vim, ser professor pela igreja. O irmão não quer vim?”. Eu estava empregado lá em Aquidauana, trabalhava na CEMT (Centrais Elétricas do Mato Grosso). Eu fiquei com tanta dó, tanta [...] aquilo me doeu no coração de vê a Aldeia onde eu nasci, não tem professor, tem bastante aluno, tem bastante criança. Aí eu falei “_ Eu venho”. Então tá arrumado. Fui pra Aquidauana, pedi minha demissão no trabalho. Ai me prometeram de pagar através de oferta e assim a escola começou com um barracão grudado no sapé, terra batida e as carteira era improvisada de pau a pique, é paineiras pregada, e [...] os bancos de taquarussu apoiado em duas cortiça no chão. Assim foi a primeira escola.

Eliane:E como é a rotina da escola/

Pedro Vitorino: A rotina sobre [...]

Eliane: Da sala assim [...] Como você dava aula?

Pedro Vitorino: Nós começamos mais ou menos no dia 15 de 1958, começamos [...] Primeiros os alunos pegavam nas mãos [confuso] e assim foi e na época nem era formado, mas procurei e adaptei bem dar aula, gostei e de manhã cedo já vinha [...] a escola era assim, pra ver como era a escola, a escola era de sapé, tinha divisória, a primeira era sala de aula, a segunda divisória era meu quarto, terceira divisória era a cozinha e logo que eu cheguei não era casado. Estava noivo, larguei tudo lá em Aquidauana por amor a minha comunidade, larguei emprego, vim embora pra aldeia e no primeiro ano [...] comecei com 18 alunos mais ou menos, 18 alunos, inclusive a Célia foi minha primeira aluna.

Eliane: É, eu sei ela sempre fala do senhor.

Pedro Vitorino: Ela, Jorgina, Gracindo [...] será que já falei tudo?

Eliane: O que o senhor puder me contar, o que o senhor lembrar, se não se incomodar?

Pedro Vitorino: Não, eu [...] e que leva tempo né? Eu vou contar até onde nós estamos agora. Aí começamos a trabalhar, não tinha nada, não tinha energia, a água a gente pega lá no mato [...] os alunos ia lá com balde, trazia água pra lavar cadeira, tudo com alegria, alegre mesmo. Merenda a gente, os americanos mandava pra nós, merenda vinha [...] mandava fazer a merenda, começou a me ajudar, inclusive quando eu faltava alguns dias ela dava aula pra mim.

[...] Pausa

Pedro Vitorino: Porque fui convidado uma moça pra vim trabalhar como enfermeira. Tinha enfermeira aí, as vezes, nem conhecia. Fui conhecer depois que eu cheguei. Só que a moça não veio trabalhar, ela [...] só eu quando cheguei, os medicamentos, conseguiam dos laboratórios e mandavam [confuso] amarelão, uma gripe, uma febre que aparecia a gente. E eu ia de casa em casa, quando me chamava eu ia. Uma vez eu fui socorrer uma pessoa [...] meu trabalho fui muito bom, muito trabalhoso, mas valeu a pena. Isso foi, o primeiro ano sem férias [...] o terceiro sem tirar férias e assim foi. Ai eu comecei a trabalhar nos feriados. A prefeitura não dava uma ajuda, não tinha ajuda de prefeitura, não é porque não podia. Podia sim. Quando foi em 68 [...] 66 a igreja evangélica me avisou que não podia mais me sustentar, tava muito vulnerável, já me arrumou outro emprego pra mim, trabalhar num armazém de uma fazenda. E daí o Cacique falou “_ Se o senhor for embora vai acabar a escola, vai terminar. Porque o senhor não fica, a comunidade vai pagar o senhor”. Aí eu falei “_ Eu fico”. Me deu dó, ai eu falei “_ Eu fico então”. [...] Eu recebia de tudo aqui, plantava, tive frango, leitão, leitoa, de tudo eu tive. Fiquei três meses, só duas pessoas me pagou, uma me cinco outra me deu dez [...] eles não podia mesmo. Ia na cidade, vendia verdura [...] e eu agüentando lá. Ela vinha de cavalo, dormia e voltava. Ai vi que não tava agüentando mesmo, uma vida sacrificada mesmo [...] pra quem ganhava bem na cidade, tinha que comprar miúdo, mais baratinho, ai eu vi e pedi pro prefeito: “_ Prefeito a comunidade não tem como me sustentá, eu to indo embora, a prefeitura me contrata”. Naquela época ele tava caindo, tava dormindo, dormindo mesmo, acho que nem o prefeito sabia, era semi analfabeto. Tanto é que tinha pouco professores formados, não era formado, era leigo, ai eu voltei, voltei pra casa, chateado. Ai quando foi um dia parou um conjunto do quartel lá, quero falar com o Pedro? Eu falei “_ Sou eu”. Ele: “_ O coronel quer falar com o senhor, amanhã, a partir da 7 horas. O senhor vai lá?”, eu falei “_ Vou”. Pensei “_ Será o que ele quer comigo”. Ai fomos lá, não sei se vocês conhecem a 31 de março de 64? A revolução? Aquela revolução [...] e eu gostei muito daquilo ali e convidei o cacique, era o Seu ?????[não se lembra] e nós mudamos o nome

da escola, ao invés de Escola Evangélica da Água Branca, a escola vai se chamar Escola Indígena 31 de Março. E, nesse dia, bom foi muito perturbado naquela época né. Aí falou “_ Seu Pedro fiquei sabendo que o senhor vai embora, eu quero saber o motivo? Ai eu contei o motivo. É só isso? Eu falei “_ é”. Então o senhor volta a trabalhar, que o quartel paga a metade e a prefeitura paga a metade. “_Tá bom?” Eu falei “_ Tá bom”. Comecei a trabalhar, aí a escola começou a melhorar. Ai fez a primeira escola criada de telha e cercada com madeira já, com quadr. Quase toda a tarde ele vinha visitar, ele a esposa. [confuso] [...] logo depois, em 67, saiu o SPI, aí entrou a FUNAI. A FUNAI, o primeiro presidente era um General. O General foi lá visitar o colégio que ele ia sempre e lá ele conversando comigo, ele e a esposa [...] ai ele ficou falando comigo e falou “_ Eu vim avisar o senhor que o senhor não vai mais receber nem do quartel nem da prefeitura”. Ele ficou me olhando e me abraçando. “_ Tá bom professor?” eu falei “_ Tá bom”. Eu pensei comigo: vou se embora mesmo. Ai ele falou “_ Seu Pedro o senhor já é funcionário público?” eu só vim aqui pegar os seus documentos, daí ele me colocou na FUNAI. Ai ainda começou conseguir de fora cartilha, livros, conseguia de fora, caderno [...] ai quando foi mais tarde a comunidade começou a enxergar e começou a valorizar, começou a comprar caderno e lápis, mas no começo [...]

Eliane: O senhor conseguia aonde?

Pedro Vitorino: Eu consegui no Rio de Janeiro.

Eliane: Pela igreja?

Pedro Vitorino: Não.

Eliane: Por onde?

Pedro Vitorino: Por uma entidade que tinha lá. Eu [...] eu lia jornal, lia revista, achei lá. Um dia desses eu tava pensando como fui ingrato, não guardei documento, não agradei [...] as vezes vinha medicamento, material escolar, fui ingrato. Ai, mas eles mandaram bastante mesmo e valeu a pena, aí mais tarde também dei aula pro supletivo, pro mobral, aí o gener[...] coronel foi embora ai eu fui trabalhando pela FUNAI, trabalhando pela FUNAI, continuei atendendo, material escolar começou a vim mesmo. Mas só eu dando aula. É [...] em 67 acabou o SPI e entrou a FUNAI, ai melhorou, só que a FUNAI não podia contratar mais.

Eliane: Só o senhor?

Pedro Vitorino: Só eu. Ai eu não era formado e comecei a estudar. [...] ai eu trabalhei até 77, não ajudava mesmo, ai quando um candidato, um sargento aí, candidato a prefeito, ele meu professor de literatura. Eu tava na sala de aula, um dia ele me falou “_ Pedro eu vou sair candidato a prefeito quero que você saia junto comigo como vereador, você aceita?”. Ele falou por três vezes, e falou: “_ Então vamos sair para a campanha”. E saímos para a

campanha, daí fomos eleito. Eu fui o segundo mais votado. Ele falou pra mim: “_ Pedro se eu for eleito, você vai ser meu secretário de educação”. Ai peguei, ele me convidou, não tinha exercido o cargo ainda, secretário e vereador. Ai ele falou o seguinte: “_ Você faz o que você quiser no município aí”. Eu aproveitei meus alunos que já estão perfeitos para dar aula pra primeira série, segunda [...] ai agora quero um. Ai o Crispim que já estava competente pra dar aula, coloquei o Crispim na Água Branca e a Ilda no Brejão, pela prefeitura. E assim fomos. Foi, quando foi mais ou menos 78, quando foi lá a supervisora me chama, abriu uma vaga na FUNAI, ai eu incluí os dois. O chefe do posto até queria né? Ai meus candidatos foram aceitos. Ai fiquei com eles me ajudando. Ficar atendendo as escolas, trabalho junto. Fiquei um ano como secretário, no ano eu sai, ele não gostou do meu trabalho não. E [...] ai com a escola 31 de março, outro já falaram que 31 de março Brejão, não é. A professora do Ipegue, que eram meus, do Brejão também. Ai por surpresa minha, ela pega e me chama lá: “_ Seu Pedro é o seguinte, olha só a sua escola foi reconhecida. Só ela, porque o único professor formado é o senhor. Agora não é escola indígena, é Escola de 1º Grau 31 de Março. E por isso que pela 31 de março o Seu Valter veio, também foi um bom funcionário ai. E trouxe na área educacional, trouxe o ginásio e levou esse nome lá pro Brejão, 31 de Março, daí começou [...] eu trabalhei, ai depois veio o ginásio, aí começou a crescer o número de professor ali, veio João Miranda, Valdir e [...] ai eu já tava bem antigo já. O seu Valter me deu um seis meses, por conta dele de [...] pra mim descansá. Fui pra São Paulo, fui pra Rondônia e quando eu voltei eu fui dar aula no Ginásio. “_ Seu Pedro o senhor vai dar aula no ginásio, o senhor vai pegar, vai dar aula de história”. Eu falei “_ Olha professor, eu não sei se vou dar conta não, viu?”. Ele falou: “_ Por que tá com medo?”. [...] “_ Mas história, acho que não [...] eu quero dar aula de matemática, matemática eu manjo um pouco”. Eu falei pra ele: “_ Matemática eu gosto, manjo um pouco”. “_ Ah, mas já tem um professor pra matemática”. Só não falei mais nada, ficou quieto. Quando começou a aula ele me chamou e falou: “_ Pedro, escolhe a sua classe”. Eu falei “_ Eu quero a quarta série”. Nunca tinha dado aula, só pra uma classe só, sempre era primeira, segunda série. Ele falou “_ Já tem gente na quarta série”. [...] aí eu fiquei com a terceira série.

Eliane: Isso quando o senhor tava com o Seu Valter, o senhor deu aula para a terceira série. Era um grupo diferente [...]

Pedro Vitorino: Era mesmo.

Eliane: [...] A aldeia tinha passado por várias fases diferente daquela que o senhor começou a dar aula. A escola já era outra. Os recursos [...] e [...]

Pedro Vitorino: Lá no Brejão, tinha aquela escola nova, ali na Água Branca, eu dei aula ali só dois anos só.

Eliane: E como que o senhor tem, como o senhor ensinava? O jeito que o senhor ensinava naquela tempo? Foi o mesmo jeito que o senhor ensinou na terceira série?

Pedro Vitorino: Do mesmo jeito.

Eliane: Mesmo jeito? Como o senhor ensinava?

Pedro Vitorino: Porque hoje a escola é bem diferente. Bem diferente. Aquele método tradicional, a matemática, fazia prova decorada, matemática, decorar a tabuada. É, quando era história, fazia também. Estudar mesmo, decorar, ter conhecimento mesmo.

Eliane: E como o senhor fazia isso?

Pedro Vitorino: Eu marcava bastante tarefa, chamava e era cobrado, cobrava mesmo.

Eliane: Como?

Pedro Vitorino: Chamava, chamava pra explicar detalhadamente.

Eliane: O senhor dava aula, explicava como que era pra ele poder explicar pro senhor? Do jeito que o senhor falou?

Pedro Vitorino: Do jeito que eu falei. Por escrito né?

Eliane: Ah, depois por escrito. Mas primeiro o senhor cobrava oral. E o aluno que não respondia?

Pedro Vitorino: Era difícil né?

Eliane: Difícil?

Pedro Vitorino: É. Eu era [...] era difícil porque o [...] até pouco tempo meus patrícios não fazia pergunta não. Na sala de aula, tinha que conhecer o aluno. Olhar e saber [...] eu tinha que olhar a escrita dele, a maneira como ele escrevia, só isso né? Modo como ele estava escrevendo. Quando eu explicava, não me olhava, não me encarava. Não me fazia pergunta. Eu estranhei quando fui dar aula aqui na cidade que chovia de pergunta. Ai chegava na hora eu sabia né? O muito que eu tive foi uns três alunos. Eu precisava da [...] dia da prova, não sabia, ai eu marcava outro dia. Acelerava bastante e marcava outro dia. Ai vinha não sabia de novo né? Ai marcava outro dia. Ai foi uns dois alunos, no mais era inteligentíssimo mesmo. Pessoal ai dos Miranda, muito inteligente. Ali da [...]

Eliane: E o que o senhor observa de diferente, na escola de hoje e naquele tempo?

Pedro Vitorino: No de hoje eu acho muito fraco. Fraquíssimo mesmo. Muito fraco. Porque desde matemática, desculpe vocês que são professor aí. Uma vez eu estava lá [...] veio um aluno lá e disse assim pra mim: “_ Seu Pedro eu vim aqui fazer uma pesquisa valendo nota pra nós poder passar”. Eles faziam perguntas e eu respondia pra eles, explicava pra eles. Isso

aí era nota. Aí muitos passam sem saber né. Matemática, por exemplo. Isso não é só com eles. Isso é em geral. Isso é em geral isso ai. No Brasil todo, você pode notar, que é o método de agora né. Tradicional não. O método no Brasil todo.

Eliane: O tradicional naquele tempo tinha palmatória [...] que tipo de punição assim, é [...] de joelho no milho, alguma coisa assim. O senhor já usou isso alguma vez?

Pedro Vitorino: Não, eu nunca usei. Eu também nunca vi. Eu também estudei só até o segundo ano.

Eliane: Do segundo grau?

Pedro Vitorino: O segundo ano. É de admirar né?

Eliane: O segundo ano que corresponde, hoje o segundo ano do primeiro grau?

Pedro Vitorino: Não, é como que é?

Eliane: É porque hoje são nove anos, né? Então ele vai do primeiro ano. Antigamente era do primeiro até a quarta série.

Pedro Vitorino: É depois era o ginásio.

Eliane: Isso. Aí hoje vai do primeiro até o nono ano.

Pedro Vitorino: É, eu estudei do primeiro ao segundo ano. [...] eu tive que me virar, eu tive que fazer curso de [...] eu fui criado sem pai, meio isolado. Aí achei quem me valorizou, me mandou pra escola agrícola lá em Bauru. Escola boa mesmo. Estudava contabilidade lá. E lá tinha tempo pra trabalhar. Só que não achei emprego. Ai quando eu vim pra dar aula eu tinha conhecimento. Ai quando eu vim dar aula, quando eu fui fazer o magistério precisou o diploma de ginásio e eu não tinha. E agora? Era aquele que dava nas férias. Fui em Dourados, lá [...] larguei mão e daí vim embora pra cá. Aí esperei a primeira turma que começou ai, eu entreguei as quatro do ginásio. Ai eu tinha que [...] o que eu faço agora? Nem tinha TV Educativa na época. Aí depois fui pro quartel. Quando chegou a época de fazer prova lá em Campo Grande eu fui. E lá eu me atralhei, era [...] fui eu e outro rapaz, português nós passamos direto. A outra matéria [...] que era marcada por múltipla escolha. Você olha assim uma pergunta, parece que é idêntica, parece que dá certo né. Invés da gente fazer rapidamente né? Aí chegou [...] eu e ele. Ai viemos embora. Ai surgiu uma vaga em Aquidauana, eu, ele não. Ai eu fiquei lá dois meses. Passei em matemática e português lá. [confuso] [latidos de cão]

Eliane: Se falar pro senhor dá aula ainda o senhor dá?

Pedro Vitorino: Eu dô. Eu dou aula e gosto muito. Só que eu falo hoje tem professor, tem bastante. E, aí [...] mas eu gostaria, principalmente matemática.

Eliane: O senhor gosta de matemática?

Pedro Vitorino: Eu gosto.

Eliane: O senhor acha hoje que ter professores indígenas lá, pelo o que o senhor está me contando sempre teve. Então o que mantinha antigamente era pra dar continuidade nos estudos. Porque até então, até a quarta série [...] depois o pessoal tinha que descer aqui pra cidade pra fazer ginásio e continuar os estudos. Na opinião do senhor hoje, ter o ginásio, ter o segundo grau e ter professores lá, principalmente de 1 a 4 indígena é [...] ele favorece alguma coisa, alguma mudança?

Pedro Vitorino: Favorece. [...] favorece se vierem buscar também. Porque o professor ele ensina o aluno antes que ele sabe de tudo. Ele tem que fazer a pesquisa, ele que tem que aprender com o aluno, pra então ensinar, eu acho bom. Que já conhece os patrícios, já sabe [...] é o que eu acabei de falar, que eles não fazem pergunta. Hoje, você tem conhecer eles e quem pode conhecer o aluno, o patrício somos nós. Somos nós que conhecemos. Isto sem problema, a pessoa valorizando [...] a cultura do índio.

Eliane: É, no tempo do senhor é aquele tempo de sítio, que o senhor trabalhava em [...]

Pedro Vitorino: Dourados.

Eliane: Ai eu queria saber o seguinte, daquele tempo, ser índio era ser, ser o que pro senhor?

Pedro Vitorino: O que era ser índio?

Eliane: Isso.

Pedro Vitorino: Ser índio era aquele povo que [...] separado do branco. Vivendo numa comunidade dele. Nossa mesmo. Isso era ser índio. Por que no começo tinha proteção do SPI. Isso era ser índio.

Eliane: E como o branco via o índio?

Pedro Vitorino: [...] pausa [...] o branco, não é todo, mas muitos era, a gente era discriminado né? Por ser índio eles chamavam de bugre né? Que bugre era, a maneira deles dizer, a maneira como [...] então a gente vivia assim meio envergonhado. Eu tava falando pro Seu André sobre isso, que a gente não gostava de fazer pergunta, eu tava falando pra ele, na sala do supletivo ai, a TV Educativa e eu ficava quieto lá do lado. Ai falou “_ Seu Pedro, estou preocupada com o senhor”. Eu falei “_ Porque professora?”. “_ O senhor não faz pergunta”. Eu falei “_ Pode continuar que eu [...]”. “_ Ah, por isso que senhor fala que o índio não gosta de fazer pergunta, o senhor mesmo é um deles”. E, vocês vejam bem, eu vinha dessa aula aqui, eu morava na Água Branca, vinha e voltava de noite pra lá. Morava bem ali mesmo, onde tem aquele pé de eucalipto. Ali [...] ali era a minha casa.

Eliane: E hoje o senhor acha que está melhor essa questão de ser índio hoje?

Pedro Vitorino: Está melhor.

Eliane: O senhor acha que é mais respeitado ou tem que fazer muita coisa ainda?

Pedro Vitorino: Não, sempre tem falta de alguma coisa né? Mas tá bem mais respeitado. Hoje, por exemplo, nós temos, deixa eu falar mais um pouquinho da minha vida. Minha aldeia ali, custou a ser enxergada. Você vê até 58, Bananal já tinha professores bons, já tinha escola boa, Buriti já tinha. Só Água Branca não.

Eliane: E como professor indígena, como o senhor acredita que contribuiu e ainda contribui, que eu vejo que muitas vezes em solenidade, da escola, os professores sempre estão fazendo pesquisa, pedem pro senhor ir lá ou contar história ou vir até aqui pra ouvir história né? É, como que o senhor acha que o senhor contribuiu pra manter essa cultura do nosso jeito, do nosso povo?

Pedro Vitorino: Hoje, hoje eu vejo assim contribuição enrolado mesmo. Eu gostaria de sempre estar contribuindo com a área educacional lá né Não tenho mais aquela força de chegar e falar vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Inclusive, queria criar ali, uma biblioteca. Eu tava com tudo na mão, convidei os caciques e não me deram esse apoio. Meu filho chegou e falou, lá em São Paulo, numa creche “_ ó pai eu arrumo tudinho os livros que o senhor precisar lá. Me manda pra mim, só mandar pra mim como vai ser feito essa biblioteca”. Eu queria restaurar aquela ali, ali onde era a escola. Forrá, fazer, aumentar mais uma sala e livro a gente consegue. Aí falta apoio. Só falta o apoio, pra mim falar vamos fazer, vamos. Só isso.

Eliane: Então, mas assim, eu vejo assim que talvez esse seja o momento, mas o senhor naquele tempo quando tinha é dava aula, a sala era do senhor. O senhor comandava, o que o senhor fazia pra esses alunos ter orgulho de ser o que eles era?

Pedro Vitorino: Ser o quê?

Eliane: De ser o que eles eram, o senhor acabou de contar que tinha essa questão de chamar de bugre, como o senhor ajudava ele se sentir [...]

Pedro Vitorino: Eu ajudei dizer que índio, somos um grupo que nós, aquele grupo que nós já viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses né? E nós, por ser índio, na hora que a gente é vai ser desprezado sempre. Então nós temos que procurar buscar, aprender a cultura deles também. Não desprezar a nossa, mais sempre ficar com ela e permanecer sempre e aprender com eles também. Aprender a conversar com os brancos. [...] pra não ser discriminado.

Eliane: A explicação que o senhor fala Terena?

Pedro Vitorino: Eu aprendi um pouco lá quando eu voltei da aldeia, mas não [...]

Eliane: Então a explicação naquela época não era em Terena, era em português?

Pedro Vitorino: Português. E eu queria aprender, aprendi lá quando cheguei e aprendi muitas coisas. A falar em português, falo. Servi de intérprete uma vez em Brasília quando nós, me convidaram pra fazer um curso lá. Eu entendo, mas muitas coisas eu não falo. Falar corretamente eu não consigo.

Eliane: Mas então o senhor, os alunos daquele tempo compreendiam bem o Terena?

Pedro Vitorino: compreendiam.

Eliane: Falavam também?

Pedro Vitorino: Tinha poucos que falavam. Bem pouco. Tinha uns que falavam bem mesmo, tinha uma meia dúzia ali que falavam bem. Outros falavam meio atrapalhado. Era, tinha que ter paciência com eles. Tinha o Valentim, tinha o Elias... Você não conhece né?

Eliane: Não senhor. [...] Então acho que é isso, o senhor lembra mais de alguma coisa que o senhor quer falar?

Pedro Vitorino: Não, parece que não.

Eliane: Parece que não. Então está certo.

Pedro Vitorino: Acho que não to preparado viu?

Eliane: Imagina, porque o senhor acha que está preparado?

[...] Pausa

Pedro Vitorino: Eu trabalhava em fazenda. Era assim como se fosse escravo né? Daí trabalhava e me minha mãe e meu pai trabalhava na fazenda e vieram trazer [...] porque o SPI foi criado em 1910. Não sei se você sabe disso. 1910 foi criado o SPI, então ai começou as [...] uma garota, funcionária lá do Rio de Janeiro, veio recrutá gente que estava na fazenda e trazer para a área que foi escolhido pra eles, reservado para eles. É o caso aqui da Água Branca. Aí que trouxeram os primeiros moradores que fecharam a área ai, foi os meus avós. Ai o Capitão Evaristo que foi meus cacique, que trabalhou até fechar a área. Quando terminou de fechar a área ele morreu. Tinha uma epidemia de febre amarela e ele morreu naquela época. Esse Capitão Vitorino, que quase ninguém tem conhecimento dele. O Capitão Vitorino era capitão mesmo, era do exército, só que ele foi promovido pra aquela guerra contra o Paraguai. Pelo ato de braveza foi promovido a Capitão. Tenho o quadro dele, só que está aqui comigo, está a cavalo. Espada na mão. Ele se chama Joaquim. Não é que ele era Cacique, era Capitão mesmo.

Eliane: Capitão do exercito?

Pedro Vitorino: Sim. Mas alguma coisa?

Eliane: Não né? Acho que é isso mesmo?

FIM

Ficha catalográfica

Lima, Eliane Gonçalves de
L732p A pedagogia Terena e a criança do PIN Nioaque: as relações entre família, comunidade e escola / Eliane Gonçalves de Lima; orientação Adir Casaro Nascimento. 2008
174 f. + anexos

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mestrado em educação, 2008.
Inclui bibliografia

1. Educação indígena
2. Alfabetização de índios - Processos próprios
3. Índios do Brasil - Educação. I. Nascimento, Adir Casaro II. Título

CDD-371.97981

Bibliotecária responsável: Clélia T. Nakahata Bezerra CRB 1/757